

A Defesa Nacional



**DEZEMBRO
1945**

**NÚMER
37**

CEL. RENATO BATISTA NUNES

CEL. LIMA FIGUEIREDO

MAJOR JOSÉ SALLES

RIO DE JANEIRO

B R A S I

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXIII

Brasil — Rio de Janeiro, Dezembro de 1945

N. 379

SUMÁRIO:

	Pags.
Editorial	763
Estudo Histórico Geográfico do México — Gen. Onofre Muniz Gomes de Lima	767
(O Moderno Material da Engenharia Norte-Americana) — Trad. do Cel. Paulo Mac Cord	779
Excertos — Trad. do Cel. Renato B. Nunes	797
Relato da Atuação da F. E. B. no Teatro de Operações da Itália — Major Nelson R. de Carvalho	819
Organização do Serviço de Saúde do Exército Norte-Americano nos Teatros de Operações — Cap. Médico Dr. Saulo Teodoro Pereira de Melo ..	849
Dicionário Militar Brasileiro — Cap. Otávio Alves Velho	883
O Salão de um Ministro em 1830	907
Segunda Missão e Pausa, do Pelotão de Minas do Regimento Sampaio na Guerra — 1.º Ten. José de Freitas Lima Serpa	911
Escola de Sub-Oficiais — Cap. Rui Alencar Nogueira	925
Livros Novos	931
Revistas em Revista	941
Noticiário & Legislação	945

EDITORIAL

Mais um ano que se finda, e outro que começa; mais um marco ultrapassado pela humanidade nò seu eterno caminhar, do conhecido para o desconhecido, através do tempo e do espaço infinitos.

Marcha lentamente a imensa caravana, do berço para o túmulo, os pés ligados à terra, o espírito na ânsia perene de ascender ao incognoscível, de fugir à prisão da matéria, que limita e perturba a compreensão das causas primárias e da finalidade do homem e das cousas. E luta o homem, luta sempre, e sofre, em meio à impassibilidade e indiferença das cousas materiais que o cercam. Cai e se reergue, desfalece às vêzes e se reanima depois, enquanto lhe guia os passos a luz cariciosa e reconfortante que a esperança lhe acende n'alma. Não se conforma com a idéia de que a vida seja apenas

um relâmpago diante da eternidade, mas que parece uma eternidade quando o sofrimento lhe amargura o mundo interior. O esforço constante, a luta sem tréguas que custa a outrem tirá-lo da inconsciência e da ignorância inata dos primeiros tempos de sua existência, e que lhe cumpre continuar depois, até atingir a compreensão e a produtividade da madureza, a vida, enfim, será apenas tudo isto? Aceita a luta que abrevia o, já de si, infinitamente pequeno da existência, mas não se quer convencer da inanidade de tanto esforço.

Apela, então, para o imaginário, e sente-se feliz, ou, quando menos, reconfortado, quando a imaginação o conduz à fé, em outros destinos extraterrestres, onde a vida se renova, se perpetua; e foge, assim, ao terror do nada, ao desconsolo da extinção total e sem remédio, de todas as aspirações, de sua personalidade. E, à semelhança do Natal do Homem-Deus, que rasgou à humanidade novos horizontes de esperanças, ele, o homem-terreno, irredutivelmente inconformado à idéia de

que a desagregação da matéria arraste consigo a extinção do espírito, cria, em seu mundo interior, outro natal: a crença na eternidade da existência. A fé na infalibilidade de uma justiça superior lhe dá novo alento para a luta; sabe que o sofrimento é o tributo pago pelo aperfeiçoamento do espírito, pelas recompensas futuras. Torna-se, então, mais rigoroso para consigo, e mais tolerante para com seus companheiros de jornada terrestre.

Ora, porque a comemoração do Natal da cristandade, evocador de uma sobrevivência estimulante e consoladora, predispõe os espíritos aos sentimentos de esperança e fraternidade, e ocorre nos últimos dias do ano, compreende-se que seja esta a data consagrada à expansão recíproca dos bons desejos, dos votos de felicidade, que a humanidade troca entre si, em todos os recantos do mundo cristão. Desejar sinceramente o bem para outrem, já é, de certa maneira, fazer o bem.

E' o Ano Novo, o Ano Bom. Que assim seja para os nossos estimados leitores e amigos.

Explicação Necessária

Causou natural estranhêsa o aparecimento em nossa Revista de outubro-novembro, distribuida em fins dêsse último mês, duas publicações referentes ao ex-detentor da presidência da República, e ao ex-interventor no Estado de São Paulo.

Essas publicações, que são matéria paga, já haviam sido autorizadas e pagas desde o mês de setembro, à empresa que, em virtude de contrato, tem exclusividade para angariar anúncios, propagandas, etc., e deviam ser publicadas na Revista de outubro que, normalmente, se distribui nos primeiros dias de cada mês.

O atraso de mais de um mês, com que tem vindo a lume nossa Revista, e contra o qual têm sido baldados todos os esforços para suprimí-lo, pois decorre do acúmulo de serviço existente em tôdas as empresas editoras do Rio, deu causa à extemporânea publicação, tanto mais quanto a revisão da matéria paga não é feita pela direção da Revista.

Estudo Histórico Geográfico do México

Gen. ONOFRE MUNIZ GOMES DA SILVA

(Conclusão)

IV

As indústrias de transformação no México podem ser classificadas em :

Alimentícias,
Têxteis.
De vestuário e habitações,
Metalúrgicas,
Químicas, e
Elétricas.

As alimentícias são numerosas e se grupam em: farinheira, açucareira, panificadora, cervejaria e alcóoleira, vinícula.

Há moinhos de trigo em todo o país, porém os empórios da produção de farinha são México e Veracruz.

Produção no triênio 1936/38: 326.700 toneladas.

Em Puebla, Veracruz, Tamaulipas, Sinaloa, Morelos, Michoacán e Jalisco estão as usinas de açúcar, mais importantes e modernas. Existem mais 85 usinas.

Produção no triênio 1936/38 : 4.176.800 toneladas.

Em todos os Estados se fabricam álcoois de cana, de maguey, de uva ou de grãos, existindo mais de 2.000 destilarias. Fabrica-se aguardente principalmente nos Estados de Veracruz, Chiapas e Jalisco; licores no Distrito Federal, Jalisco e Coahuila; cerveja abundantíssima e de boa qualidade em Monterrey,

Orizaba, México, Ciudad Juárez, Guadalajara, Sonora, Baixa-Califórnia, Toluca, Sinaloa, Coahuil e Chihuahua.

A vinicultura vem desenvolvendo-se de forma auspiciosa depois que o Govêr^{no} começou a fomentar a cultura da vinha. Os vinhos da Baixa-Califórnia (Santo Tomás), da Ciudad Juárez, Parras e Aguascalientes, têm grande aceitação no país.

A bebida indígena é o "pulque" que se fabrica do maguey, do qual se faz também aguardente. (Tequilla).

Os azeites vegetais que se fabricam mais são : de semente de algodão, de côco, amenduin, etc. Proximamente será apreciável produtor de azeite doce e azeitonas pois ha im^{en}ses plantios de oliveira, no noroeste.

Em vários lugares se fabricam massas alimentícias, doces, chocolates, bôlos, biscoitos, etc.

Entre as indústrias alimentícias derivadas do reino animal se contam: presuntos, salames, salchichas, linguças, queijos, manteiga, conservas de carne, de peixe e de mariscos.

Fiam-se e tecem-se no país lã sêda e muitas fibras vegetais principalmente algodão, linho, canhamo, palma, ramio, yute, ixtle e henequén (pita).

A indústria algodoeira supera muito as demais em importância; dela vivem milhares de famílias. Emprega anualmente mais de 60 mil toneladas de algodão. Produz principalmente : tecidos, mantas, percais, estampados (chitas) etc. Os maiores centros estão em México, Puebla, Guadalajara, Mazatlán, Atlixco, Rio Blanco, Juanacatlán, Orizaba e Torreón.

Vem em segundo lugar a de Lãs, cujos produtores mais importantes estão no Distrito Federal, Tlaxcala, San Luis Potosí, Durango e Saltillo e Puebla. Saltillo e Puebla são especialistas em alfombras, tapetes, "sarapes" (espécie de tapetes para mesas e paredes).

A de seda vem prosperando bastante. Fabricam-se "rebozos" (tradicional "chale" mexicano), chales comuns, meias e fazenda em peças. Os principais centros produtores — são México (Tenancingo) e San Luis Potosí (Santa Maria).

Com o "henequén" (pita) fabricam-se alfombras, cordas, rêdes, sacos, cêstas, chapêus, calçado, etc. Suas indústrias estão

localizadas em Yucatám. Com o yute obtem-se vários dos objetos anteriores e mais: mantas, tecidos e tapetes. E' trabalhado principalmente em Guanajuato, onde se produzem também artigos de fibra de palmeiras. O ramio é empregado para fabricar rêdes, cordas e especialmente papel.

As indústrias de vestuário vão desenvolvendo-se com alguma celeridade e pode-se considerar que a massa e a quasi totalidade da classe média já se vestem e calçam com artigos feitos no país. A maior porcentagem dos estabelecimentos de produção de roupas se localizam no Distrito Federal. Veracruz fabrica impermeáveis. San Luis Potosí é grande fabricante de roupas para trabalho dos obreiros. O calçado tem seus maiores centros de produção no Distrito Federal, Guanajuato, Zacatecas, Jalisco, Coahuila, Nuevo León e Puebla.

Nas indústrias químicas o avanço é grande, particularmente nos últimos tempos em que os norte-americanos estão invertendo enormes capitais no ramo e abrindo sucursais de suas fábricas no México. Produz-se nos seguintes ramos: laboratórios e medicamentos, munições, papel, polvora, vernizes e tintas (inclusive para imprensa), vidros, cristais, cerâmica, porcelanas, louças, sabões, velas, graxas e pomadas perfumes fósforos, colas cortumes, amido, etc.

Quanto ao valor produtivo atualmente ainda é a indústria de sabões a mais importante. Suas fontes de produção se radicam em Durango (Gomez Palacio), Coahuila (Saltillo), Distrito Federal, Guanajuato, Jalisco, (Guadalajara e Ciudad Guzmán) e Nuevo León (Monterrey). E' possível que dentro em breve a do cimento — que está estabelecendo fábricas em cerca de dez Estados, para, dispensando grandes percursos e meios de transportes, abastecer, por Zonas, o território — se nivele com ela ou mesmo a ultrapasse.

O vidro é fabricado principalmente em Monterrey — que é igualmente o empório do ferro e do aço. Também o produzem em escala considerável Guadalajara, Tlaxcala e Puebla.

O curtume de peles é bastante explorado em Guadalajara, Monterrey, Irapuato, Mazatlán, León e principalmente na Capital Federal.

Na cidade do México já existe uma grande fábrica de papel (San Rafael). Há outras nos Estados.

Já se produz cimento no Distrito Federal (mixcoac), Cerro Azul (Hidalgo) e Monterrey (Nuevo León).

O amido se produz em Aguascalientes.

É grande o progresso alcançado nas porcelanas, vidros e cristais e cerâmica, cujas fontes de produção situam-se no Distrito Federal e nos Estados de Nuevo León, Puebla e Jalisco. Merecem referências as louças de Talavera, cujos motivos recordam influência árabe.

A importância da metalurgia no México é muito grande e nela há de pôr-se em relêvo a siderurgia de que Monterrey é um grande empório, pois dispõe de altos fornos com capacidade de 500 mil toneladas anuais (Compañia Fundidora de Hierro y Acero). A da prata, porém, ainda é a metalurgia mais absorvente à qual se aplicam importantíssimos capitais. Sua usina principal é a de Loreto em Pachuca.

Ultimamente voltou a ter grande atividade a extração e metalurgia do ouro, de que o país dispõe hoje de grandes reservas em moedas e barras. Embora a exportação tenha passado a ser controlada a compra é livre.

As fundições de cobre mais importantes situam-se em Cananea (Sonora) e Santa Rosaliá (Baixa Califórnia).

O chumbo, como sub-produto da prata é obtido em usinas localizadas em acatecas Mazapil, Zimapán, Fresnillo e Chihuahua.

Os centros metalúrgicos mais notáveis são: Pachuca, Real del Monte, San Luis Potosí, Torreón, Asareo, Monterrey, Etzatlán e Matehuala.

Há no país mais de 500 usinas de beneficiamento de minérios — que todavia se exportam muito.

São numerosas as empresas que se dedicam à produção da energia elétrica. Conforme às estatísticas, há cerca de 1.300 usinas elétricas que se repartem em: de serviço público 640, de serviço particular 510 e mixtas 150. A capacidade total é aproximadamente de 700.000 kilowatts, e a energia anual produzida soma cerca de 2.600.000.000 de kilowatts-hora. O que

se está construindo — juntamente com o projetado — permite antever que tal potência será dobrada talvez antes de dez anos.

As usinas atuais são hidroelétricas e termoeleétricas.

A energia elétrica anualmente produzida emprega-se: 82% em força motriz, 16 % em luz e 2% em calefação.

Há seis grandes companhias de eletricidade :

1.^a — Compañia Mexicana de Luz y Fuerza Motriz, com cinco subsidiárias que juntas produzem 230.000 kilowatts e fornecem energia elétrica ao Distrito Federal, e aos Estados de México, e Hidalgo e parcialmente aos de Michoacán, Puebla, Guerrero e Morelos. Suas usinas mais importantes são: Necaxa (90.000 kilowatts), Tepuxtepec, (50.000 K.W. e Nonoalco (30.000 K. W.).

2.^a — Compañia Agrícola y de Fuerza Elétrica del Rio Conchos (Chihuahua) com a qual coopera a Compañia Nacional de Eléctricidad, que distribuem mais de 65.000 K.W.) e “Rosetilla” (10.000 K.W.); ed a Cia. Nacional: “Francke” (27.000 K.W.). A Cia. Nacional ainda tem usinas nas cidades de San Luis Potosí (6.000 K. W.), Aguascalientes (3.200 K.W.) Saltillo, Zacatecas e Durango.

3.^a — Compañia de Tranvias, Luz y Fuerza de Puebla, com três subsidiárias que juntas produzem 48.000 K.W. e dão energia aos Estados de Puebla, Tlaxcala, México e Veracruz. A usina principal é “Tuxpango” (33.600 K.W.).

4.^a — Compañia Elétrica Chapala, com capacidade de 25.000 K. W. Fornecedora do Estado de Jalisco. Usinas principais: “Puente Grande” (14.400 K.W.), “Las Juntas”, (8.700 K.W.) e Juanacatlán (1.000 K.W.).

5.^a — Compañia Hidroeléctrica Guanajuatense, formada pela Guanajuato Power Copany e Compañia Hidroeléctrica Queretana. Capacidade total — 25.000 K.W. Usinas principais: “Botello” (8.000 K.W.) e “Platanal” (6.500 K.W.). Atende os Estados de Guanajuato, San Luis Potosí, Querétaro, Michoacán e parte de Jalisco.

6.^a — Compañia de Transmisión Elétrica de Potencia del Estado de Hidalgo. Capacidade 65.000 K.W. Usina principal: Coacoyunga” (3.400 K. W.).

Além destas, são também importantes as seguintes usinas : "Andonegui" (18.000 K.W.) em Tampico, "Fresnillo" (12.300 K.W.) em Zacatecas e "Bellavista" (10.000 K.W.) em Nuevo León.

Os Estados que produzem mais eletricidade são : Nuevo León, Chihuahua, Puebla, Durango, Michoacán, Jalisco, Distrito Federal e Veracruz.

São ainda indústrias prosperas e volumosas :

Tabaco, com células industriais em todo o país. Dá trabalho a milhares de obreiros. As fábricas principais se encontram no Distrito Federal, Puebla, Veracruz, Toluca, Irapuato, Orizaba e Jalapa.

Gráficas, difundidas por todo o território, em que se destacam as Empresas Jornalísticas e Editoras, em cujos ramos México ocupa uma situação de relêvo no Continente.

Artes Populares, em que se expande a excepcional faculdade de expressão e a rara habilidade manual do povo, com centros principais nas cidades de México, Puebla e Guadalajara.

De borracha (câmaras, pneus e muitos outros artigos). De cera vegetal, de "chicle".

Madereira, em que se destacam as magníficas fábricas de móveis e as surpreendentes peças de escultura.

Toneleira, de grande extensão, para atender as necessidades da indústria petroleira. De carrocerias, particularmente de automoveis. Quasi todas as grandes fábricas de autos norte-americanas montam seus carros em seus "talleres" existentes no país, principalmente na cidade de México.

Apesar das grandes perturbações oriundas da guerra que cortou ao país suas correntes de intercâmbio com os numerosos e absorventes mercados europeus e asiáticos, o comércio exterior de México experimenta um de seus maiores surtos de prosperidade devido à excepcional receptividade do grande mercado yanque, que lhe compra toda a produção.

No ano de 43, fechou seu balanço com um "superavit" de cerca de 200 milhões de dólares. Este ano parece que as cousas se vão passar de modo diferente, porque a insuficiência da produção agrícola em grande parte consequente da desorganização

que a reforma agrária criou na vida do campo — obrigou o país a comprar e importar, por intermédio dos EE. U., enormes quantidades de subsistências (trigo, milho, feijão, arroz, conservas — derivados de leite, e até óvos).

Tal despesa que é parcela passiva no balanço em relação ao comércio exterior, torna-se ativa no interior, por isso que o que o Governo dispendeu comprando — readquire vendendo, havendo consequentemente compensação no encontro de cntas. Todavia seria preferível que o valor da referida parcela representasse disponibilidade no estrangeiro por não ter sido necessário o país comprar fóra aquilo que se podia fornecer a si mesmo. Além disso as grandes compras de maquinaria para a agricultura e indústrias, bem como a aquisição de artigos que o ano passado não era possível importar e que no decorrer dêste ano, devido à liberação, estão sendo-o, representam evasão de meios que irá diminuir o saldo vantajoso, obtido em 43.

Mas o que é incontestável é que a situação financeira mexicana, mau grado a inflação monetária e o altíssimo custo da vida (México é hoje um dos países de vida mais cara, muito mais que a dos EE.UU.; os preços subiram cerca de 300% nestes últimos três anos), é muito auspiciosa. Contribuem bastante para isso as enormes inversões norte-americanas, não só diretamente na participação dos negócios, como indiretamente através o turismo e as remessas dos trabalhadores mexicanos emigrados nos EE.UU, cujas duas quotas somam ao aproximadamente 70 milhões de dólares.

O comércio exterior se processa pelos chamados portos de altura e alfandegas fronteiriças.

Segundo as estatísticas, o comércio exterior diminuiu desde 1920 em que alcançou 1.251.8 milhões de pesos até 1932 em que só atingiu a 845.7 milhões de pesos. A partir de 33 tornou a aumentar até agora. Este acrescimento não foi só em tonelagem, mas também em valor. Todavia, calculado em dólares, o total do comércio exterior minguou desde 1937, devido a quebra do padrão dólar-peso de 3 pesos por dólar para 4.85. Ultimamente, em 1943, na época da renovação dos acordos comerciais mexicano-norte-americanos de fixação de taxa cambial, os financistas

mexicanos, através de vibrante celeuma em conferências e pela imprensa, pretenderam pressionar para voltar novamente ao tipo 1 por 3, mas os EE.UU. reagiram energicamente porque tal fato representaria enorme aumento nas despesas da guerra. A manobra mexicana visava aumentar as disponibilidades do país em dólares nos EE. UU., para no momento oportuno, em troca de determinada exportação, poder comprar mais maquinaria para equipamento e renovação de seus parques industriais e mecanização da sua agricultura, além de mais matérias primas para certas indústrias e manufaturas.

Comparando os valores das exportações com os das importações verifica-se sempre saldo favorável a México. Este "superavit" é, porém, um tanto aparente, de vez que a produção exportada paga em geral, primas às inversões do capital norte-americano que acionam as fontes produtoras.

Do total das exportações anuais cerca de 85% representa matéria prima, sobre tudo minérios e petróleo. As exportações de matérias vegetais e produtos manufaturados, embora relativamente pouco do total, são mais favoráveis porque deixam no país o lucro dos empresários.

São os seguintes os principais artigos de exportação: minérios e metais, como prata, ouro, zinco, arsênico, chumbo, cobre, mercúrio, estanho, etc.; petróleo e seus derivados; fibras: henequén (pita) e ixtle; café, bananas grão de bico, peixes, chicle, mariscos e gado vacum; couro cru, algodão. Isto mostra que a mineração e a agricultura são a base das exportações.

Em épocas normais (de paz) os principais compradores são: EE.UU. (60% do total) Gran Bretanha, Alemanha, França, Bélgica, Holanda, Itália, Suécia, Espanha, Japão e Dinamarca.

Atualmente os EE.UU. absorvem mais de 90 % da exportação.

Os EE.UU. compram: prata (mais de 100 milhões de pesos anualmente), petróleo, minérios, cobre, zinco, chumbo, estanho, mercúrio; café, chicle, gado vacum henequén e ixtle.

A Gran Bretanha: prata, petróleo, mercúrio e chumbo.

A Alemanha: petróleo, café, algodão henequén, couro cru, chumbo e zinco.

A França: café, prata, zinco e chumbo.

A Bélgica: asfalto, prata, mel, cobre e chumbo.

A Holanda: grão de bico, café, henequén e mel.

A Itália: petróleo e chumbo.

A Suécia: asfalto, chumbo e zinco.

A Espanha: café e grão de bico.

O Japão: chumbo e zinco.

A Dinamarca: torta de carôço de algodão e chumbo.

São principais artigos de importação: máquinas, aparelhos e ferramentas para a agricultura, indústria, mineração e para as artes; automóveis, caminhões, "chasis", sobressalentes, tubos, molas de ferro e de aço, fio e tecidos de seda, fio e tecidos de algodão, fio e tecido de lã, medicamentos, produtos químicos, anilinas pasta para papel, papel para imprensa, borracha natural, couros curtidos, bebidas, conservas, biscoitos.

Como se verifica predominam produtos manufaturados, o que evidencia a insuficiência das indústrias nacionais.

Em época normal os EE.UU. concorrem com 63% das importações. Atualmente com mais de 85%. Vêm depois em posição muito secundária: Gran Bretanha, Alemanha, França, Espanha, Itália, Suécia, Bélgica, Japão, Suíça, Canadá e Holanda.

Importam :

Dos EE.UU. : automóveis, caminhões, maquinária, ferramentas, petróleo e seus derivados, cereais, tubos, molas, folha de flandre, aparelhos de rádio, películas fotográficas, soda caustica, cianuretos, medicamentos, tecidos de seda e lã para roupas de homens e senhoras, modas femininas e masculinas, meias, perfumes, calçados, chapéus, conservas, bebidas, biscoitos, artigos de eletricidade e de borracha etc.

Da Gran Bretanha: tecidos de lã e algodão, fios, peles de abrigo, couro cru e tubos de ferro.

Da Alemanha: maquinária e ferramentas, vernizes e anilinas, produtos farmacêuticos e químicos, encanamentos de ferro, cabos metálicos, fio de seda, papel e lúpulo.

Da França: vinhos e licores, medicamentos, perfumes e tecidos de seda.

Da Espanha: vinhos, licores e sidra; azeitonas, azeite doce, amendoas, conservas de peixe e mariscos e livros.

Da Itália: Seda artificial, produtos químicos e farmacêuticos e mármore.

Da Suécia: pasta de celulose, geradores e motores elétricos, aparelhos telefônicos e arame.

Da Bélgica: vidros, cristal plano e seda artificial.

Do Japão: Seda artificial, artefactos de celuloide, papel "celofan" e escovas.

Da Suíça: Relógios, anilinas e vernizes, azeites essenciais, seda artificial e queijo.

Do Canadá: papel para imprensa e pasta de celulose para fabricar papel, cianuretos alcalinos, cevada e couros curtidos.

Da Holanda: Queijos, presuntos, seda artificial, amidos e féculas.

Das quatro frentes — fronteira com os E.E.UU., fronteira com a Guatemala, litoral Atlântico e litoral do Pacífico — por onde se processa o comércio exterior, atualmente (período de guerra) a mais ativa é a primeira. Em época normal é a do litoral do Golfo do México, que, então, absorve 90% da circulação.

Principais portos de exportação: Tampico, Veracruz, Puerto México, Progreso, Alvaro Obregón, Campeche, Tuxpan y el Carmen, no Golfo de México; Cretumal e Cozumel, no Mar das Antilhas; e Manzanillo, Mazatlán, Santa Rosália, Yavaros, Ensenada, Guaymas, Puerto Angel, Acapulco, Salina Cruz, Topolobampo, La Paz e San José del Cabo, no Pacífico.

Na fronteira do norte há 18 postos alfandegários; os principais são: Matamoros, Nuevo Laredo, Piedras Negras, Ciudad Juárez, Agua Prieta, Nogales, Naco, Mexicali e Tijuana.

Na de S. E.: Soconusco e Comitán, na de Guatemala.

A atividade e desenvolvimento do comércio interior está na razão direta da facilidade de comunicações. Apesar de grande interesse e enorme esforço desenvolvido pelos governos mexicanos para acelerar o estabelecimento de comunicações rápidas —

ferroviárias e rodoviárias — as dificuldades de circulação da produção ainda são muito grandes, devido à escassês de estradas e sôbre tudo ao mau funcionamento das vias-ferreas, principalmente dos "Ferrocarriles Nacionales". Assim, o commercio interior — que sob o ponto de vista de interêsse nacional é muito mais importante do que o exterior, porque deve ser a base segura da vida autônoma da Nação — está muito aquém do exterior.

As grandes cidades, como Guadalajara, Torreón, Mérida, Monterrey, Puebla, Tampico e Veracruz e os povoados situados ao longo das ferrovias e carreteiras, são os mais favorecidos. Atraem para seus mercados muitos produtos agrícolas e vendem facilmente sua produção industrial. Nelas estão os grandes armazéns por atacado. A cidade do México, particularmente, com sua grande aglomeração humana, é sem dúvida o maior centro consumidor da República. Numerosos municípios próximos ou afastados, abastecem-na diariamente de toda espécie de hortaliças, legumes, leite, carne, peixe, ovos, queijos, manteiga, frutas, etc.

Contrariamente as regiões meridionais que dão para o Pacífico, a península yucateca, as planícies tabasquenhas e outras zonas que contam com poucas comunicações, geralmente só produzem para o consumo local, e quasi não contribuem para o comércio interior.

Cia. de Importações, Industrial e Construtora

C. I. I. C.

Avenida Nilo Peçanha, 155 — 4.º andar

RIO DE JANEIRO

(O Moderno Material da Engenharia Norte - Americana)

(Pelo General de Brigada JOHN W. N. SCHULZ, Presidente do Conselho de Engenharia do Exército dos Estados Unidos.)

(Traduzido da revista THE MILITARY ENGINEER, de abril de 1945, pelo Cel. PAULO MAC CORD.)

A presente guerra está sendo travada na era da mecânica e da aeronáutica. Muitas circunstâncias se combinaram para impôr grandes e extraordinárias condições ao material de Engenharia das nossas forças armadas. Entre elas se encontram as grandes linhas de comunicação, o rápido deslocamento das unidades, a incessante necessidade de construção de novos campos de pouso, o colossal crescimento das máquinas de guerra de todos os tipos, em número, peso e tamanho, o aspecto anfíbio de algumas das nossas operações ou o ambiente selvoso ou tropical em que se realizam, as regiões frias e montanhosas em que outras se desenrolam, os largos e rápidos rios a serem atravessados, as minas e os obstáculos a serem ultrapassados em água e em terra firme, a grande carência de mapas referentes às zonas de combate e aos teatros de operações e o transporte, por terra, mar e ar, do combustível e de outros artigos destinados às nossas forças combatentes. A provisão de semelhante material à nossa tropa, o melhoramento dos elementos já existentes e o planejamento de novos artigos de acordo com a evolução da arte da guerra constituem a precípua atribuição do Corpo de Engenheiros.

Para tal torna-se necessária uma organização de Engenharia capaz de realizar de maneira contínua, eficiente e cuidadosa, trabalhos de pesquisas e planejamento. Junto ao Chefe do Corpo de Engenheiros, o assunto é tratado pela Divisão de Evolução de Engenharia, sob a direção e controle do Assistente do Chefe do Corpo de Engenheiros para o Planejamento da Guerra.

O Conselho de Engenharia, localizado em Fort Belvoir, Virgínia, 30 quilômetros ao sul de Washington, é o principal elemento de que dispõe o Chefe do Corpo de Engenheiros para os trabalhos acima mencionados. Suas principais atribuições resumem-se nas seguintes:

executar o planejamento de novos materiais de Engenharia; dar parecer sobre os artigos submetidos à sua apreciação pelo Chefe do Corpo de Engenheiros; organizar e submeter à aprovação da mesma autoridade as instruções concernentes ao melhoramento do serviço de Engenharia; exercer supervisão técnica sobre trabalhos executados por outras fontes autorizadas ou designadas pelo Ministério da Guerra para auxiliar o Conselho de Engenharia no planejamento dos novos materiais que lhe dizem respeito, e, finalmente, fabricar ou adquirir

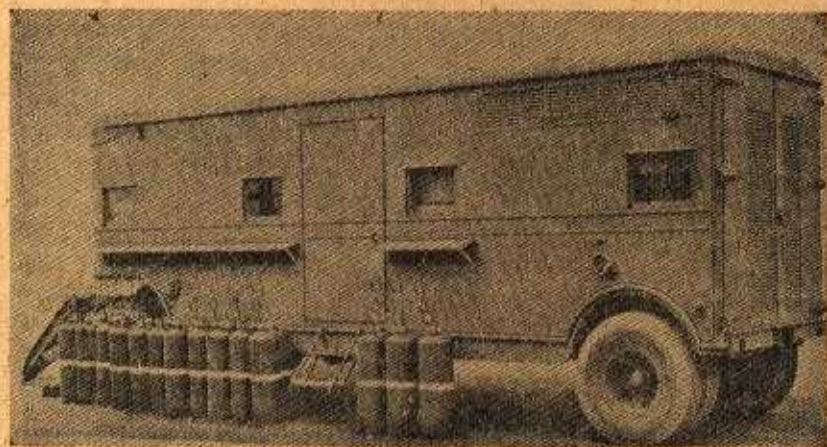


Fig. 1 — CONJUNTO GERADOR — CARREGADOR DE GAS ACETILENO
— Algumas campanhas, inclusive a da Itália, mostraram que uma das ferramentas mais valiosas da Engenharia é o archote de acetileno, sem o qual o trabalho da recuperação nas áreas tomadas ao inimigo ficaria virtualmente paralisado. A soldadura em campanha requer grandes quantidades de acetileno. Afim de satisfazer a essa necessidade o conjunto móvel de produção de gás da figura acima, que pode gerar centenas de metros cúbicos daquele elemento por hora, foi adotado.

artigos de equipamento militar, como fôr determinado pelo Chefe do Corpo de Engenheiros.

Oficiais que entram em contato com os trabalhos do Conselho de Engenharia muitas vezes se surpreendem com a grandeza e variedade dos planos de criação e dos melhoramentos executados pelo pessoal do Conselho e a grande influência exercida pelo esforço desse órgão, sobre os êxitos das nossas tropas de Engenharia e sobre as forças armadas de modo geral. A maioria dos oficiais de Engenharia não teve tempo ou oportunidade de se pôr a par das atuais condições e possibilidades do Conselho de Engenharia e da multiplicidade de aspetos e profundo alcance dos estudos e planos de criação realizados pelo mesmo sobre quase tôdas as espécies de material de Engenharia e respectiva atividade.

ANTECEDENTES

Antes da organização do atual Conselho de Engenharia, houve diversos Conselhos de Engenharia com atribuições variáveis e esferas de atividade diferentes. Até 1870 existia em Willets Point (agora Fort Totten), New York, um Conselho de Engenharia cuja missão era examinar todos os novos artigos introduzidos, inclusive pontes, material de destruição, torpedos e minas submarinas. Integrado naquele antigo Conselho achava-se um distinto oficial de Engenharia do velho Exército, General de Brigada Henry L. Abbot, que permaneceu no comando do estabelecimento referido durante muitos anos. Esse Conselho conservou-se naquele local até cerca do ano 1900, quando foi transferido para Washington, ao ter ali fixada a sua sede a Escola de Engenharia. Em 1920, mais ou menos, o Conselho foi dissolvido, sendo substituído dois anos mais tarde pelo "Conselho de Equipamento de Engenharia", com sede em Fort Humphreys (agora Fort Belvoir), o qual se tornou o predecessor do atual Conselho de Engenharia.

Inicialmente, o Conselho em aprêço, conquanto possuísse extenso programa de atividades, não dispunha nem de instalações nem de pessoal adequados ao desempenho da missão. Progressivamente, entretanto, conseguiu ampliar os próprios recursos em material e pessoal, começando em 1939 a sentir a atuação do programa de emergência da Defesa Nacional. Um número sempre crescente de pedidos urgentes exigia que se desse, no mais curto prazo, uma organização completa a um estabelecimento destinado a permitir uma evolução técnica compatível com as necessidades, de maneira que o material de Engenharia, convenientemente revisto, pudesse ser prontamente obtido em abundância para o nosso Exército em expansão. Durante o ano de 1939, o pessoal civil do quadro de técnicos do Conselho duplicou e, no fim de 1941, tinha aumentado de quinze vezes.

Muitos oficiais de destaque do Corpo de Engenheiros serviram há anos passados no Conselho de Engenharia e nos conselhos que o antecederam. No decorrer da presente guerra, os Generais de Brigada Roscoe C. Crawford e Edwin H. Marks acumularam as funções de Presidente do Conselho de Engenharia com outras que já exerciam.

O ATUAL CONSELHO

Durante os meses de junho e julho de 1942, o pessoal do Conselho mudou-se para nova zona dentro do Fort Belvoir, passando a dispor de instalações mais adequadas, com esplêndido grupo de modernos edifícios e aproximadamente mil acres de terra. As vinte e três estruturas principais abrigam escritórios e salas de desenho, de-

pósitos, oficinas de máquinas, de motores, de serralheria, de pintura, de carpintaria, de modelagem, de eletricidade e de outras artes, assim como laboratórios e gabinetes para materiais, abastecimento d'água, fabricação de espelhos, temperatura fria e quente, motores, cinema, fotografia e reprodução de cartas. Também existem docas, uma enseada para exercicios de pontes, uma usina de aquecimento e instalações ferroviárias. Como complemento, uma zona para experiência de veículos motorizados e outra para a execução de destruições ficam finalmente reservadas nos domínios do Fort Belvoir, mas fora do terreno do Conselho.

Este é constituído do Conselho propriamente dito, integrado por membros nomeados pelo Chefe do Corpo de Engenheiros, e do Pessoal Técnico, do qual fazem parte oficiais e civis, juntamente com determinadas tropas de Engenharia, incumbidas de colaborar na realização das experiências. O Conselho propriamente dito formula diretivas amplas e de caráter genérico no sentido de orientar as ativi-

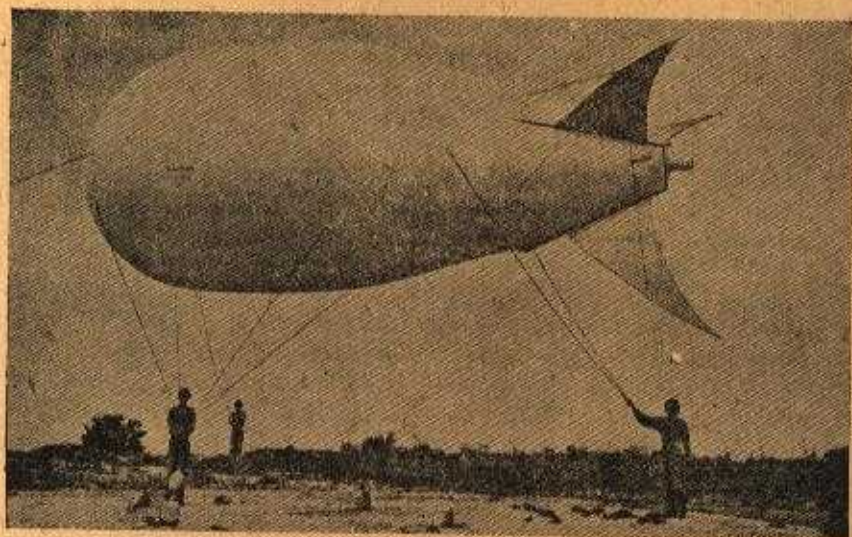


Fig. 2 — BALÃO DE BARRAGEM DE ALTITUDE MÍNIMA, TIPO M. 1 — Projetado para a proteção das cabeças de ponte, navios e outras instalações expostas contra a aviação inimiga voando a baixa altura, este balão de barragem assegura eficientemente processo de defesa anti-aérea.

dades do Pessoal Técnico, faz a revisão dos resultados dos trabalhos que visam a criação de material modernizado e apresenta as recomendações julgadas plausíveis ao Chefe do Corpo de Engenheiros. Esta revisão é feita tendo em vista, principalmente, a maneira pela qual os

resultados obtidos virão satisfazer às necessidades práticas das tropas de Engenharia e de outras armas que empregam equipamento da primeira.

Os membros atuais do Conselho são em número de seis, oficiais do Corpo de Engenheiros, todos com o tempo inteiramente tomado no cumprimento dos seus deveres: o Presidente, o Vice-Presidente e os Diretores das quatro Divisões Técnicas. O Conselho mantém ligação íntima com a Escola de Engenharia, à qual também presta sua colaboração, sendo que, até bem pouco tempo, o Diretor e o Vice-Diretor da Escola eram membros ex-offício do Conselho.

As tarefas de projetar, experimentar e adquirir os novos artigos do equipamento a ser introduzido, juntamente com os trabalhos administrativos correlativos, são da competência do Pessoal Técnico, organizado para isso em quatro Divisões Técnicas, às quais, tanto quanto possível, se atribuem assuntos interdependentes, em uma Divisão de Administração e em duas Seções isoladas: uma de Controle e Relatórios e outra de Legislação e Patentes. Em correspondência com a grande variedade de problemas a estudar no campo das pesquisas, planejamento de novos artigos e administração, a Divisão de Administração e as quatro Divisões Técnicas são divididas em Seções, cada uma das quais fica incumbida de um determinado setor técnico de engenharia ou de serviço. Há trinta Seções, subdivididas, por sua vez, em Sub-Seções destinadas às partes minuciosas do trabalho programado.

A organização interna do Conselho sofre alterações contínuas a fim de fazer face aos novos problemas criados pelo esforço de guerra. Quando uma fase de atividade guerreira torna-se de importância secundária, ou quando uma fase de trabalhos experimentais é completada, a mão de obra assim liberada é transferida para outras atividades que tenham assumido, por sua vez, importância mais essencial. Recentemente, devido às quantidades crescentes de equipamento inimigo capturado, foi criada uma nova Seção, com turmas de investigação em vários teatros, para estudar e coordenar as questões relacionadas com esse equipamento.

A grande variedade de especialistas necessários ao quadro técnico do Pessoal do Conselho, tanto militar como civil, pode ser avaliada pela simples enumeração dos numerosos tipos, radicalmente diferentes, de equipamentos e assuntos tratados: pontes fixas e flutuantes; motores e cascos de embarcações para trabalhos de pontes e travessia; construção de campos de pouso; equipamento para holofotes e geração de corrente elétrica; detetores de minas; grande variedade de equipamento mecânico e de construção; material e processos de camuflagem; demolições; balões de barragem; equipamento para abastecimento d'água; cartografia, topografia, fotografia aérea e reprodução

de mapas; equipamento eletrônico e de irradiação; material de transporte de engenharia; equipamento de produção de gás; tranvias, cabos aéreos e outros dispositivos de transporte para guerra de montanha; adaptação do material de engenharia aos climas tropicais e frios; análise, seleção e aperfeiçoamento de artigos destinados aos suprimentos

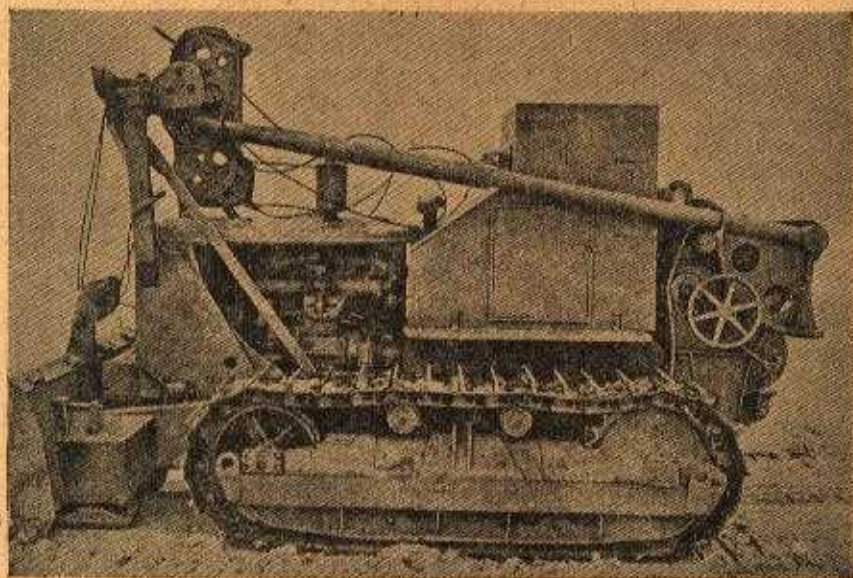


Fig. 3 — TRATOR DE PRAIA PARA EMPREGO GENERALIZADO NAS CABEÇAS DE PRAIA — Apresenta cinco vantagens: trator tipo normal, com varal para carga; extremidade posterior com gancho embutido para reboque de veículos pela praia; cabine completamente blindada para proteção do operador contra atiradores isolados; lâmina empurradora com quadro interno cortando em toda a largura e permitindo carregar o trator em embarcação de menor tipo; possibilidade de trabalhar dentro d'água, até 1,60 metro, mediante pequena modificação.

de engenharia e seu equipamento; transposição dos obstáculos colocados nas praias e sob a água; equipamento para distribuição de petróleo; equipamento de combate pelo fogo, etc.

Incluindo o pessoal de serviço necessário a uma organização desta espécie, o efetivo total do Conselho em dezembro de 1944 era de 148 oficiais, 2 sub-oficiais, 251 praças e 783 civis. Além disso, um certo número de unidades de tropa não especificadas é diariamente utilizado nos trabalhos técnicos de experimentações. Na verdade, abrangendo, como o faz, peritos civis em quase todos os campos de atividade da engenharia, juntamente com muitos oficiais possuidores de prévia experiência técnica de laboratórios, universidades e organizações de pes-

quisas técnicas, o Corpo de Engenheiros tem a felicidade de apresentar, no pessoal do Conselho de Engenharia, uma organização de engenharia e de pesquisas notavelmente capaz e equilibrada.

Como se depreende da enumeração acima feita, o termo "equipamento de engenharia" não é usado no sentido restrito de equipamento exclusivamente destinado a emprego pelas tropas de Engenharia. A Engenharia é responsável pelo suprimento de certos tipos de equipamento utilizados por outros ramos das forças armadas, tais como holofotes anti-aéreos, balões de barragem e material de camuflagem, e as atividades do Conselho de Engenharia incluem o aperfeiçoamento desses equipamentos. Conquanto o Conselho de Engenharia seja um elemento do Exército, o seu trabalho relaciona-se com o equipamento de engenharia e de outras tropas da Aeronáutica. Análogamente, parte de sua produção encontra aplicação na Marinha.

A fim de que o Conselho se mantenha em dia com as mais recentes idéias e realizações relacionadas com o progresso do material e verificadas em outros departamentos das forças armadas, estreita ligação, é mantida com os mesmos. O Ministério da Marinha, o Corpo de Marinha Mercante e a Guarda da Costa têm cooperado na experimentação de campos de aterrissagem portáteis para qualquer tempo e qualquer subsolo. O Corpo de Sinais, o Departamento do Material Bélico, o Serviço de Guerra Química, as Forças Aéreas, a Artilharia de Campanha, a Artilharia de Costa, o Comando das Forças Blindadas, o Comando da Artilharia Anti-Aérea, o Corpo de Intendentes e o Serviço Médico têm, também, cooperado para o planejamento do novo material.

Presentemente, o Conselho possui oficiais de ligação do Departamento do Material Bélico, Corpo de Sinais, Forças Aéreas do Exército e Corpo de Marinha Mercante, assim como do Real Corpo de Engenheiros Britânico. No mesmo sentido, uma ligação com o Exército Canadense é mantida através do seu Estado Maior em Washington. Contato freqüente e valioso tem sido também realizado, em casos especiais, com a seção de Engenharia do Estado Maior do Exército em Washington.

INSTALAÇÕES E CAMPOS PARA EXPERIÊNCIAS

Para desempenhar a sua missão no Fort Belvoir, o Conselho possui agora as instalações mais eficientes e modernas de todo o país. O Laboratório de Ensaios de Temperatura é um exemplo destacado e importante. No seu edifício é possível experimentar qualquer peça do equipamento de Engenharia e determinar, em poucas horas, como a maior maquinaria de construção ou o menor aparelho de tiro se comportará perante o frio seco e penoso do Polo Artico ou o clima quente

e úmido da Nova Guiné. Fornece temperaturas de ensaio de — 70 graus Fahrenheit até 150 graus, com teores de umidade que variam de 20 a 95 por cento e correntes de ar controladas capazes de atingir a velocidade de 24 quilômetros a hora.

A câmara de pressão permite reproduzir condições atmosféricas que variam do nível do solo até a sub-estratosfera.

Uma sala tropical, com muita umidade, ciclos apropriados de temperaturas altas e certo número de espécies de organismos de fungus tropical, foi instalada nêsse laboratório, a fim de permitir o exame do material mediante sua exposição às condições corrosivas e putrefacientes das regiões longínquas do Pacífico. Em quatorze dias, o Laboratório de Ensaio de Materiais do Conselho de Fort Belvoir pode relatar até que ponto uma peça de material destinado à camuflagem perderá a própria cor depois de permanecer durante seis meses em exposição ao clima mais rigoroso.

Quando há necessidade de filmar os diversos ensaios realizados pelo Conselho, o equipamento e o pessoal correspondentes permitem realizar com rapidez uma reportagem cinematográfica sobre o assunto.

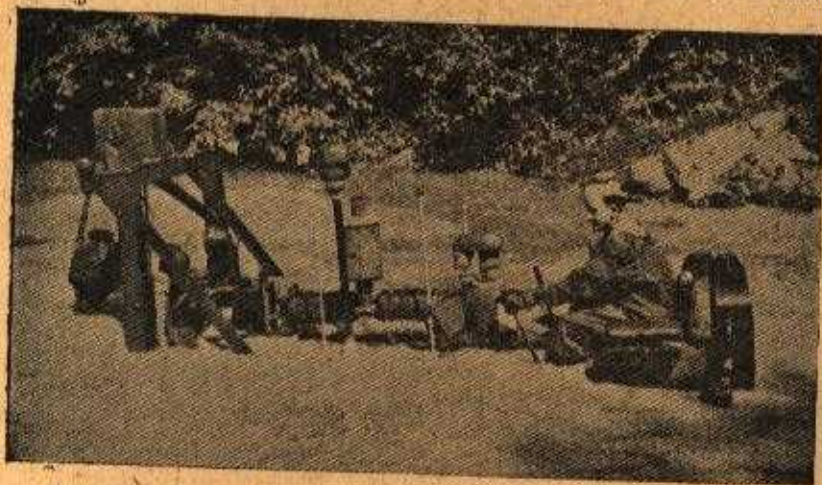


Fig. 4 — PROVA EXPERIMENTAL DE BULLDOZERS DESTINADOS A DESEMBARQUES ANFÍBIOS.

complemento muitas vezes indispensável e de valor incalculável ao exame do novo artigo introduzido.

A oficina de máquinas do Conselho tudo pode construir, desde um reboque de 20 toneladas até um novo acendedor de estopim a prova de tempo. Após a construção de novos tipos de reboques de Engenharia ou outros tipos especiais de equipamento automotriz, a pre-

ocupação do Conselho em Fort Belvoir é localizar as deficiências apresentadas e observar a duração do material.

Como é impossível obter em Fort Belvoir o terreno e as condições climáticas necessárias a atender aos requisitos práticos exigidos pelos ensaios de todas as variadas espécies de equipamentos em estudos, o Conselho criou em anos anteriores uma zona especial para provas de pontes no Rio Colorado perto de Yuma; uma seção de guerra de deserto na Califórnia do Sul; uma área de ensaios para equipamento especial de Engenharia destinado a guerra de montanha e regiões invernosas nas proximidades de Pando, Colorado; uma zona de ensaios para obstáculos costeiros ou subaquáticos na Flórida, operando em colaboração com o Conselho de Experimentação e Ensaios Misto do Exército e da Marinha; uma estação de prova para equipamento de destilação d'água em Fort Story, Virgínia; uma zona de ensaio de limpeza de campos de minas na Virgínia; estações ou grupos de experimentação de tubulações em Massachussets, na Floresta Nacional de Shenandoah, em Fort Belvoir, Flórida e Luiziana; grupos para experimentações anfíbias em Massachussets e Flórida; grupo para ensaio de balões de barragens em Tennessee, e uma seção em Wright Field, Dayton, Ohio, para colaborar com as Forças Aéreas no desenvolvimento da fotografia aérea na aplicação à cartografia militar. Essas instalações de campanha são organizadas e postas a funcionar até quando se tornar necessário aos trabalhos experimentais, sendo em seguida paralisadas, como já sucedeu aos grupos da guerra do deserto, guerra de montanha, balões de barragem, tubulações e algumas das experimentações anfíbias, por se acharem concluídas as suas missões.

No interesse da economia e da eficiência, utilizam-se sempre que possível os recursos em pessoal e material dos Escritórios Distritais de Engenharia e de outras agências do Corpo de Engenheiros esparsas pelo país. Grande parte dos ensaios referentes à resistência das redes para aterrissagem de aviões empregadas é executada para o Conselho pela Estação Experimental de Caminhos Sobre Água de Vicksburg, Mississippi, que dispõe de recursos para o pronto desempenho da missão. O escritório do Distrito de Memphis se encarrega do exame dos conjuntos geradores mecânicos.

PESSOAL PARA EXECUÇÃO DOS TRABALHOS

Em conexão, principalmente, com as estações encarregadas dos ensaios no terreno, e a fim de determinar as possibilidades de emprego dos equipamentos recém-estudados, o Conselho geralmente requisita a cessão de uma ou mais unidades de tropas de Engenharia. Antigas eram utilizados para as experiências das equipagens de pontes fixas

mente, um batalhão de pontes pesadas e uma companhia de pontes leves e flutuantes na zona para este fim especialmente destinada no Rio Colorado. Presentemente, um Regimento de Serviços Gerais de Engenharia italiano está encarregado desse programa de ensaios, e um Batalhão de Combate de Engenharia é empregado na Flórida, em co-

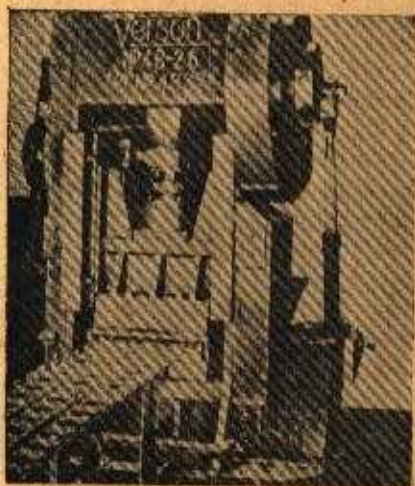


Fig. 5 — CONJUNTO DE RECUPERAÇÃO DE CHAPAS DE PISO DE AÇO PERFURADAS — Após longo uso, as chapas do piso de aço perfuradas adquirem uma formação permanente de encontro aos contornos do terreno, aí se adaptando e prestando bom serviço. Ao serem retiradas e levadas para outro campo, contudo, não se casarão às ondulações do novo terreno, tendo de ser rejeitadas. A máquina da figura acima recupera as chapas rejeitadas e acelera a nova montagem da rede de aterrisagem de chapas de aço perfuradas, restituindo a estas a regularidade e a forma e, além disso, limpando-as e pintando-as.

nexão com os trabalhos do Conselho de Engenharia e da Junta Mista de Experiências e Ensaios do Exército e Marinha.

Uma unidade especial de engenharia foi reservada ao Conselho para os seus trabalhos experimentais em outras áreas militares da Virgínia. Tropas do 1114.º Grupo de Engenharia de Combate, Fort Belvoir, são correntemente utilizadas para se encarregar dos trabalhos do Conselho no estabelecimento central. O Conselho é também freqüentemente auxiliado pelos ensaios realizados em certos casos pela Escola de Engenharia e pelo Centro de Treinamento das Forças do Serviço do Exército em Fort Belvoir. Análogamente tem sido prestada por vezes a colaboração do Centro referido em Campo Claiborne, Luiziana, na experimentação de tipos especiais de equipamento.

As Diretorias de Administração da Infantaria, Comando Blindado, Forças Aéreas e outros órgãos, bem como tropas adequadas de Enge-

nharia e demais armas são utilizadas para realizarem provas práticas a fim de determinar o valor, no sentido da aplicação militar, apreciando quaisquer deficiências, do equipamento recém-criado ou melhorado. De quando em vez é aconselhável enviar pequenas quantidades, por antecedência, desse equipamento, aos diversos teatros, a fim de serem submetidas aos pesados golpes do seu verdadeiro emprego, ao invés de se fabricarem, em larga escala, artigos duvidosos ou não experimentados, à custa do sacrifício de outros artigos já conhecidos e necessários. As críticas e os pontos de vista dos teatros são bem recebidos e cuidadosamente considerados na correção das deficiências encontradas e na determinação das bases do desenvolvimento futuro dos novos e dos melhorados equipamentos de engenharia solicitados pelas forças de campanha.

PROVISÃO

Os poderes para realizar fornecimentos por parte do Conselho de Engenharia acham-se limitados aos artigos em estudos. Mediante autorização especial do Chefe do Corpo de Engenheiros, para atender, via de regra, a alguma solicitação urgente, uma remessa extraordinária pode ser feita pelo Conselho de quantidade limitada de artigo recentemente estudado, antes que o projeto e as especificações definitivas estejam concluídos e os fornecimentos em larga escala possam ser efetuados pela Divisão de Abastecimentos do Corpo de Engenheiros.

A fabricação de modelos experimentais de novos equipamentos, conquanto realizada eventualmente nas oficinas próprias do Conselho em Fort Belvoir, é em muitos casos atribuída a fábricas particulares, mediante contrato. Os fabricantes são também freqüentemente chamados a cooperar no aperfeiçoamento de tipos de equipamento, ou mesmo a assumir a direção dos trabalhos nos casos de especialidade que lhes diz respeito. Quando as possibilidades do Conselho, tanto em pessoal como em instalações, ficam sobrecarregadas, firmam-se contratos com as organizações de engenharia comercial para a elaboração dos projetos e execução dos trabalhos de construção e ensaios normalmente a cargo do Conselho. Disso dão-nos exemplos recentes os serviços prestados por diversas firmas de engenheiros consultores no projeto de um novo e adiantado tipo de ponte flutuante.

As maiores sumidades científicas do país são regularmente solicitadas a auxiliar o Pessoal Técnico do Conselho, que para isso tem acesso às instalações, que utiliza, do Comité de Pesquisas da Defesa Nacional, do Conselho de Inventores Nacionais, da Academia Nacional de Ciência, do Comité Nacional de Aeronáutica e de outros departamentos científicos civis, principalmente para os trabalhos que requerem extensa pesquisa básica, para a qual se acham mais bem aparelhados,

tto em pessoal como em recursos de laboratório. O Laboratório de Pesquisas Naval, a Administração das Estradas Públicas, o Serviço Florestal, o Gabinete de Padrões e outros órgãos do Governo auxiliam de vez em quando o Conselho a desempenhar certas fases do seu trabalho. Os laboratórios das grandes companhias industriais bem como os departamentos de pesquisas de vários colégios e universidades espalhados pelo país, são chamados a ajudar o Conselho na solução dos seus problemas.

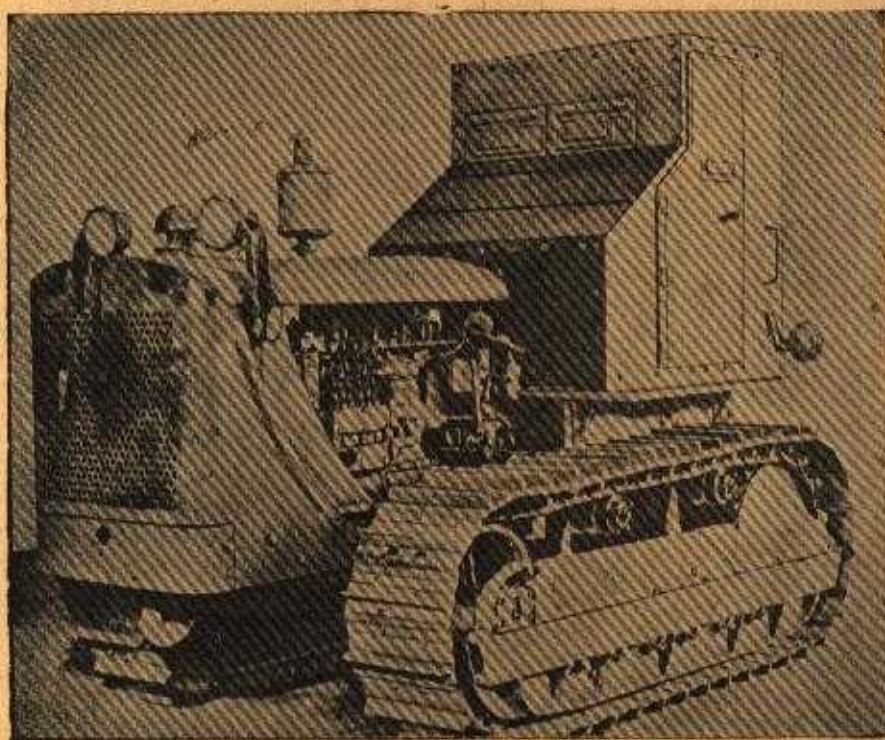


Fig. 6 — CABINE BLINDADA PARA TRATOR — Projetada para ser empregada no Pacífico Sul, onde os tratores se deslocam para a frente antes da eliminação dos atiradores isolados. Foram construídas cabines a prova de bala para quatro diferentes tipos de trator. A montagem das chapas pode ser feita em três horas somente com uma chave inglesa e um archôte de soldar. Passada a necessidade da proteção, as cabines podem ser desmontadas e empregadas em outra parte.

APERFEIÇOAMENTOS RECENTES

Durante os últimos anos, o Conselho de Engenharia aperfeiçoou um grande número de artigos de equipamento, alguns dos quais afe-

tarão materialmente o curso e o êxito das nossas operações de campanha. Falta espaço aos limites d'êste artigo para descrever com pormenores os esforços despendidos a respeito, os defeitos, as incertezas e as falhas removidas, a boa execução e os proveitos alcançados. Por outro lado, o aspecto importante de que se reveste os trabalhos militares de aperfeiçoamento não permite a divulgação de certas informações novas e interessantes.

Alguns equipamentos, contudo, já seguiram para a guerra e não necessitam mais ser mantidos em segredo. Uma recente publicação da THE MILITARY ENGINEER continha notícias a respeito dos seguintes valiosos e recentes aperfeiçoamentos: a rede de aterrissagem de pranchões perfurados de alumínio, de pequeno peso, destinada principalmente a ser utilizada quando há necessidade de ser transportada pelo ar; cabines blindadas para proteção de operadores de bulldozers; o tankdozer, agora reconhecido em toda a parte como uma das mais importantes armas dos processos de guerra norte-americanos; redes de camuflagem, para esconder ou disfarçar a artilharia, os aeroplanos, etc.; a serra circular movida a gasolina e transportável em dorso de animal; diversos tipos de equipamentos portáteis de produção de gás, para obtenção em campanha de oxigênio, nitrogênio e acetileno, equipamentos que pagaram incalculáveis dividendos de utilidade na Itália e alhures; o odôgrafo, instrumento útil e altamente apreciado para a indicação automática do percurso de viagem de um veículo; a melhorada ponte M2 de piso de aço, e o trem móvel de reprodução de mapas, completo laboratório fotográfico e gabinete de impressão litográfica sobre rodas, capaz de produzir até 20.000 mapas por hora, necessidade vital dos comandos e das forças em campanha.

Praticamente todos os americanos conhecem o destacado papel desempenhado pelos três grandes aperfeiçoamentos no equipamento da Engenharia (a melhorada ponte de piso de aço, o tankdozer e o sistema portátil de tubulação) em tornar possível o avanço gigantesco dos exércitos americanos pelo seio da França e da Bélgica até atingir e ultrapassar as fronteiras do Reich. O Conselho tem aperfeiçoado e projetado vários tipos de pontes fixas e flutuantes — passarelas para a infantaria, pontes para rodovias e ferrovias, pontes suspensas, de dimensões e resistência necessárias a atender as solicitações cada vez mais exigentes dos enormes e pesados engenhos de guerra com que os Estados Unidos se propuseram esmagar o inimigo e ganhar a vitória; holofotes anti-aéreos; espelhos leves para holofotes; variados tipos de detetores de minas e dispositivos para limpeza de campos de minas; um trator especial para praias; artifícios pirotécnicos; novos tipos de balões de barragem e acessórios; bússulas para uso individual e para veículos; aparelhos modernizados de levantamento para uso militar; a máquina de recuperação de pranchões perfurados, que permite dar

em campanha a forma primitiva à rede de aterrissagem, daí resultando grande economia nas despesas, para não falar no racionamento do aço aproveitado, na redução das diárias de trabalho, no melhor proveitamento das instalações de produção e na maior disponibilidade de praça de embarque nos navios que, de outra forma, seriam utilizados para transportar redes novas para substituir as estragadas; linhas e cabos aéreos de vários tipos, além de outros tipos de equipamento de guerra de montanha; unidades de purificação d'água acondicionadas em mochila e outros tipos profundamente melhorados de equipamentos de purificação d'água, de maior eficiência, para os teatros de operações; equipamento de refrigeração de campanha; lâmpadas portáteis para postos

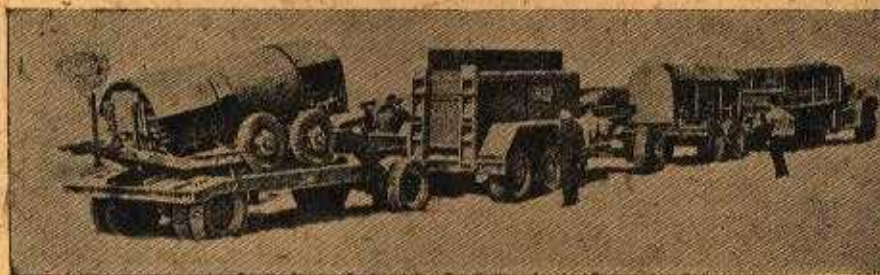


Fig. 7 — PNEUMÁTICOS DE BAIXA PRESSÃO NO CAMINHÃO E NOS DOIS PRIMEIROS REBOQUES. PNEUMÁTICOS COMUNS NO ÚLTIMO CAMINHÃO — Pneumáticos halão de tamanho extra com pressão relativamente baixa apresentam cerca de duas vezes maior que os pneus ordinários a área em contato com o solo. Com a carga assim distribuída sobre maior porção do terreno, têm menor probabilidade de afundar na lama, areia ou terreno mole. Praticamente, qualquer veículo, desde um "jeep" até um caminhão de carga, de 6 toneladas, pode ser equipado com pneus de baixa pressão.

de comando; tanques para acumulação de água e gasolina; equipamentos para perfuração de poços de vários tipos; reboques modernizados capazes de transportar equipamentos pesados de engenharia sob rodas ou desmontados; instrumentos especiais para destruir obstáculos sub-aquáticos ou colocados nas praias e para abrir brechas nas muralhas dos cais; flutuadores flexíveis, de borracha e materiais sintéticos, para botes de reconhecimento, balsas e pontes, etc.

Alguns dos equipamentos aperfeiçoados pelo Conselho acha-se fornecido a praticamente todos os órgãos das forças armadas, que os utiliza. A bússula lensática cheia de líquido aperfeiçoada pelo Conselho, serve de guia ao infante nas patrulhas noturnas. A rede de aterrissagem de pranchões perfurados tem permitido às Forças Aéreas, em áreas avançadas de muitos teatros, dispor de faixas metálicas de pouso e de campos de aviação em poucos dias, ao invés de semanas e meses. As unidades de purificação e destilação d'água em poder das

tropas de engenharia dão aos nossos soldados, de qualquer arma ou serviço, o abastecimento de água pura, sem o que o homem não pode viver. Os holofotes anti-aéreos permitem à Artilharia de Costa (anti-aérea) derrubar aparelhos inimigos durante a noite.

O fornecimento de enormes quantidades de gasolina e óleo necessários aos aeroplanos, carros e transportes motorizados nas nossas operações ofensivas, tornou-se um fator vital para a vitória. A fim de atender às solicitações previstas, os trabalhos de aperfeiçoamento do Conselho de Engenharia em conjunto com os interesses comerciais resultou na criação de um sistema de tubulação leve destinado a levar o petróleo em toda a extensão das estradas ou fora delas. Foi verificado que tanto como 16 quilômetros de tubulação de 4 polegadas pode ser estendida por dia, por uma única companhia de distribuição de petróleo, em condições favoráveis. Uma tubulação de 4 polegadas pode permitir a entrega de combustível em quantidades que, se transportadas por caminhões, exigiriam o serviço de certo número de batalhões de abastecimento de gasolina, número esse variável com a distância de transporte. Não é difícil ver porque na África, Europa, Burma e outros teatros de operações, a tubulação portátil pagou o seu tributo na prova crucial da guerra.

APERFEIÇOAMENTO DO PROGRAMA DE MANUTENÇÃO

Normalmente, o Conselho aperfeiçoa determinado item de equipamento com o objetivo de satisfazer uma solicitação definida. Contudo, antes da deflagração da presente guerra, o Conselho iniciou um programa completo de manutenção para o equipamento do Corpo de Engenheiros. Isso acarretou a padronização de oito tipos de caminhões de manutenção de engenharia, incluindo a seleção de ferramentas apropriadas, a preparação de tabelas de organização para a manutenção nos terceiro e quarto escalões, e o aperfeiçoamento e organização de um sistema de abastecimento de sobressalentes.

Em 1 de outubro de 1940, a 56.^a Companhia de Engenharia (Oficina Móvel) foi posta sob a supervisão técnica do Conselho a fim de experimentar o equipamento de manutenção e realizar trabalhos experimentais relacionados com um novo quadro de organização para companhias de manutenção.

Após longo estudo e preparação, o Conselho dotou a 56.^a Companhia de Engenharia com cinco tipos básicos de caminhões de manutenção móvel, destinando-a ao Primeiro Exército, durante as manobras do outono de 1941, a saber:

a) Caminhão de 2.½ toneladas, com ferramentas e equipamento soltos;

b) caminhão de 2. $\frac{1}{2}$ toneladas, com uma tomada de energia para acionar o equipamento;

c) caminhão de 2. $\frac{1}{2}$ toneladas, com carroçaria simples, com o equipamento permanentemente montado no seu interior;

d) caminhão de 2. $\frac{1}{2}$ toneladas, com carroçaria inteiramente de aço, destinado especialmente a funcionar como oficina, o equipamento instalado em caráter permanente;

e) meios-reboques de 10 toneladas, com instalações e equipamento permanentemente montados.

A organização dos pelotões da 56.^a Companhia de Engenharia nessa ocasião foi ajustada aos tipos de equipamento fornecidos a fim de permitir em tempo tão curto quanto possível a mais satisfatória organização. Esta organização, com os variados tipos de equipamento, foi posta a prova nas manobras do Primeiro Exército nas Carolinas, no outono de 1941, pouco antes da nossa entrada na guerra. A 56.^a Companhia de Engenharia, era, então, a única unidade de manutenção de engenharia para todo o Primeiro Exército; na realidade, era a única existente em todo o Exército dos Estados Unidos. Em consequência das demonstrações realizadas, um novo tipo de carroçaria das demonstrações realizadas, um novo tipo de carroçaria especial para oficina, montada em um chassi de caminhão de 2. $\frac{1}{2}$ toneladas, foi projetada em dezembro de 1941, para carroçaria padrão de todos os caminhões de manutenção. Essa carroçaria básica foi utilizada em cinco das oficinas aperfeiçoadas (a de consertos gerais, a de consertos elétricos, a de máquinas leves, a de reparação de ferramentas leves e a de consertos pesados), e combinava as melhores características de todas as oficinas previamente submetidas a experiências durante as manobras. Para as três oficinas restantes, foram utilizados caminhões padronizados pelo Material Bélico. Concorrentemente com a carroçaria, foi empreendido o planejamento das ferramentas manuais, do material de abastecimento e do equipamento pesado a ser montados nas oficinas, quando necessário.

Em 22 de dezembro de 1941, quadros completos do equipamento necessário a cada tipo de oficina de manutenção foram submetidos ao Chefe do Corpo de Engenheiros para servir de base às provisões. Em dezembro de 1941, o Conselho submetu um novo quadro de organização para a Companhia de Manutenção de Engenharia, o qual foi aprovado em 1 de abril do mesmo ano.

Junto aos trabalhos sobre a organização da manutenção móvel para o terceiro escalão, o Conselho realizou o estudo de unidades de oficinas pesadas básicas para a manutenção no quarto escalão, tanto no que diz respeito ao equipamento e dotações como a um quadro de organização para uma unidade capaz de desempenhar a missão. Uma relação do equipamento necessário e um quadro de organização para

companhias de oficinas pesadas foram preparados e remetidos ao Chefe do Corpo de Engenheiros em fevereiro de 1942.

Durante o período de setembro de 1941 a março de 1942, estudos referentes a sobressalentes para equipamento de engenharia, e a preparação de organizações experimentais para abastecimento de sobressalentes foram levados a efeito pelo Conselho. Em março de 1942, tal trabalho sobre sobressalentes foi transferido para o Departamento de Engenharia de Manutenção em Campanha, do Corpo de Engenheiros.

DETECTOR DE MINAS

Outro artigo, planejado pelo Conselho, e amplamente utilizado com eficácia pelas forças americanas durante a guerra, é o detector de minas SCR-625, destinado a localizar as minas inimigas anti-carro e anti-pessoal e, também, a descobrir, de novo, nossas próprias minas, a serem retiradas antes do avanço das nossas tropas. O Gabinete do Chefe do Corpo de Engenheiros compreendeu a gravidade do problema das minas anti-carros muito antes dos Estados Unidos terem sido atacados em Pearl Harbor. Em 16 de abril de 1940, o Conselho de Engenharia foi incumbido de planejar um meio de localizar rapidamente as minas anti-carros e anti-pessoal.

Depois de passar em revisão os tipos de localizadores de metal existentes no mercado, e de submeter sugestões ao Conselho Nacional de Inventores, o Conselho adquiriu certo número dos tipos mais convenientes às experiências. Um deles foi selecionado para aperfeiçoamento complementar, no sentido de satisfazer às exigências militares. Concomitantemente, o Comité Nacional de Pesquisas para a Defesa, foi convidado a investigar aparelhos semelhantes, e o fez, a fim de aperfeiçoar um detector de minas anti-carro. Em agosto de 1941, os detectores em experiência foram comparados por meio de provas de engenharia realizadas no Fort Belvoir.

Após ter sido determinado que o modelo do Conselho era superior, uma companhia comercial, mediante contrato com o Comité Nacional de Pesquisas para a Defesa, foi chamada a adaptar o detector experimental modelo aos métodos de produção para quantidades a serem adquiridas para provisão. Este trabalho ficou concluído em outubro de 1941. Depois de ensaios de engenharia complementares no Conselho, algumas modificações foram introduzidas para preencher lacunas encontradas. O detector foi então submetido à demonstração diante da Diretoria das Forças Blindadas, oficiais da Primeira Divisão Blindada, Diretoria de Cavalaria, Escola de Cavalaria, Diretoria de Infantaria e Escola de Infantaria. Após parecer favorável desses departamentos, foi concedida autorização ao Conselho, pela Secretaria da Guerra, em fevereiro de 1942, para adquirir 1.000 dispositivos de-

detetores destinados a experiências definitivas. O aprovisionamento desses dispositivos foi levado a efeito, já tendo sido equipadas com tais detetores algumas das primeiras unidades do Exército Americano expedicionárias embarcadas no verão de 1942. O aprovisionamento definitivo desse artigo foi em seguida atribuído ao Corpo de Sinais, enquanto que o trabalho de aperfeiçoamento respectivo continuou a cargo do Corpo de Engenheiros. Com os melhoramentos introduzidos pelo Conselho, este é o detetor de minas largamente usado no Norte da África, Sicília, Itália e França. A adoção do SCR-6255, de forma alguma pôs termo, entretanto, ao contínuo desenvolvimento e aperfeiçoamento prático dos detetores de minas.

CONCLUSÃO

Esforçamo-nos neste artigo por descrever algo das atividades de pesquisa e planejamento do Corpo de Engenheiros e do Conselho de Engenharia durante a presente luta mundial. Desde o ataque de Pearl Harbor que a guerra se desenvolveu até quase um ponto incrível em uma guerra de Engenharia. Da maneira pela qual a pesquisa de engenharia cumpriu sua missão, da maneira pela qual o soldado de engenharia foi equipado com ferramentas modernas e eficientes, indispensáveis à luta contra um inimigo disposto e bem adestrado, no-lo dizem os conceitos emitidos por quantos puderam apreciar os trabalhos de engenharia nos teatros distantes. O êxito ou o insucesso que coroa o trabalho diário do Conselho de Engenharia tem influência decisiva na conduta e no desenrolar das nossas operações militares, no avanço dos nossos exércitos e forças aéreas em todos os quarteirões do globo, na poupança de vidas e na restauração da paz do mundo.

AS ORGANIZAÇÕES NOVO MUNDO

SÃO CONSTITUIDAS UNICAMENTE
BANCO FINANCIAL NOVO MUNDO S. A.

Capital Cr\$ 30.000.000,00

"NOVO MUNDO" CIA. DE SEGUROS

TERRESTRES E MARÍTIMOS — Capital Cr\$ 4.000.000,00

"NOVO MUNDO" CIA. DE SEGUROS

DE ACIDENTES DO TRABALHO — Capital Cr\$ 1.000.000,00

PREDIAL NOVO MUNDO S. A. — Capital Cr\$ 1.000.000,00

E NELAS TEREIS:

Segurança — Eficiência — Controle — Taxas mínimas —
Garantias máximas

MATRIZ: Rio de Janeiro — Rua do Carmo, 65-69

FILIAL: Copacabana — Rua Fig. Magalhães, 22

S. Paulo: R. João Bricola, 37 — Santos: R. 15 Novembro, 142.

CORRESPONDENTES EM TODO O BRASIL

Considere o seguro como uma necessidade imperiosa

EXCERTOS

O poder da personalidade na guerra, pelo General Barão Von Freytag — Lorighoven. Paris, 1913.

Tradução do Cel. RENATO B. NUNES, da reserva de 1ª classe

Nota preliminar. — Repetindo o que já disse em outro lugar, as idéias são boas ou más, segundo o conceito que encerram e as ações que delas decorrem, mas nada têm que ver com a pátria do pensador ou do escritor, mesmo quando possam existir antagonismos de qualquer natureza; no mundo intelectual não há fronteiras, porque nêle vive somente o espírito. Por isso, nunca vemos no pensador um estrangeiro; acolhemos suas idéias com o mesmo interêsse, desde que nos pareçam úteis ou oportunas.

Releva notar, além disso, que é o fundo psicológico das idéias que orienta nossa escolha; e isto equivale dizer, é o estudo da alma humana que nos interessa aqui, e não as origens e outras peculiaridades do homem social.

I — A GUERRA E O DOMÍNIO DO PERIGO

Quem quizer representar um papel preponderante na guerra, deverá formar sua inteligência não por um trabalho de imaginação puramente especulativo, mas pelo exame aprofundado dos acontecimentos do passado e do presente.

“A vida, com sua rica documentação, jamais produzirá um Newton ou um Euler, mas o grande gênio calculista de um Condé ou um Frederico.” (1)

(1) — Os períodos entre aspas são sempre citações de outros autores, feitas pelo general Von Freytag.

Evidentemente, nem sempre é possível distinguir nos grandes capitães, se sua maneira de agir em meio ao perigo, provém da audácia ou da firmeza; mas com relação aos que são verdadeiramente grandes, aos quais essa denominação pode ser conferida do ponto de vista puramente humano, as duas formas da coragem se revelam igualmente. Ao lado da audácia não superada de Frederico o Grande, encontra-se uma firmeza inabalável na desdita. Napoleão disse a seu respeito: "Foi grande sobretudo nos momentos mais críticos; e este é o mais belo elogio que se pode fazer ao seu caráter."

Se em Torgau revela audácia quando divide suas forças para surpreender o adversário pelos dois lados, sua firmeza se evidencia nas palavras que dirigiu aos que o rodeavam, sob a impressão ainda viva do ataque baldado e mortífero. Antes que lhe houvessem comunicado a notícia da conquista das elevações de Suptitz, mediante um assalto noturno, dizia, confiante, que o inimigo abandonaria o campo de batalha. Tinha a recear nada menos do que a perda de seu próprio exército, e, como o corpo de Iethen se encontrasse à retaguarda, não lhe restava outra saída senão a retirada para o Elba.

Napoleão mostrou a mesma perseverança em Eylau; seus ataques tinham sido repelidos, com perdas, pelos russos, em toda a frente; e à tarde, Davout, que se achava na ala direita francesa, sofrera sensível derrota após um ataque do corpo prussiano de L'Estocq. O Imperador persistiu em conservar suas posições face ao inimigo. Esperava retomar o combate no dia seguinte, com a ala esquerda reforçada pelo corpo de Ney, que poderia chegar na tarde do dia da batalha; mas, no decorrer da noite, o inimigo abandonou o campo da luta, considerando-se, portanto, vencido. A Torgau, como a Eylau, aplica-se tanto a frase de Suvarow: "Uma batalha perdida, é uma batalha que se pensa haver perdido", quanto as palavras do general Blume: "A historia da guerra ensina que no fim de um dia de batalha, é raro que o vencedor conheça integralmente a extensão da derrota do adversário; acontece-lhe, muitas vezes, considerar a ba-

talha como indecisa, e até como perdida, ao passo que as massas inimigas estão em fuga.”

O dom mais precioso de um general-chefe, é sentir, em cada caso particular o que se pode ousar diante do inimigo.

“E’ qualidade fundamental do grande general ceder o menos possível à desgraça e à angústia, confiar na sorte, e em que melhores tempos virão sem muito custo. Quando a fortuna nos sorri, tendemos sempre para considerar como um cálculo certo e uma cousa clara, aquilo que não passa de um obscuro acaso.”

“Um sentimento forte, seja qual fôr, deve animar as forças do chefe: — a ambição, como em César; o ódio ao inimigo, como em Aníbal, ou o orgulho de uma morte gloriosa, como em Frederico o Grande” (Scharnhorst).

Quanto mais fraco se é na guerra, tanto mais é preciso aproveitar-se dos erros dos outros.” (Frederico)

Evidentemente, o simples entusiasmo, por si só, não é bastante para ganhar batalhas; prova-o a triste experiência da República Francesa de 1870-1871, com seus exércitos improvizados..

“O verdadeiro chefe pode substituir, na alma do soldado, sua própria personalidade à da pátria... Num longo período de guerra, o soldado encontra no campo um segundo país natal, e o patriotismo se resume na fidelidade à bandeira e na submissão entusiasta a seu chefe.” (Mommsen, aludindo ao exército de Hamílcar Barkas).

O marechal Marmont não tem razão, a nosso ver, quando critica o hábito de Napoleão mostrar-se a suas tropas e passar-

lhes revista em plena guerra. O Imperador conhecia a influência que sua presença exercia nos oficiais e soldados, e êle próprio dizia que um chefe de alta categoria não deve dispensar, a êste respeito, uma certa dose de charlatanismo.

Nenhum êxito duradouro poderá colher o general que se limita a repelir o inimigo; o mais que pode esperar, é prolongar a resistência.

A guerra estabelece entre os chefes superiores e suas tropas relações particulares mais ou menos profundas. Muitas narrativas populares revelam a natureza das que existiam entre Frederico o Grande e seus soldados. O simples soldado sentia-se ligado a seu rei pelas fadigas comuns e pelos perigos de uma longa guerra. Se temiam a severidade com que o monarca lhes exigia constantemente novos sacrifícios, sabiam todos que êle era muito mais exigente consigo próprio, que cumpria seus deveres de chefe embora doente, febril, atormentado pelo reumatismo, e que se expunha, despreocupado, às balas inimigas, cujo sibilar jamais exerceu contra sua atitude a menor influência.

A influência que as personalidades militares fortes impõem aos exércitos é mais poderosa e profunda quando suas ações são inspiradas por uma grande idéia.

Os soldados de Napoleão admiravam os homens de guerra experientes, nos quais se incarnava a glória do império, e que haviam transformado em realidade a frase: "cada soldado trazia na mochila o bastão de marechal de França." Entre êles, o marechal Ney, "o bravo dos bravos", exercia poderosa impressão no soldado francês.

Ney era de origem modesta; faltavam-lhe o espírito, o caráter e a largueza de vistas indispensáveis para chegar às concepções pessoais nas questões referentes às operações. E' precisamente por esta razão que êle constituiu o protótipo dos generais adequados à batalha napoleônica. Tinha mais do que essa "bravura tempestuosa" que caracterizava Murat. Um estoi-

cismo de herói fazia-lhe desprezar o perigo, por êle considerado como cousa inteiramente normal na guerra.

O chefe atual, saído de uma longa paz e mergulhado repentinamente no perigo, não poderá estar compenetrado de tal concepção, a menos que assente numa convicção religiosa, íntima, gradualmente formada pela educação severa da personalidade.

No combate, a influência dos chefes sofre, por vezes, limitações, por muito estimados que sejam. O grau dessa influência varia com a intensidade das fadigas físicas e a tensão nervosa à qual os homens tenham sido submetidos.

A missão dos chefes de qualquer categoria é hoje mais difícil que no tempo de Napoleão. Sòmente, talvez, o oficial de cavalaria seja capaz ainda — no sentido primitivo — de dominar realmente seus soldados. A influência que o oficial de infantaria exerce, por sua autoridade pessoal e pelo exemplo, sôbre o enxame de atiradores, não é tão imediata, e se torna um tanto limitada.

Na guerra sul-africana (Transvaal), os oficiais da infantaria inglesa nem sempre se mostraram à altura da missão, porque a compreendiam segundo sua expressão antiga, e não souberam adaptar-se, senão com dificuldade, às necessidades do combate moderno.

Sua energia foi incontestável; o número de perdas, proporcionalmente, superior à dos soldados, bem o demonstra, mas, a maioria dentre êles, considerava a carreira militar como um desporto. Quem estiver habituado a enfrentar o perigo com um sangue-frio igual ao dêles, cumprirá, evidentemente o dever diante do inimigo; mas, daí a possuir essa vontade dominadora que se impõe aos subordinados, que quer vencer a todo custo, vai uma grande distância. E só se pode transpô-la com o auxílio de qualidades puramente militares, qualidades que não são do domínio do desporto, e sim, unicamente, do dever.

Os combates da guerra russo-japonesa, na qual os chefes conseguiram conjurar a crise, dão-nos, entretanto, a prova de que não se pode confiar, com certeza absoluta, na eficácia das

influências a que nos referimos. Isto resulta de que, na massa, revelam-se instintos inexplicáveis que, em determinadas circunstâncias, podem transformar uma tropa valente num rebanho de poltrões e predispô-la ao pânico.

A guerra sul-africana mostrou, da parte dos ingleses, vários exemplos de falta de influência dos chefes. E' preciso, entretanto, não formular considerações exageradamente pessimistas em relação às dificuldades de conduzir o combate moderno, pois, os tempos idos também nos fornecem exemplos de desfalecimento das tropas, até nos melhores exércitos, e em curso de êxitos incontestáveis.

Na massa cerrada, o combatente sentia muito mais o auxílio mútuo; estava sob as vistas dos superiores e era obrigado a marchar, quisesse ou não.

O combate pelo fogo, que dura hoje longas horas e se estende por frentes consideráveis, influenciará enormemente o sistema nervoso. A força paralizada do escalão de fogo não poderá ser apoiada senão pelos reforços vindos da retaguarda, ou pela intervenção de destacamentos de flanco e, em regra, por disposições adequadas ao fim, adotadas pelo comando.

Apesar d'isto, não há nenhuma razão para duvidar completamente da execução de um ataque com as armas de fogo atuais. A maneira de conduzi-lo modificou-se, mas a coisa permanece a mesma.

Aquêle que negar ao ataque da infantaria, a possibilidade de lograr êxito, fará melhor despindo o uniforme militar, porque se assemelha ao homem que professa hipòcritamente idéias religiosas, sem estar intimamente convencido delas.

Seria certamente illusório pretender que a educação do tempo de paz produz heróis de puro quilate; mas é possível conseguir, mediante uma disciplina severa e uma formação individual bem cuidada, que, nos momentos difíceis do combate, o homem não abandone completamente aquilo que se lhe incutiu no tempo de paz.

Num país de serviço militar obrigatório, o oficial tem uma sagrada missão a cumprir. A inteligência da massa, muito mais desenvolvida que no passado, há de permitir-lhe, na hora do

perigo, encontrar nos melhores elementos de sua tropa hábeis auxiliares.

Já em 1794, Scharnhorst podia escrever, a propósito da ruptura do sítio da pequena fortaleza de Menin: "A necessidade pessoal, naguerra, arrasta às grandes ações... Em meio à confusão noturna, viam-se tropas comandadas por simples soldados, aos quais seus camaradas obedeciam como a seus oficiais."

As palavras que se seguem podem aplicar-se a um exército cujos esforços se orientam no sentido da preparação para a guerra: "Do soldado do trem e do tambor, ao general, a audácia é a virtude mais nobre; é o aço que torna as armas afiadas e brilhantes... Nas grandes massas, a ousadia é uma força cujo desenvolvimento predominante não será jamais obtido com o sacrifício de outras forças... A audácia não é, então, mais do que a força da mola distendida... Tanto mais subimos na hierarquia militar, tanto mais necessário se torna que a audácia marche de concôrto com o espírito de reflexão, de maneira que ela não seja desprovida de objetivo, nem constitua uma força cega da paixão; porque, quando menos se tratar do sacrifício próprio, mais se torna obrigatório procurar garantir a segurança dos outros e a salvação do conjunto."

Quanto mais elevado fôr o posto de um chefe, mais a sua audácia deve marchar constantemente de par com a prudência. "Num empreendimento arriscado, intervêm ainda a prudência e a previsão, mas observadas segundo um coeficiente diferente." A história da guerra ensina que muitas vezes a audácia nada mais é de fato que a prudência no mais alto grau.

Há situações em que "a maior prudência exige a mais ousada intrepidez, e, na guerra, a audácia tem prerrogativas particulares. Além do resultado do cálculo do espaço, do tempo e da intensidade, deve-se-lhe juntar ainda certa percentagem do que aproveita da fraqueza dos outros, todas as vezes em que ela se revela superior. E' portanto, uma força criadora, o que,

mesmo filosoficamente, não é difícil demonstrar. Sempre que a audácia depara com a timidez, tem necessariamente a seu favor a possibilidade de êxito, porque a timidez, rompe o equilíbrio.

A audácia só é desvantajosa quando se lhe antepõe uma prudência raciocinada, que é tão ousada, tão decidida, tão firme quanto a própria intrepidez; êste, porém, não é mais que um caso particular. Na multidão dos circunspectos, a maior parte não o é senão por timidez.

Na realidade, a audácia atua como uma sugestão sobre o inimigo. E' dessa maneira que se explica a impressão fulminante exercidas por Frederico o Grande e Napoleão nos seus adversários, até nas circunstâncias em que o exame judicioso da situação deixava entrever um êxito incerto, senão até uma derrota.

Embora a conduta de Napoleão nos pareça ter hoje um cunho de temeridade, por não ter sido coroada de êxito, era, entretanto, perfeitamente natural e conforme à concepção que tinha da situação quem agia dessa maneira.

"Os perigos da situação, tal como se apresenta, dominam completamente o homem, e com tôda a violência; o que muitas vezes parece uma temeridade, nada mais é, afinal de contas, do que o único meio de salvação, e, por conseguinte, a manifestação de esclarecida previdência. Raramente a inteligência leva o homem tão longe; na maior parte das vezes, a audácia inata do caráter é a única qualidade que pode torná-lo capaz de empregar tais meios para garantir-se contra o inimigo.

Quando a audácia vai de encontro à obediência, e concorre para prejudicar o efeito de uma vontade superior nitidamente formulada, deve, então, ser considerada como um mal perigoso, não por si mesma, mas por causa da desobediência. Tudo, na guerra, deve ceder o passo à obediência.

Um dos primeiros deveres de qualquer chefe superior, é despertar em seus subordinados, durante o tempo de paz, e por

todos os meios, o instinto da iniciativa, em vez de bani-lo dos espíritos como é, infelizmente, tão fácil fazer. O que deve ser combatido sem restrições, é o fato de agir sem idéia nenhuma, ou sem razões suficientes.

A conduta do general Manstein na batalha de Kolin, oferece-nos um exemplo dêsse "mal perigoso", que é a audácia, quando "se rebela contra a obediência". Antes de completar a marcha de flanco que o exército prussiano executava ao longo da frente austríaca, abandonou a coluna de marcha, e, com um batalhão, dirigiu-se para Clozenitz, a fim de expulsar da aldeia alguns croatas cujos fogos de flanco se tornavam incômodos. Deixou-se, entretanto, arrastar por sua impetuosa bravura e, agora com cinco batalhões, foi além de Chozenitz, até à posição principal dos austríacos, contra a qual seu ataque isolado se destróçou.

Semelhante ato de autoridade pessoal, partindo de um chefe subordinado, era e é ainda reprovável; suas consequências foram tanto mais graves quanto se estava ainda na época da táctica linear de fileiras cerradas, e deu em resultado romper a unidade de ataque da infantaria prussiana. A causa do insucesso das armas prussianas nesse dia, é imputável, em grande parte, ao procedimento de Manstein.

Em janeiro de 1807, o marechal Ney, estendeu, por sua própria autoridade, para além da linha do corpo vizinho, os quartéis de inverno que lhe haviam sido fixados por Napoleão, e transportou seu corpo de exército para Koenigsberg, contra a vontade formal do Imperador. Foi, unicamente, graças ao tempo perdido pelo adversário, que êsse corpo conseguiu recuar sem perigo diante da ofensiva dirigida contra êle.

Esses atos de intervenção de uma autoridade subordinada serão duplamente perigosos nos exércitos importantes de hoje, que não podem ser conduzidos mediante ordens diárias; seus movimentos serão regulados por diretrizes, válidas durante alguns dias.

Aplica-se ao caso a frase de Moltke: "a organização da hierarquia militar deve auxiliar a subordinação do pensamento". E' mister notar que a "audácia se torna tanto mais rara quanto

se ascende na hierarquia militar" e, por isso, mais devemos apreciá-la.

As exigências de audácia nos altos postos são, evidentemente, muito diferentes nos postos subalternos. "Quanto mais subimos de posto, mais o espírito, a inteligência e o discernimento devem dominar nossa vontade, e tanto mais também a audácia, que é uma qualidade da alma, deve ser refreada; é por isso que tão raramente a encontramos nos mais altos escalões do comando. Mas, não é, por esta razão, menos digna de admiração. A audácia conduzida por uma alta inteligência é o cunho dos heróis. Essa audácia não reside no fato de ousar agir contra a natureza das cousas, ou com o desprezo grosseiro das leis da verossimilhança, mas, apoiado no poderoso sustentáculo dêsse cálculo superior que o gênio e o sentimento das realidades elaboram, numa semi-consciência e com a rapidez da centelha, quando formulam a decisão. Quanto mais a audácia anima o espírito e a inteligência, mais longe vão êstes em seu vôo, mais se alongam as vistas e mais importantes serão os resultados, porque a execução dos mais altos desígnios está sempre ligada aos maiores perigos. O homem comum, que não é nem fraco nem irresoluto, distanciado do perigo e da responsabilidade, pode em seu gabinete de trabalho, reconstituindo a realidade pela imaginação, chegar a uma solução tão exata quanto se possa obter, sem levar em conta os fatores humanos. Mas, se o perigo e a responsabilidade o assaltam, perde toda a visão das cousas, não vê mais senão com os olhos daquêles que o cercam, e se torna até incapaz de tomar uma resolução, se ninguém o auxiliar".

Shermann, o general americano, exprime uma idéia análoga quando escreve: "Pode-se definir a coragem verdadeira como o sentimento assaz perfectível da avaliação do perigo, e a vontade resoluta de ir ao seu encontro. Isto é cousa diferente e muito mais eficaz do que esta pretendida impassibilidade diante do perigo, da qual muito tenho ouvido falar, mas que poucas vezes vi."

Em todos os heróis do campo de batalha, se encontra o "cunho de heroísmo", na acepção quase absoluta. Murat per-

tência, sem contestação, a esta categoria. Napoleão, seu cunhado, elogia nêle "o ardor iocmparável e a bravura brilhante." Passara tôda a vida em combates, era um herói, conquanto tivesse faculdades um tanto limitadas. O Imperador escrevia a sua irmã, rainha de Nápoles: "Seu marido é um homem muito bravo no campo de batalha, porém é mais fraco do que uma mulher ou um monje, quando não vê o inimigo. Não tem nenhuma coragem moral".

O marechal Marmont manifestava opinião idêntica a respeito de Ney, de quem dizia, com razão, que lhe faltava a inteligência relacionada às grandes operações militares, porque onde se fazia mister ver com os olhos do espírito, seus olhos lhe mostravam as cousas com um aspecto que não tinham. "A bravura, nêle, era sempre resultado da sensação do momento, e como que efeito do estado de seu sangue. Ia tão bem à luta com 50.000 homens contra 30.000, como com 20 contra 50." Jomini diz de maneira muito significativa: "No campo de batalha, deve-se ter tanta calma, sangue frio e impassibilidade, como nos trabalhos na carta. E se pudéssemos escolher, deveríamos considerar a última como a mais valiosa para um comandante de exército. Suas decisões importantes devem resultar de uma meditação calma, feita tanto quanto possível, longe das influências do combate. . E' assim que deve agir quem é verdadeiramente um grande general."

Hoje, no campo de batalha, a influência do chefe que exerce comando importante, é principalmente, de natureza moral; e será tanto mais forte quanto mais elevado fôr o seu posto. Essa influência não se revelará às tropas de maneira tão visível e imediata como nos tempos de Napoleão, mas isto não quer dizer que a personalidade do chefe desapareça.

Sua firmeza de ânimo, seu espírito de decisão, sua perseverança e sua audácia, serão submetidas frequentemente a provas mais rudes que outrora. Se bem que nos campos de batalha atuais, o general-chefe não possa ser visto pelas tropas, é preciso não ser um estranho para elas. Não deverá esquecer-se de saudá-las de passagem, nas marchas e nos acampamentos, valendo-se da mobilidade que o automovel lhe proporciona. Sua

influência se manifestará de maneira diferente, mas subsistirá sempre.

“A coragem é, portanto, o elemento primordial do guerreiro, porém, não se manterá nas esferas elevadas das responsabilidades importantes, se um cérebro poderoso não o sustentar; é por isso que, dentre tantos soldados bons, há tão poucos capazes de se tornarem generais corajosos e empreendedores.” Esse “cérebro poderoso”, necessário ao chefe, não exige que ele seja o que geralmente se chama “um homem de espírito”. A este respeito, Napoleão escreveu o seguinte: “Sua carta manifesta muito espírito. Isto não é necessário na guerra. O que é preciso, é exatidão, caráter e simplicidade”.

O espírito que deve inspirar a audácia do grande capitão, que deve imprimir-lhe “o cunho de herói”, é, portanto, de natureza particular. Encontrá-mo-lo nas personalidades como as de Scharnhorst, Gneisenau, Lee, Moltke, cujas qualidades aumentavam com os acontecimentos e os anos; igualmente no marechal Turenne, que Napoleão considerava como o maior general da França antiga, e do qual disse que, ao contrário dos demais homens, tornava-se cada vez mais intrépido com a passagem dos anos. Foi movido por esse espírito que Scharnhorst (quando chegou a época da libertação pela qual trabalhava), pronunciou estas palavras: “Daria tôdas as minhas condecorações e minha vida, para exercer o comando um só dia”. Foi igualmente sob a mesma influência que Moltke, no limiar da velhice, dizia também: “Se pudesse viver bastante para conduzir nosso exército à guerra, o diabo poderia então, se quizesse vir buscar minha velha carcassa.”

Mais feliz que Scharnhorst, Moltke viu realizar-se o mais ardente desejo de sua alma. Quando colheu os mais brilhantes êxitos, proclamou constantemente que êles eram devidos, em primeira linha, às qualidades excelentes da tropa; e, em verdade, o mais hábil general será impotente quando o exército não fôr animado pelo espírito que convém. “O espírito de audácia pode estar latente num exército, ou porque exista no povo, ou porque haja nascido de uma guerra feliz, sob o comando de

chefes intrépidos; mas, neste caso, fica-se privado d'êles no início das operações.

"Em nossa época, a guerra e sua execução rigorosa, constituem, mais ou menos, o único meio de educar a alma do povo nesse sentido. Sómente ela pode reagir contra a molêza das almas, o desejo de viver descuidosamente, que arrastam para a ruína o povo cujo bem estar e atividade comercial aumentaram incessantemente.

"E" sòmente na ação recíproca, constante, do caráter do povo e do hábito da guerra, que um povo pode pretender ocupar uma situação sólida no mundo político."

Nota do tradutor. — "Eis aí, no final dessas considerações de um escritor tedesco, a manifestação desse abominável prussianismo que tantas desgraças tem causado ao mundo", dirão convictamente os espíritos que acreditam sinceramente na eliminação da guerra para todo o sempre, iludidos pelo próprio coração, que lhes não deixa ver que os sentimentos humanitários nada podem contra a guerra e nelas não têm cabimento, pois a guerra é a própria negação da natureza humana. A profilaxia ea terapêutica podem prevenir e limitar os efeitos dos males, mas não eliminá-los da face da terra. De igual passo, a civilização, na acepção comum de aperfeiçoamento moral, intelectual, industrial etc. dos povos, poderá tornar as guerras menos frequentes, mas nunca bani-las de entre os homens. E ainda que se admita ser a civilização o remédio contra as guerras, êsse antídoto só seria capaz de produzir efeitos seguros, se fôsse possível elevar todos os povos do mundo ao mesmo nível de civilização. Esta idéia é, evidentemente absurda, e, por conseguinte, igualmente absurda será a obtenção da paz universal e perene.

Ora, se os exércitos emanam da nação, se é o espelho dos povos, e se o espelho é incapaz de criar imagens próprias, e só reflete aquilo que se lhe antepõe, considero pessoalmente o maior dos perigos para a existência autônoma de uma nação, começar pelo espírito militar dos exércitos a obra de conversão às idéias de paz universal.

Não há contradição entre afirmar que o exército sente e age como o povo do qual emana, e a conveniência de aguerrir os povos, que se querem pacíficos. O que há, é a convicção de que a guerra foi, é e será uma calamidade inevitável, que só poderá ser afastada com um mal maior: a própria guerra movida pelos mais fortes contra os mais fracos. E assim será, até que o mundo atinja, todo êle, um grau de civilização tão homogêneo e elerdo, que torne abominável o recurso à guerra, como dizem acontecer nas regiões paradisíacas, onde habitam as almas de escol...

II — A GUERRA E O DOMÍNIO DOS ESFORÇOS E DOS SOFRIMENTOS FÍSICOS.

“Dotado de certas qualidades, e de uma inteligência sadia, o homem já constitui sólido instrumento de guerra. Essas qualidades são as que encontramos freqüentemente, nos povos rudes ou meio civilizados.” Nos povos civilizados, elas devem, ao contrário, ser desenvolvidas pela educação militar. “Devemos cingir-nos aos esforços corporais menos para exercitar a natureza, a fim de que se torne capaz de suportá-los, do que para habituar a inteligência a compreender-lhes a necessidade. No guerra, o soldado recentemente encorporado, mostra-se muito inclinado a considerar as grandes fadigas como consequência de faltas consideráveis, de erros e de dificuldades na conduta geral das operações, e se arrisca, por isso, a sentir-lhes duplamente o peso. Tal não acontecerá se, durante o tempo de paz, houver sido exercitado a suportar essas fadigas, e a dispende esforços consideráveis.”

O motivo principal da inutilização dos exércitos improvisados, é a falta de treinamento às fadigas da guerra, e a ausência de uma disciplina capaz de impô-las.

A segurança pessoal de que o homem desfruta hoje nas nações civilizadas, e, por conseguinte, o maior aprêço em que a opinião pública tem a vida, fazem que durante o tempo de

paz, muito poucas sejam as oportunidades de submettermos nossa coragem a uma prova severa. A época atual é, em regra, pouco favorável ao desenvolvimento dos caracteres enérgicos. Se bem que, por um lado, a indústria faculte a muitos homens ocasiões para exercitar, durante a paz, suas faculdades de organização e de direção, de desenvolver qualidades que outrora somente se podiam manifestar, em tôda a plenitude, na guerra, é, entretanto, incontestável que, com o adensamento das massas, a personalidade deperece nas grandes cidades, e que, em seu lugar se instala "o homem de um modelo determinado."

A vida desportiva constitui o melhor meio para desenvolver, em tempo de paz e num povo civilizado, essas qualidades "que encontramos disseminada, de maneira geral, nos povos rudes e meio-cultivados".

A influência que a caça e a corrida de cavalos têm exercido sobre a cavalaria, basta para que se reconheça o valor militar dêsses exercícios desportivos. E' necessário, porém, não pensar que o desporto seja a parte mais essencial da educação militar. Cumpre respeitar os limites do razoável, se não se quizer incidir no desperdício das forças da nação.

Tais exercícios puramente desportivos devem ser considerados, portanto, na instrução que tem em mira a preparação para a guerra, como auxiliares. Sem dúvida, fortalecem a coragem, mas aspiram mais ou menos, aos aplausos dos espectadores, e não despertam, nos executantes, senão uma excitação momentânea. A guerra exige uma resistência estóica ao sofrimento, à qual faltarão espectadores e aplausos.

Enquanto os nervos estão tensos, e o corpo conserva sua atividade, as naturezas capazes de esforços se mantêm com relativa facilidade; mas é muito mais difícil suportar estóicamente as privações e os sofrimentos durante os períodos de inação.

O serviço militar obrigatório não alcança seu objetivo moral elevado, senão quando a instrução é compreendida de maneira tal, que o povo inteiro encare com tranquilidade os sofrimentos inevitáveis da guerra, e possa, quando ela chegar, suportá-los corajosamente.

“Um exército, cujas forças físicas se acham enrijadas como os músculos de um atleta, pelo hábito das privações e dos esforços; que considera êsses esforços como um meio de vencer, e não como uma maldição que fêre sua bandeira; um exército que tem diante dos olhos unicamente a imagem de seus deveres e das virtudes que deve possuir, e que se encarnam na honra de suas armas, está realmente imbuido do espírito guerreiro.”

III — A GUERRA E O DOMÍNIO DO “ATRITO”.

“Na guerra, pela influência de inúmeras circunstâncias de pouca importância, que não se podem levar em conta no papel, tudo se afrouxa, e se fica muito aquém dos objetivos.”

“Enquanto não se fez pessoalmente a guerra, não se percebe onde residem essas dificuldades sempre mencionadas, e qual é a parte real do gênio e das qualidades de espírito extraordinárias exigidas dos chefes. Tudo parece tão simples, todos os conhecimentos necessários tão pouco complicados, tôdas as combinações tão pouco importantes que, por comparação, o mais simples problema de matemática superior se nos impõe com valor muito mais científico. Mas, quando se viu a guerra, tôdas as dificuldades saltam aos olhos e, entretanto, é extremamente difícil descrever o que produz essa mudança e precisar-lhe as causas invisíveis e todo-poderosas.

“Tudo é simples na guerra, mas a cousa mais simples é difícil. As dificuldades se amontoam e ocasionam um “atrito” que, quem nunca viu a guerra, não poderá imaginar com exatidão.... “Atrito” é, mais ou menos, a única palavra capaz de definir de maneira tão exata quanto possível, o que diferencia a guerra verdadeira da guerra na carta.

“A máquina militar — o exército e tudo quanto depende dêle — é, em suma, de constituição muito simples, e parece, por essa razão, de fácil manejo. Mas, é preciso lembrar que nenhuma de suas partes constitui uma peça inteiriça, que tôdas

se formam de indivíduos reunidos, e que cada um dêles apresenta o "atrito" que lhe é próprio...

"Este horrível "atrito", que não se concentra, como na mecânica, em certos pontos, está em toda a parte, em contato com o acaso, e provoca desenlaces inteiramente inesperados, precisamente porque são, em grande parte, resultantes do acaso."

E' por essa razão, que as obras de história militar de autores que nunca serviram no mister das armas, podem tornar-se prejudiciais pela falta de justeza dos conceitos emitidos, se uma compreensão inteligente e amadurecida não lhes inspira a pena.

Devemos, evidentemente, admitir que "se o conhecimento do "atrito" é uma das partes capitais da experiência da guerra, indispensável ao general", poucos dentre nós a possuem hoje, e êstes mesmos desaparecem; mas há o recurso "*de efetuar manobras em tempo de paz, que nos podem revelar uma parte das causas de tais "atritos"*".

E' necessário que todo o chefe faça prova de sua faculdade de julgamento, e de previsão, e até de seu espírito de decisão; isto tem importância muito maior do que pensam os que não têm experiência" e é necessário que, nas manobras das grandes unidades, se vá tão longe, nesse sentido, quanto é geralmente possível em tempo de paz.

Os problemas táticos, o jogo da guerra, os exercícios de quadros e as viagens de estado-maior, são auxiliares indispensáveis na preparação para a direção das grandes unidades, e o proveito que de tudo isto podem tirar os oficiais familiarizados com seus princípios, é enorme. Mas, como as tropas são sempre supostas, faltam a todos êsses exercícios os contratempos resultantes de seu emprego. A experiência e a fantasia dos que os dirigem, e dos que dêles participam, devem suprir esta falta.

Si quisermos limitar-nos exclusivamente aos exercícios com tropas supostas, corremos o risco, num prolongado período de paz, de não levarmos em conta os incidentes inevitáveis, ou o de atribuir-lhes um falso valor.

"O melhor general não é aquêlê que atribui ao "atrito" a maior importância, e por êle se deixa dominar, (tal maneira de proceder produz essa categoria de generais timoratos, tantas

vezes encontrados até entre os experientes), e sim o que conhece o atrito, para vencê-lo." *Isto só se aprende verdadeiramente, dirigindo massas de homens, de cavalos e de equipagens das tropas reais.*

O "atrito" é sempre maior nos exércitos improvisados.

A Guerra Secessão, nô-lo mostra com a maior clareza. No mês de julho de 1861, o general Mac Dowel, dos Estados do Norte, por ocasião da primeira ofensiva de Washington contra a Virgínia, não conseguiu coordenar os movimentos de suas quatro divisões. O grosso das forças inimigas confederadas, de 23.000 homens, mantinha-se para as bandas de Manassas, e avançara uma brigada em direção a Fairfax. A 17 de junho, devia ela ser atacada por todos os lados, com grande superioridade, pelas tropas do Estado do Norte. Mac Dowel teve, então, a intenção, valendo-se de uma finta contra Centreville, de transpor mais longe, a jusante, o rio Bull Run, com as forças principais, e desenvolver-se sobre o flanco da posição dos confederados. Suas tropas, porém, não exercitadas, revelaram-se incapazes de executar tais desígnios. No primeiro dia de marcha, e intenso calor reinante, causou terríveis desordens. Os homens aliviaram-se logo da carga, atirando fora os três dias de víveres que conduziam consigo, de maneira que, à tarde foi preciso esperar pela chegada dos comboios, para garantir o reabastecimento.

Foi somente na tarde de 17, que as quatro divisões conseguiram ganhar os arredores de Fairfax; nesse momento, a brigada confederada já se pusera, havia muito, em segurança. A 31 de julho, a derrota de Bull Run marcava o fim lamentável dessa primeira ofensiva dos Estados do Norte.

No ano seguinte, na península entre os rios York e James, após a tentativa fracassada de ataque executado por mais de 100.000 homens, com o apóio da frota, contra a capital confederada de Richmond, o exército da Virgínia (tropas confederadas), comandadas por Lee, tomou a ofensiva e rechassou para Washington as forças inimigas superiores que se achavam ao sul do Potomac. Foi nesse momento que se revelaram, da parte

de todos os chefes dos Estados do Norte, a falta dessa compreensão, evidentemente instintiva, da situação, bem como a ausência do sentimento preciso daquilo que é possível e realizável em determinadas circunstâncias, e sem o que, um general exercitado não poderá exigir em campanha o que é rasoável. Inteligência tática, unidade de doutrina entre os chefes superiores e subalternos, transmissão de ordens em tempo, conservação da ligação dos corpos entre si e com o comando, tudo isto faltava ainda no exército da União, durante o segundo ano da guerra.

Eis uma prova de que tôdas essas cousas devem ser ensinadas e praticadas em tempo de paz, se quisermos aplicá-las convenientemente em campanha. (*Este e outros exemplos merecem nossa meditação, de vez que nosso exército, por contingências geográficas, curto tempo de serviço, e ausência de um ciclo completo de instrução, é, a um tempo, meio colonial e improvisado.* — Nota do tradutor).

O curso dos acontecimentos só melhorou um pouco no ano de 1864, quando Grant assumiu a direção das operações no teatro de guerra da Virgínia; os comandantes de corpos de exército e de divisões, mostravam-se, em geral, à altura das exigências impostas pelas marchas e, entretanto, pouco tempo antes do fim da guerra, o general-chefe da União dirigia ainda ao presidente, queixas fundadas sobre a preparação militar insuficiente de grande parte de seus subordinados. O exército da União, como aliás o de Gambetta, conservou-se até ao fim, inadequado à execução de uma ofensiva resoluta.

Faltava ao grande organizador da defesa das províncias francesas, o conhecimento dos "atritos" e dos "conflitos" causados pela guerra. Este desconhecimento foi a causa de seus erros no domínio das operações militares, e tornou estéréis suas poderosas faculdades organizadoras.

A individualidade dos chefes, e as divergências de interpretação que se revelam em campanha, deixam ainda, em cada caso, um largo campo aberto ao "atrito". E' somente pelo desenvolvimento de uma doutrina de guerra comum, que essas dificuldades poderão ser suprimidas em parte.

Se, por um lado, os meios de transmissão não devem ser considerados como meios de limitação da iniciativa dos subordinados, é preciso lembrar que, por outro, eles podem falhar no momento. E' por êsse motivo, que a iniciativa e a responsabilidade dos chefes subordinados terão sempre inúmeras ocasiões de exercerem sua atividade. Parece mais judicioso contar com elas, e dar-lhes sempre a preferência entre todos os meios, do que obstinar-se na confiança artificial nos meios técnicos de transmissões.

A vontade tenaz do chefe, a melhor organização e a mais sólida disciplina, não conseguirão, entretanto, realizar a unidade plena de pensamento e de ação, numa multidão de homens como o de um exército. Considerada sob êsse ponto de vista, a guerra se prende "à cadeia das fraquezas humanas"; as omissões, as inadvertências; a falsa interpretação das ordens, ocasionaram, muitas vezes, as mais desastrosas consequências.

O meio mais seguro de reduzir o "atrito", será sempre a vontade resoluta de vencer.

Na retaguarda, as cousas se passam de maneira diferente. As dificuldades de reaprovisionamento, relativas à alimentação e às munições, acumulam-se muitas vezes numa proporção tal, que a máquina de guerra não pode funcionar sem atritos. A falta de produtividade do teatro de guerra, já fez fracassarem frequentemente os melhores projetos.

Se tais dificuldades podem ser, em parte, vencidas ou limitadas por previsões exatas do comando, tôda a previdência e sagacidade do homem nada podem, entretanto, contra o que é devido unicamente ao acaso. E' nessas eventualidades que Clausewitz inclui, entre outras, o estado atmosférico. As construções, as culturas, os obstáculos do solo, e particularmente a configuração do terreno, constituem fatores importantes que se devem levar em conta de maneira geral, e não em cada caso particular.

Nessa ordem de idéias, o número de causas de "atrito" cresce infinitamente. "Nunca se conseguirá conhecê-las comple-

tamente em teoria, e ainda que se pudesse fazê-lo, faltaria ainda esse hábito de julgar que se denomina "tacto", o qual será sempre mais necessário no domínio povoado de objetos infinitamente pequenos e variados, do que nos casos importantes e decisivos, em que ouvimos a própria razão, cu apelamos, quando se faz mister, para os conselhos de outros.

Assim como o homem do mundo fala, age, move-se sempre de acôrdo com seu critério, que se tornou nêle quase um hábito, o oficial que tem experiência da guerra, em circunstâncias graves ou triviais, decidirá e agirá sempre de acôrdo com o ritmo da guerra, se assim podemos dizer.

Com esta experiência, e com a faculdade exercitada de julgar, as idéias lhe virão espontâneamente: umas serão aplicáveis, outras não.

Espadas que protegem
- precisam também
de Proteção!

*Brasso
dá brilho
aos metais!*

BRASSO

Relato da Atuação da F. E. B. no Teatro de Operações da Itália

Pelo Major NELSON R. DE CARVALHO

DISTRIBUIÇÃO : — Apresentação — Organização, Treinamento e Embarque — Operações do Destacamento F.E.B. — Inverno e Defensiva no Vale do Reno — Ofensiva do IV Corpo: Monte Castelo — Marano, Soprasasso e Castelnuovo — Montese e Ofensiva da Primavera — Perseguição. Collecchio. Rendição Final. — Estatística e Resultados — Epílogo.

APRESENTAÇÃO

O Brasil foi sempre uma nação que teve por linhas mestras de sua política internacional o absoluto respeito aos princípios defendidos em Haya e a prática fiel da doutrina de solidariedade contineptal. Não podia ficar, pois, indiferente às agressões do eixo, principalmente a uma nação americana. Assim, do rompimento de relações com os agressores, passou à cooperação efetiva, quer fornecendo matérias primas estratégicas, quer cedendo bases aero-navais ao grande país do norte, então transformado em "arsenal das democracias".

Como consequência dessa política, pagou seu tributo de sangue à fidelidade dos compromissos assumidos: teve torpedeados navios mercantes em águas litorâneas. Daí a declaração de guerra ao nazi-facismo, coroamento de seu esforço de guerra pela liberdade dos povos.

Estavamos, então, em Agosto de 42, muito distante, ainda, de Maio de 45...

Nasceu, desse modo, a Força Expedicionária Brasileira, contribuição do Exército à patriótica obra comum de sua Ma-

rinha de Guerra e de sua Aviação Militar, pelo desagravo da Pátria.

E a cobra fumou... Singela mas ponderável foi a colaboração da F.E.B. na vitória aliada no teatro da Itália. E é uma primeira notícia de seu esforço que se propõe a dar esta narrativa pequenina homenagem às brancas cruzeiras de madeira que na Itália liberada balizam ainda, o itinerário de seus companheiros de ideal, na campanha que, do Pão de Assucar ao Vesúvio e ao Vale do Serchio, e através dos Alpeninos e pelas margens do Pó, foi terminar vitoriosa na cidadela de Alessândria.

A F.E.B. tinha cumprido o seu dever!

CAPÍTULO I

ORGANIZAÇÃO, TREINAMENTO E EMBARQUE

A ENTRADA DO BRASIL na II Grande Guerra veio encontrar o Exército Brasileiro com uma organização normal, calcada nos ensinamentos da última conflagração, à francesa, mas inadequada para atuar entre unidades norte-americanas, com as quais teríamos que entrar em operações. Daí a Fôrça Expedicionária Brasileira (F.E.B.), cujo organização e treinamento foram ajustados de maneira a adaptar os nossos conhecimentos e práticas regulamentares aos processos de combate já adotados pelo Exército dos Estados Unidos.

Na composição desta Fôrça Expedicionária, foram aproveitadas unidades já existentes, transformadas algumas e creadas outras, e a passagem aos efetivos de guerra se processou através de uma mobilização parcial, que atingiu convocados e voluntários.

Paralelamente, organizaram-se os comandos, realizaram-se seleções e as unidades foram dotadas de algum material americano para os primeiros treinamentos no Brasil.

A preparação para a guerra absorveu tôdas as atividades e o treinamento consistiu no estudo e aplicação prática dos manuais americanos. Os oficiais que haviam realizado estágios em es-

colas e unidades americanas (notadamente em Fort Benning), muitos úteis foram nesta fase.

A Fôrça Expedicionária Brasileira compreendeu, inicialmente, uma Divisão de Infantaria, denominada 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª D.I.E.), cujo comando coube ao General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes (7 de Outubro de 1943).

As unidades organizadas e designadas para constituírem a 1ª D.I.E. (Normas gerais para organização da Fôrça Expedicionária, de Agosto de 1943), foram: *Infantaria* — Comando e E.M. da Infantaria Divisionária, às ordens do General de Brigada Euclides Zenóbio da Costa: 1º Regimento de Infantaria, o Regimento Sampaio, da Vila Militar, Distrito Federal; o 6º Regimento de Infantaria, de Caçapava, Estado de São Paulo; o IIº Regimento de Infantaria, de São João D'El Rei, Estado de Minas Gerais. *Artilharia*: Comando e E. M. da Artilharia Divisionária, às ordens do General de Brigada Oswaldo Cordeiro de Farias — 1º Grupo do 1º Regimento de Obuzes Auto Rebocado (I/1º R.O. Au. R.), que se creou no quartel do 1º Grupo de Obuzes, de São Cristovam, no Rio de Janeiro; o IIº Grupo do 1º Regimento de Obuzes Auto Rebocado (II/1º R.O. Au. R.) constituído com elementos do 1º Grupo de Artilharia de Dorso, de Campinbg, Distrito Federal; o Iº Grupo do 2º Regimento de Obuzes Auto Rebocado (I/2º R.O. Au. R.), organizado com elementos do 6º Grupo de Artilharia de Dorso, de Quintauna, Estado de São Paulo; o Grupo Escola, de Deodoro, Distrito Federal, que motorizado se transformou em um Grupo de 155 Auto Rebocado. No Teatro de Operações êles passariam a ser, respectivamente, o Iº, IIº, IIIº e IVº Grupos de Artilharia Divisionária Expedicionária. *Engenharia*: o 9º B.E., de Aquidauana, Est. de Mato Grosso. *Cavalaria*: o Esquadrão de Reconhecimento (Esq. Rec.), da Vila Militar, Distrito Federal, organizado pelo 2º Regimento Moto Mecanizado. *Transmissões*: uma Cia. organizada no Batalhão Vilagran Cabrita, da Vila Militar, Distrito Federal (que iria atuar como Arma, à similhaça do Exército dos EE. UU.). *Saúde*: um Batalhão de

Saúde (1º B.S.), proveniente da antiga 1ª Formação Sanitária, a que se vieram juntar elementos da 2ª Formação, de São Paulo, e organizado em Valença, no Estado do Rio de Janeiro; e *Elementos de Tropa Especial*: A Cia. do Quartel General da 1ª D.I.E.; a complexa Companhia de Manutenção, para cuja formação concorreram até elementos especializados do Arsenal



Visita do General Mark Clark, comandante do Vº Exército, ao campo brasileiro de avda, no Dia de Caxias — 25-VIII-944

de Guerra do Rio de Janeiro; o Pelotão de Polícia Militar, rigorosamente selecionado; a Companhia de Intendência, com avultado número de motoristas; a Banda de Música Divisionária, quase toda proveniente do Regimento Sampaio, elementos todos êsses de recente formação.

Estas unidades seriam elevadas aos efetivos previstos na série de "Boletins nº 18" (A, B, C, etc. J), calcados na organização americana de 1943 (aviso de Out. de 43). Foi um trabalho estafante, quase ignorado, de convocação, seleção, es-

pecialização, transformação e concentração de unidades que, paralelamente ao adextramento, tomou todo o período de Out. de 43 a Junho de 44, sob pressão de um embarque sempre em expectativa e medidas de sigilo que se impunham. Um Centro de Instrução Especializada (C.I.E.), funcionando na Vila Militar, prestou reais serviços, na ingente dificuldade de obtenção de especialistas de toda a natureza, que se faziam necessários. E é de inteira justiça salientar aqui, a ação patriótica e enérgica da Diretoria das Armas, sem o qual a montagem da F.E.B. (efetivos) teria sido retardada.

A preparação técnica e tática da F.E.B. obedeceu às seguintes diretivas iniciais, dentro das restritas condições de tempo impostas: 1ª fase — antes e no transcurso das inspeções de saúde de seleção dos quadros e da tropa; 2ª fase — depois das inspeções de saúde, para consolidação e treinamento das unidades; 3ª fase — nas zonas de 1º destino, além mar.

Com as observações colhidas em loco, no Teatro de Operações da Itália, pelo Gen. Mascarenhas em sua visita àquele front (Dezembro de 43 e Janeiro de 44), a preparação acima tomou um impulso, consequência dos ensinamentos ali evidenciados e postos imediatamente em execução.

Assim, de Outubro de 1943 a Março de 1944, realizaram-se as 1ª e 2ª fases, prevalecendo o trabalho de seleção e organização. De Março a Junho, o treinamento predominou, sob a forma de "Combats Teams" (destacamentos), nos Campos de Instrução de Gericinó, na Vila Militar, Distrito Federal. Entrementes, seguia para o Teatro de Operações um Êscalão Avançado do Estado Maior da D.I.E., afim de preparar a recepção, o treinamento e o emprego da tropa brasileira.

Sem falar na regulamentação americana (em inglês), em vias de tradução, que deveria orientar a organização da F.E.B.; das seleções de saúde, cujos índices tiveram que ser baixados e da elevação dos efetivos, a montagem da D.I.E. contou com um obstáculo sério: a transformação profunda das armas e serviços, quando não criação de frações inteiramente novas a exigir artífices, técnicos e especialistas, cuja obtenção foi deveras

trabalhosa em muitos casos, e cujo treinamento deveria ser praticado, sob forma tática, dentro das Unidades e Formações constituídas. Estas, por sua vez, se encontravam em formação, parcialmente dotadas de material americano que lhes era orgânico. E tudo isto, apesar dos obstáculos surgidos, rasoáveis uns, de incompreensão, outros, foi realizado dentro do tempo exíguo, imposto pelas circunstâncias. Mas só o foi graças ao decidido espírito de sacrifício, lealdade e patriotismo revelados pelos componentes da F.E.B., em todos os escalões hierárquicos.

Vencidas as dificuldades, a Infantaria Divisionária, primeiro, e toda a Divisão, por último (24 de Maio de 1944) foram apresentadas ao público carioca, que lhes prestou uma ovação de que não havia memória nos anais da cidade, ovação que só foi superada na recepção de regresso, mais de ano depois. Em ambas compareceu o Exmo. Sr. Presidente da República, que apresentou, da primeira vez, as despedidas, a fé e a esperança da Pátria na missão honrosa que a F.E.B. iria desempenhar, pela primeira vez em nossa história, nos campos de batalha de Europa.

Em Junho, enfim, embarcou o denominado 1º Escalão, cujo treinamento prosseguiu em Vada, já dotada do material previsto. Paralelamente, realizavam-se no Rio de Janeiro, com o que seria o 2º Escalão, proveitosos exercícios de conjunto, ainda em Gericinó.

Em Setembro embarcava o 2º Escalão, que em Pisa recebeu parceladamente o material que lhe era destinado, e iniciou seus preparativos para a entrada em ação, os quais deveriam terminar na Área de Treinamento de Vecchiano, para onde foi transferida.

Ocorreu então a visita de inspeção do Ministro da Guerra, Gen. Eurico Dutra, que esteve na Área de Treinamento e percorreu a frente.

Com a chegada do 2º Escalão, a 1ª D.I.E. se reagrupava e deveria entrar em ação, com todos os seus meios, no Vale do Serchio, onde o 1º Escalão já estava empenhado. Ponderáveis motivos, porém, o impediram, e com o reajustamento da ordem de batalha do Vº Exército, a 1ª D.I.E. foi apressadamente

transferida para o Vale do Reno, onde entrou imediatamente em linha.

Dest'arte, o treinamento final da D.I. deixou a desejar e ela entrou em combate com dois escalões heterogeneamente preparados.

Enquanto isto, se preparavam no Rio o que seriam os 3º e 4º Escalões, chegados ao T.O., respectivamente, em Dezembro de 44 e Fevereiro de 45. Constituíram o Depósito de Substituição e Recomposição do Pessoal, um ativo Centro de Instrução de todas as Armas, instalando-se em Stáfoli, (Altopáscio), entre Lucca e Pistoia.

CAPÍTULO II

OPERAÇÕES DO DESTACAMENTO F.E.B. (1)

Em consequência do crédito de transporte posto à disposição do Governo Brasileiro pelo Governo Americano, o embarque da F.E.B. se processou por escalões.

Sob o Comando do Gen. Cmt. da 1ª D.I.E., seguiu, pois, um 1º Escalão, assim constituído: Estado Maior da D.I.E.; Cmt. e E.M. da Infantaria Expedicionária da 1ª Divisão; um Regimento de Infantaria, o 6º, e um Grupo de Artilharia, o II/1º R.O. Au.R.; elementos do 11º R.I. (uma Cia. Fuzileiros, uma Cia. Obuzes e um Pel Mrt.); destacamentos do 9º Batalhão de Engenharia, de Saúde e de Transmissões; um Pel. de Polícia Militar; uma tropa de Q.G.; um destacamento da Cia. de Intendência; um Pel. de Reconhecimento; elementos do Serviço de Justiça e um Pel. de Sepultamento.

A chegada do 1º Escalão à Itália se deu em meados de Julho de 1944. Desembarcou em Nápoles e acampon em Bagnuoli. A seguir, deslocou-se para a Área de Treinamento de Tarquinia, onde foi incorporado ao Vº Exército (5 de Agosto).

(1) Assim constituído: um Quartel General; o 6º Regimento de Infantaria; o II/1º R. O. Au.R.; um Pelotão de Reconhecimento; um Dest. de Engenharia; a Cia. de Manutenção; um Dest. de Saúde; um Pel. Viaturas; um Pel. de Polícia e um Pel. Sepultamento (4.568 homens).

Desse modo, ao N. de Vechiano (área Massaciucolo — Filetole — Vechiano) o Dest. F.E.B. substituiu elementos americanos do 334º R.I. e entrou em ação (15 Set.), dando início à 1ª Fase de suas operações de guerra.

Tratando-se de uma tropa de formação e treinamento recentes, pode-se afirmar que foi eficiente a estreia do Dest. F.E.B. contra um inimigo veterano de muitas batalhas. Assim, já no seu segundo dia de operações, vencendo campos minados e bombardeios de artilharia, o Dest. F.E.B. ocupava Massarosa, e a 18 em rápida progressão, Camaiore, no flanco da linha onde, segundo as informações sobre o inimigo, seria possível um contato mais estreito com o adversário, sob intenso bombardeio. A 21, montada a ação sobre esta linha, foi atacado o Mte. Prano (já nos contrafortes dos Alpeninos e baluarte avançado do sistema defensivo que o inimigo denominou Linha Gótica). Tenaz foi a sua resistência e violento o fogo de sua Artilharia, muitas sendo as baixas registradas em nosso campo; o ponto forte, porém, caiu em nossas mãos, depois de uma refrega que durou sete dias e em que foi habilmente envolvido. Havíamos penetrado francamente nos Alpeninos, com esta ação, e o inimigo, cujo dispositivo defensivo ficara parcialmente comprometido, rompeu o contato, na noite de 25/26, entregando-nos as posições adjacentes de Mte. Valido e Mte. Acuto, em certos trechos fortemente organizado. Na jornada de 27 toda a frente foi ativamente patrulhada, em procura de novo contato; o inimigo não foi encontrado... A frente caíra pela manobra. Decidiu, então, o Cmt. do Dest. F.E.B. realizar um novo lance do grosso. A 28 de Setembro, entretanto, o IV Corpo de Exército (a que pertencia o Dest. F.E.B.) determinou um novo reajustamento do dispositivo, geral. E' que o terreno se dissociava (Mte. Altissimo, Mte. Corchia, Paina Seca, todos já com mais de 1.500 ms. de cota) e com êle as operações. Desse modo, os eixos de penetração passaram a ser a orla marítima e o Vale do Serchio (45 Task Force e Dest. F.E.B., respectivamente).

Para êste último foi, pois, progressivamente transferido o centro de gravidade do Dest. F.E.B., em cumprimento da nova

**ESBOÇO PARA PRIMEIRA
INTELIGENCIA DAS OPE-
RAÇÕES DO DEST. F.E.B.**
Escala: 1:200.000



Operações do Dest. F.E.B.

Convenções:

(1ª Fase)

- Linha Gótica
- B1, B2, B3 (1ª, 2ª, 3ª Bth)
- Tanques Destróers
- Ag. Art. (base II G)
- Direções da mov. ofensiva

(2ª Fase)

- Bth
- 29.1 Frontes nas datas indicadas
- Eixo da ofensiva do Dest.
- (B2, B3) Zona de ação das Bth no final da ofensiva (após)

missão que lhe atribuiu o IVº Corpo, ampliando-lhe a zona de ação. O primeiro contato tomado, depois de substituídas as

tropas americanas, realizou-se a 30, na região de Fornoli (III Batalhão do 6º R.I.), 25 kms. ao N. de Luca (na confluência da Torrente Lima com o Serchio). Na mesma jornada, o I Batalhão foi sendo recado para o eixo do esforço, ficando ampliada, em consequência, a zona de ação do II Batalhão, em cobertura, a W. Era a 2ª fase de operações do Dest. F.E.B. que se iniciava. As operações prosseguiram, com as características da fase anterior, mais acentuadas, porém, pela maior permeabilidade do Vale. Chuvas, minas, destruições (eixo, localidades, pontes), abertura de variantes (3), associadas à resistência inimiga, tiveram que ser vencidas. Já na jornada de 3 de Outubro, tomava corpo a idéia diretriz do comando, com dois Btl's. já articulados em pleno Vale do Serchio, um outro distendido pela restante zona montanhosa de W. A 8 e 9 o Dest. F.E.B. avançava sobre Galicano e Barga, abandonadas, sob pressão, pelo inimigo, sendo ocupada a primeira dessas localidades. A partir daí, acentou-se a resistência alemã. Um Btl., o 1º, e Bias. de Art. do II Grupo, que haviam passado à Reserva do IV Corpo (Camiore). O Gen. Crittemberg, tendo encarado a possibilidade de reforço à certas ações ofensivas do 92 T.F. no litoral, havia tomado essa decisão), retornaram ao Des. F.E.B., em Borgo e Mozano. Por outro lado, foi reconstituído o Agrupamento de Artilharia, com a participação dos tanques destróieres, agrupamento que vinha operando com real proveito, desde a 1ª fase. Tornou-se acentuada a atividade de patrulhas, e a Engenharia, com o lançamento de uma ponte a NW. de Castellaccio, facilitou sobremodo os movimentos para a margem W. do Serchio.

A 18 de Outubro há um reajustamento de dispositivo, visando já um ataque a Castel Nuovo di Garfagnano, importante posição inimiga, chave de suas operações no Serchio e no Litoral, e aguardou-se autorização do IV Corpo para a sua conquista,

(3) Foi digno de registro o trabalho do Dest. Engenharia na variante do trecho Fornoli — Fornaci, cuja destruição sistemática pelo inimigo forçara o Dest. F.E.B. a um tempo de parada. O Cmt. do Dest. F.E.B. acionou pessoalmente os trabalhos, reforçando a mão de obra com a Cia. Canhões Anti-Carros do 6º R.I.

confirmada pela O.G.O. n.º 14, de 20 de Outubro. Naquele reajustamento, deveria o II Batalhão rarefazer a ocupação da zona passiva a W. do Serchio e com os elementos liberados substituir elementos do III Batalhão, no eixo do esforço. O I Batalhão, por sua vez, teria que ultrapassar o III, para atacar. A base de partida seriam as elevações ao N. de Barga (Albiano, Catanga, Somocolonia) e o esforço a L. do Serchio. A presença assinalada, entretanto, de componentes de uma nova G.U. alemã, adiou o ataque. Novos reajustamentos. Somocolonia foi ocupada a 24, Verni a 25, Cota 437 e Mte. Faeto a 28. Afinal, apesar da chuva torrencial caída pela madrugada de 30 e ao escarpado do terreno, tornado escorregadio, em fim de jornada o 1.º tempo da manobra fora cumprido e os objetivos atingidos (Lama di Soto, La Rochette, Cota 906). Garfagnana, porém, era decisivo para os alemães, por isso que, quase a cavaleiro da orla marítima e do vale e dominando êste, por ela passava uma de suas linhas de roçada. Por êsse motivo, na madrugada de 31, o inimigo, com fortes reservas locais, sorrateiramente puchadas à frente e sob chuva torrenciais, contra-atacou vigorosamente a linha atingida, já ameaçando suas comunicações com o N. Os nossos, habituados aos êxitos sucessivos que vinham colhendo, tornaram-se confiantes, e, cansados de fatigantes jornadas, relaxaram algumas medidas de segurança; os alemães conseguiram assim, naquele local, uma ação de surpresa.

Desta forma, fomos repelidos para as posições de partida, devolvendo ao adversário os objetivos tão arduamente conquistados.

O inimigo, pois, que vinha apresentando pequenas mas fortes ações retardadoras, destruições sistemáticas nos eixos permeáveis (terreno inicial pouco acidentado) e, que depois, num terreno mais movimentado passara a retirar manobrando, reajustara seu dispositivo e se instalara, por fim, sôbre sólida posição de montanha, tendo como centro definidor Castelnuovo di Garfagnana.

Todavia, bem nítida havia sido a penetração do Dest. F.E.B. no dispositivo inimigo: uma, na direção geral de Mte.

Prano e mais a NW. com cobertura a L.; a outra, no Vale do Serchio (Fornaci-Borgo a Mozano-Barga).

No último dia do mês de Outubro, era êsse o balanço das operações até então realizadas: 40 kms. de progressão, em frentes de 10 e 20; 219 prisioneiros capturados; 112 baixas (mortos, feridos e desaparecidos); várias cidades liberadas em extensas regiões, e quase intacta, uma fábrica de munições e acessórios para aviões (Fornaci).

No decorrer das operações do Vale do Serchio, deu-se a visita do Gal. Eurico Dutra, Ministro da Guerra, ao Teatro de Operações da Itália. S. Excia. percorreu o front e almoçou no P.C. do III Batalhão (17 de Outubro, em Fornaci).

As operações do Dest. F.E.B., como apresentação da Força Expedicionária e do Exército Brasileiro, foram felizes e promissoras. A Manobra de Camaione, sobretudo, que assim se pode denominar em conjunto a montagem das operações sucessivas que romperam a Linha Gótica, iniciada com a ruptura de Mte. Prano e consequente queda da frente restante pela manobra, foi uma bela concepção, coroada de sucesso, na execução.

Também as ações do estreito Vale do Serchio, revelaram a tenacidade e o destemor do soldado brasileiro: minas e destruições não lhe tolheram o ardor. E se fomos menos felizes contra Garfagnano, consideremos que, mais tarde, os próprios americanos, melhor equipados e preparados, dali foram expulsos, por duas vezes, da última sendo até necessária a intervenção de uma D.Bl. para restabelecer a situação, partindo das vizinhanças ao N. de Lucca...

CAPÍTULO III

INVERNO E DEFENSIVA NO VALE DO RENO

Finalmente, em Setembro, sob o Comando do Gen. Bda. Oswaldo Cordeiro de Farias, embarcava no Brasil, e em Outubro chegava à Itália, o 2º Escalão (grosso da F.E.B.), assim constituído: Comando e E.M. da Artilharia (A.D.E./1); o 2º Escalão do E. M. da D.I.E. e do Q.G.; dois R.I., o 1º, Regi-

mento Sampaio, e o 11º Regimento de Infantaria; três Grupos de Artilharia, o 1º/1º R. Au. R., e o 1º/1º R. A. P. C.; um Batalhão de Engenharia, o 9º B. E. (grosso); um Esquadrão de Reconhecimento (grosso); a Companhia de Transmissões (grosso); o 1º Batalhão de Saúde (grosso); uma Esquadrilha de Ligação e Observação, da F. A. B., e os restantes elementos de Intendência, Justiça, Saúde, Fundos (Pagadoria), Correio Regulador, Serviço Especial, Correspondentes de Guerra, Serviços Hospitalares e Banco do Brasil. Comandava um dos grupos de embarque, o Gen. de Bda. Olimpio Falconiere da Cunha (no T. O., Cmt. dos Órgãos não Divisionários). O transporte foi feito nos navios americanos "Gen. Mann" e "Gen. Meigs", escoltados por navios de guerra da Marinha Brasileira e da Marinha Americana, até Gibraltar e Nápoles, respectivamente.

De Nápoles, o 2º Escalão seguiu imediatamente, e numa flotilha de cerca de 60 L. C. I. (Landing Craft Infantry) dos EE. UU. (4), para Livorno, sendo daí transportado para a Área de Estacionamento de Pisa (Tenuta Reale di San Rossore), onde acampou. Tiveram início então o recebimento e a distribuição de material e o treinamento, este último ultimado na Pisa). A 1ª D. I. E. se reagrupou, a partir daí, sob o comando direto do Gen. Mascarenhas de Moraes (5), sendo extintos os dois escalões (o Dest. F. E. B. prosseguiu nas operações do Vale do Reno e o 2º Escalão o treinamento, em Pisa e Vecchiano).

Para a compreensão de certos fatos, porém, necessário se torna passar em revista alguns antecedentes. A 15 de Setembro, iniciou o Vº Exército a sua ofensiva sobre Bolonha (eixo Florença-Bolonha) que então polarizava o seu esforço de operações e do inimigo. Na mesma ocasião estreitava o Dest. F. E. B., ao

(4) Muitos desses L. C. I. operaram no desembarque do Sul da França. Foram 36 horas inesquecíveis de viagem em mar agitado e tempo irregular.

(5) 1º Nov. 44. O Gen. Mascarenhas passou então a comandar todas as forças que compunham a 1ª D. I. E. e assumiu a responsabilidade direta das operações do Dest. F. E. B.

N. de Pisa (Capítulo II) e a 11 de Outubro chegara o 2º Escalão, que se deveria armar urgentemente, para participar ainda das operações do Vale do Serchio (Garfagnano). Em consequência, porém, da reunião do Passo de Futa (30 Out.) em que ficara assentado o adiamento para Dezembro da ofensiva sobre Bolonha, procedeu-se a um reajustamento da ordem de batalha do Vº Exército. Devia a 1ª D.I.E., incorporada ao IVº Corpo, ser retirada do Vale do Serchio e rodada para o Vale do Reno, afim de atuar a cavaleiro da Rota 64 (Pistoia-Bolonha), um dos dois eixos principais que conduziriam a ofensiva sobre Bolonha. Seria, para isso, armada em uma semana, o que não foi possível realizar. Apesar d'êste fato, já a 6 de Novembro o 6º R.I. se encontrava integralmente nas novas posições (via Lucca, Pistoia, Porreta Terme), no Vale do Reno (com artilharia de apóio, o II Grupo, e frações de Engenharia), região de Áfrico, Torre de Nerone e N: de Riola, onde substituiu a 1ª D. Bland Americana e herdou uma situação tática difícil.

A essa altura veio a decisão do Comando Americano de realizar com a 1ª D.I.E. um conjunto de operações denominadas "Preliminares" e ordens foram dadas para que a tropa da Área de Treinamento seguisse para a zona de combate, à proporção que fosse completando o seu aparelhamento material, que ainda estava por ultimar. Não obstante, já a 20 de Novembro, o Regimento Sampaio, com grande esforço, tinha dois de seus batalhões em linha, enquanto que o último Btl. do 11º R.I., cujo grosso já entrara também em ação, vencendo grandes dificuldades, só ponde deixar a Área de Treinamento em 3 de Dezembro, seguindo diretamente para o front. Por certos, motivos superiores obrigaram o Comando Americano às medidas tomadas; elas, entretanto e forçosamente, far-se-iam sentir mais tarde na coesão da 1ª D.I.E. agravada, ademais, pela agressividade do inimigo no Reno, que parece ter percebido a entrada em linha, por substituição, da tropa brasileira (6).

(6) Assim foi que, na noite de 23 de Novembro, montou êle uma forte ação na frente do III Batalhão do 6º R.I., sendo repellido energicamente, após 3 horas de fogo e muitas perdas. Na noite de 30, uma densa patrulha, em sortida, conseguiu infil-

Entrementes, o IV^o Corpo montou uma operação ofensiva na zona de ação do 45 Task Force, designando para constituírem o grupamento de ataque, com outras tropas, americanas, o nosso Esq. de Rec., o III Batalhão do 6^o R.I. e 1 Pelotão do 9^o B.E., sob o comando do Cmt. daquele Task Force. Era o primeiro ataque frontal de Monte Castelo — Abetáia, de 24 de Novembro, e em que Monte Castelo constituía ponto vital para a segurança de comunicações daquele Corpo, canalizadas pelo Vale do Reno (Rota 64) e Vale do Sila, afluente daquele. A operação fracassou, e a 25, repetida e em zona de ação ampliada, registrou novo insucesso. Todavia, no flanco W., tropas americanas conseguiram tomar pé no Mte. Belvedere (1141 ms. de altitude).

Deante destes fatos e resultados, o Comando Americano, em atenção às ponderações do Comandante da D.I., resolveu, enfim, conceder ao Gen. Mascarenhas o comando global de sua força, com três compromissos porém a solver: um permanente, defensivo, a exigir 5 Btls. em linha; e dos dois outros, um imediato, ofensiva sobre Castelo — Torracchia; e o outro, futuro, ofensiva sobre Mte. della Croce — Castelnuovo. Assim, a 29 de Novembro, nova operação foi montada, com o efetivo do valor de um Regimento e forte apôio de art. (1^o/1^o R.I., III/11^o R.I. e 1^o/6^o R.I. e toda a Art. Div.), sob o Comando do Gen. Zenóbio da Costa. O objetivo mostrou-se, ainda uma vez, difícil, apesar dos esforços de uma jornada que se desenvolveu favoravelmente até as últimas horas da tarde. Ao cair da noite, forte contra-ataque alemão forçou nossas tropas a se retirarem para as posições de partida, causando-nos cerca de 180 baixas, entre mortos e feridos. Por coincidência, nesse mesmo dia, vigorosamente contra-atacados em Mte. Belvedere,

trar-se entre o I^o Batalhão do R.S. e o III^o Batalhão do 11^o R.I., causando baixas entre os nossos.

Ainda à noite foi feito um ataque alemão, forte às nossas posições, deante de Guanela (2-3 de Dezembro), sendo repellido com baixas. Na noite seguinte, porém, bem apoiado por artilharia e morteiros, o ataque conseguiu repelir o I^o Batalhão do 11^o R.I. daquelas posições, logo restabelecidas pelo III^o do 6^o R.I. puxado à frente. Considerando os ataques de 24 e 25 Nv., 29 Nv. e 12 de Dez, de nossa parte, tem-se uma idéia da atividade desse front, nesse período.

os próprios americanos devolveram a posição recémconquistada ao inimigo.

Ainda por ordem do IV Corpo, o Cmt. da 1ª D.I.E. voltou ao ataque, a 12 de Dezembro, em maior força (1º R.I., com o II e II Btls. e III/11º R.I., apóio de toda a nossa Art. e Div. e reforço de tanques americanos; como reserva da Divisão, o III/6º R.I. O Grupamento de ataque coube ao Gen. Zenóbio da Costa). Más as condições atmosféricas. Impossível foi dominar a potente barragem de artilharia e morteiros alemães e apesar de um Pelotão ter tomado pé nas faldas do morro, o ataque não conseguiu êxito, apesar do ardor com que foi conduzido e assim, às primeiras horas da tarde, a infantaria retornava às posições primitivas (Cel. Caiado de Castro).

Era o quarto ataque a Castelo, sem sucesso. E neste período a tropa apresentou elevado nível de disciplina, abnegação e espírito de sacrifício; mas resentia-se, não somente de 90 dias em linha sem descanso (Dest. F.E.B.), como ainda das lutas contra fatores adversos, treinamento e adaptação incompletos (2º Escalão); das condições atmosféricas já hostis num terreno áspero de montanha e do aparelhamento que apenas vinha de completar. Impunha-se uma recuperação, um reajustamento e recompletamento antes de qualquer nova ação ofensiva. Dest'arte, a 13 de Dezembro, o Gen. Crittemberg, Ctm. do IVº Corpo, aceitou a exposição de motivos do Gen. Mascarenhas e liberou a 1ª D.I.E., provisoriamente, dos seus compromissos ofensivos.

Prevaleceu-se o Gen. Mascarenhas da missão de manutenção defensiva da frente anterior (que coincidiu com os meses mais fortes do inverno), para proceder ao reajustamento da Divisão Brasileira, em todos os aspectos que se faziam necessários. A defensiva da F.E.B. realizou-se, aliás, no período em que todo o Vº Exército se encontrava igualmente na defensiva, e dele se aproveitando para fazer repousar, merecidamente e por revezamento, suas Grandes Unidades Americanas.

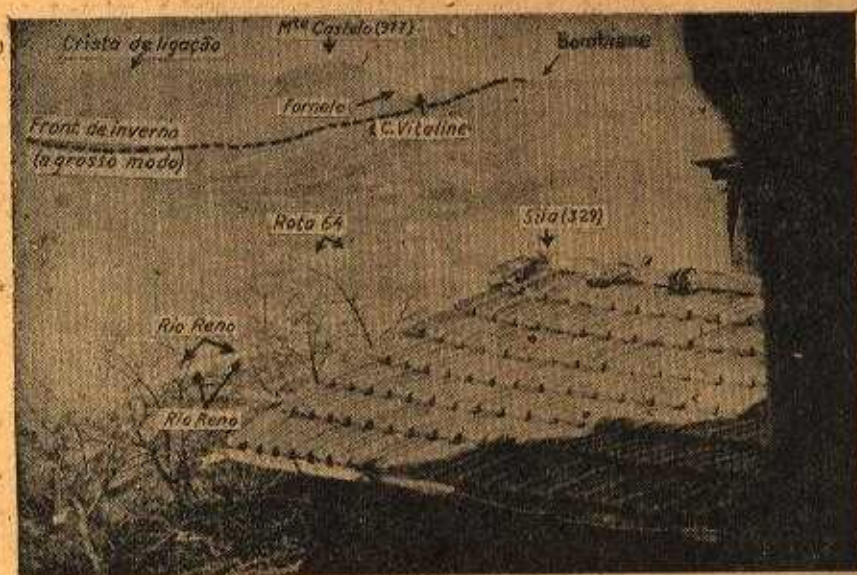
E' justo assinalar aqui o acerto das decisões do IVº Corpo e do Vº Exército em relação à D.I.E. Esta por sua vez, iria retribuir com a conquista positiva de Castelo, feito ponto de

honra para a F.E.B., nove semanas mais tarde. E não só Mte. Castelo, como também La Croce e Castelnuovo, herdados do compromisso anterior.

CAPÍTULO IV

A OFENSIVA DO IV CORPO — MONTE CASTELO

Coincidindo com o período hibernal, em que o soldado brasileiro, tropical, revelou notável capacidade de adaptação, a F.E.B. ecube manter o setor defensivo que se estendia pelas



Ação de Artilharia Expedicionária sobre Monte Castelo, no ataque vitorioso de 21 de fevereiro

alturas imediatamente a W. da Rota 64, entre Gaggio Montano e Riola.

No cumprimento desta missão, a nota agressiva do front consistiu em duelos de artilharia, bombardeios de parte a parte e intensa atividade de patrulhas. Registraram-se, também, golpes de mão e contra-ataques locais, tudo num panorama de densa camada de neve e intenso frio. E dada a situação do inimigo,

a cavaleiro de alturas dominantes (Belvedere, Castelo e Soprasasso, principalmente) todo o nosso acentuado tráfego de reabastecimentos e evacuações teve que se processar sob permanente cobertura de flutuante e extensa neblina artificial. Sensíveis foram as baixas verificadas neste período, na frente como na retaguarda imediata.

Com a atenuação do inverno, porém, foram retomadas as operações ofensivas no Vale do Reno. Assim, preliminarmente, a 6ª D. Sul-africana, que nos enquadrava a L., foi substituída pela 1ª D. Blindada Americana, e a Task Force 45, enquadrante a W., foi revesada pela 10ª Divisão de Montanha, dos E.E.UU.

A 17 de Fevereiro, a 1ª D.I.E. recebeu do IV Corpo a missão inicial de conquistar Monte Castelo, parte da montagem de uma ação preliminar de envergadura em relação à Ofensiva da Primavera, e que constituiu das mais belas concepções de manobra daquele Corpo de Exército, traduzida numa ação ofensiva de vulto contra a principal posição organizada pelo inimigo nos Alpeninos. (7)

Para a D.I.E., a manobra comportou três fases distintas: uma primeira fase, o ataque de Monte Castelo e as operações complementares que se lhe seguiram sobre La Serra — Bella Vista; uma segunda fase, a ação complementar ao ataque da 10ª D. de Montanha na direção de M^o della Vedeta, isto é — limpeza do Vale do Marano, seguida da ação contra S. Maria Viliana, M^o della Croce; uma terceira fase, o ataque e conquista da grande crista 702 — Castelnuovo, com dois grandes setores — Soprasasso, Castelnuovo.

O terreno em que se ia desenvolver o ataque inicial da 10ª D. de Montanha — 1ª D.I.E., apresenta estas linhas gerais (massiço Belvedere — Torraccia — Castelo); tem a forma aproximada dum "Y", inclinado e deitado sobre o braço direito e orientado de SW para NE, as três extremidades terminando nas elevações de Belvedere, a SW (1139 ms.) e as duas outras

(7) É a denominada ofensiva do IV Corpo, que visava desafogar as comunicações nos vales do Reno do Sile, devassadas pelo inimigo. (Plano "Encore").

pelo Torraccia (1082 ms.) a NE e Castelo (977 ms.), a SE. Sua importância deriva de dois fatores: um imediato, por espiar para dentro de nossas linhas, num raio de muitas milhas, devassando de seus inúmeros e naturais observatórios as tropas do front e os movimentos da retaguarda; e o outro, mediato, porque



O General Inverno Patrulha na neve, a 10° abaixo de zero

a cavaleiro, aí, das vias de acesso à Bolonha e Módena. Sua posse iria permitir, pois, o prosseguimento de operações de relevo, de vez que o massiço Belvedere-Castelo é o traço de união entre Cappel Buzzo (Apeninos) e o restante divisor de águas Panaro-Reno, que nele se entrosa e é marginado pelas Rotas 64

e 12 (Bolonha e Módena). Abrir-se-ia, ainda, a penetrante que sulca o plateau divisor na direção de Castel D'Aiano — Bocca di Ravari — Zocca — Giuglia — Vignola — Módena.

O inimigo ocupava inteiramente o massiço, de mais de 100 ms. de altitude (Sila 329; Porreta, 340; Caggio Montano, 594). Organizara-o primorosamente, apresentando casamatas à prova e bem camufladas, invisíveis a 100 ms. de distância e dotadas de magníficos campos de tiro, justa-postos aos itinerários obrigatórios de acesso e penetração. Uma potente barragem de fogos de art. e mrt. coroaava sua organização, tódela ela flanqueada de armas automáticas e coberta à frente, por extensos campos minados.

De modo genérico, a manobra inicial do IV Corpo pode ser assim resumida: à 10^a D. de Montanha cabia conquistar Belvedere e progredir ao longo da crista até à linha Capela de Ronchidos — Mazzancana (nó de crista em que se soldam os três componentes do Y); daí, em ação conjunta e em ligação com a D.I.E. que se lançaria sobre Castelo, atacaria Torracina. Em consequência, a D.I.E. assim montou o seu ataque: durante a ação da 10^a D. de Montanha, desgastaria as resistências que deveria defrontar, visando a sua posterior entrada em ação. No momento oportuno, (ligação com a 10^a), atacaria Castelo pelas encostas SW., em ação combinada com um ataque pela língua de terra (trista de ligação). Ficaria ainda em condições de acentuar o esforço, ou aproveitar o êxito, êste último na direção de alturas que bordam o rio Marano, a NE de Castelo.

O ataque do massiço foi precedido de importantes ações, executadas pela 10^a D. de Montanha, que, na noite de 18-19 de Fevereiro, com aparelhagem especial, ocupou com 1 Btl., e de surpresa, as alturas de Piso de Campiano e Cappel Buzzo e na noite seguinte iniciou a ação principal sobre Belvedere, conquistando-o rapidamente. Seguiu-se o ataque a Gorgolesco, que resistiu tenazmente; mas, em plena jornada de 20, já prosseguiu a D. Montanha pela crista, atingindo a linha Capela de Ronchidos — Mazzancana. A partir desta situação, segundo o ritmo estabelecido pela D.I.E., a força brasileira desencadeou o seu

ataque, empregando nele o 1º R.I. (Regimento Sampaio), sobre Monte Castelo; o III/11º R.I., em reserva (Gaggio Montano); o II/11º R.I. em apóio e ação diversionária, na região de Bombina e Mte. del Oro; toda a Art. Div. em apóio e uma Cia. Eng. do 9º B.E. em acompanhamento do combate. (8)

A jornada de 21 foi decisiva para a nossa D.I.E., já que os êxitos americanos de Belvedere e Gorgolesco impunham, como ponto de honra para nós a conquista, a qualquer preço, do famoso Monte Castelo. A hora exata, partiu o ataque, que se desenvolveu com peripécias e flutuações inevitáveis; progrediu o I/1º R.I. com segurança e audácia sobre a crista, enquanto o III/1º R.I. mantinha a frente atingida, defrontando sérios pontos fortes do inimigo. A árdua tarefa de 10ª D. Montanha, porém, obrigava sua valorosa tropa a ir fazendo esquerda volver e tomando forma linear, face a W. e a fortes resistências inimigas que flanqueavam sua destemida progressão. Em consequência, não foi possível a essa unidade prosseguir sem parar no seu esforço, como estava previsto, isto é, atacar Torraccia simultaneamente. A D.I.E., entretanto, não podia deixar de continuar no ataque já em curso, segundo ordem do próprio IV. Corpo. Esta circunstância exigia uma ação maior, mais enérgica, de nossos soldados. A progressão foi retomada e as 11,20 houve uma certa confusão, encontrando o I Btl. resistência que não mais devia existir e em pontos onde se apoiaria, segundo os planos. Sem perda de tempo, cobre-se naquelas direções e prossegue o avanço (14,30). Por outro lado, apoiado por potentes concentrações de nossa Art. e conjugado com a progressão do I Btl., o III/1º R.I. desprega-se e elementos seus tomam de assalto o ponto forte de Fornello (16,10). Nesse interim, o II

- (8) A Esquadrilha de Ligação e Observação da F.A.B. (teco-teco) teve neste ataque, como já o vinha fazendo e prosseguiu até o fim da campanha, uma atuação de relevo. Levando a bordo Oficiais de Art., a observação e a regulação do tiro foi a tarefa que lhes incumbiu. Ligados pelo rádio ao E.M. da A.D. ou aos próprios Grupos, a eficiência do fogo de nossa Art. foi um fato, comprovado pelos prisioneiros alemães. Por outro lado, exedendo suas possibilidades, não raro realizaram patrulhamento, vigilância e pequenos bombardeios.



Btl. foi também acionado. Por fim, às 17,20 horas Monte Castelo era considerado atingido, iniciando-se imediatamente sua limpeza, que se prolongou pela noite de 21-22.

O 1º R.I. (Regimento Sampaio) instalou-se então defensivamente sobre Monte Castelo, donde serviu de apôio às operações da 10ª D. Montanha sobre Torraccia, que resistiu até à



Pracinha no fox-hole, camuflado contra a neve

jornada de 23. Postos avançados foram lançados sobre Mº della Caselina (III Btl.), e o II/11º R.I. ocupou Abetáia, soldando assim, Monte Castelo, através de um novo ponto de apôio, às posições da D.I.E., escalonadas para NE.

A 22, pelo Vale do Marano, prosseguiram as operações, a cargo do II Btl. do 1º R.I., que ocupou Cota 958 e La Serra, com acentuada resistência do inimigo. A jornada de 23 assinalaria novos episódios. O inimigo contra-atacou e envolveu a posição de Cota 958, que resistiu e repeliu. La Serra foi também contra-atacada e o inimigo conseguiu infiltrar-se até Mte. Caselina. Não teve melhor sorte. Pela madrugada, outro contra-ataque se registou sobre La Serra e na manhã de 24 era forçada a cota 958, sem sucesso, permanecendo, porém, a ameaça de La Serra, onde dois Pelotões resistiram, cercados, e um deles sem ligação. Apoiando-se mutuamente e coadjuvados pelos fogos de nossa artilharia fizeram fracassar os últimos esforços do inimigo em retomar aquelas posições, muito importantes para o prosseguimento das operações em curso. Por isso, a 24 eram elas reforçadas e a 25, praticamente considerado atingido o último objetivo, apesar de novos contra-ataques que o inimigo ainda lançou em La Serra e 958. O II Batalhão do 11º R.I. apoiou, de suas posições de Mte. del Oro, Falfare e Abetia, mas principalmente de flanco, toda a ação do II Batalhão do Sampão. Sua cooperação foi particularmente eficiente na manutenção das posições de La Serra e 958, na fase angustiosa dos contra-ataques alemães aos Pelotões da 5ª Cia. que ali resistiram toda uma noite com seus próprios meios, embora depois apoiada pela nossa art. e morteiros.

Já a esta altura se constituía o Dest. Oliver, que deveria prolongar o flanco S. (esquerdo) da D.I.E. e cobrir, de Pizzo de Campiano, de difícil acesso (9), o colo entre Cappel Buzzo e Belvedere.

Estava encerrado um dos capítulos mais emocionantes, talvez, da atuação da F.E.B. no Teatro de Operações da Itália, por isso que Mte. Castelo, atacado quatro vezes sem sucesso,

- (9) O colo em aprêço, dominado pelo côrte dum formador do Panaro, constituiu, até Monteso, uma preocupação à segurança de nossa retaguarda. Para chegar a Pizzo de Campiano, sobre o "canion" desse formador, havia mesmo um funicular (caminho aéreo), depois do qual se sucedia um sendeiro a serpentear a rocha, à beira de fundo precipício. Pizzo de Campiano e Belvedere controlavam o colo, daí sua ocupação.

na dura estação invernososa se constituiu um símbolo dominador do poderio nazista, num desafio de 3 longos meses à fibra do soldado brasileiro, imobilizado nos gélidos fox-holes pelas suas vistas e fogos devassadores. Monte Castelo significou, para nós, tôda uma frente de inverno nos frígidos Apeninos, das faldas do Belvedere ao Soprassasso e Riola; a epopéia silenciosa e enervante das patrulhas noturnas sôbre neve, gelo e emboscadas insidiosas; a vigília da artilharia e dos Estados Maiores e sua própria existência como unidade constituída, devida a "ação leal, enérgica e patriótica do Gal. Mascarenhas!... Mte. Castelo foi, verdadeiramente, um teste de sobrevivência e valor para a F.E.B., e a conquista, difícil e erçada de sacrifícios, do renitente reduto alemão, símbolo de uma dura internada de guerra em longa frente, constituirá, para sempre, uma página de glória a honrar as tradições do Exército Brasileiro.

CAPÍTULO V

MARANO, SOPRASSASSO, CASTELNUOVO

Visando desafogar as comunicações do Vale do Reno e abrir novas perspectivas ao emprêgo das unidades blindadas, o IV Corpo, depois de assegurada a cobertura de seu flanco e comunicações (Grupamento W. da F.E.B., sob o comando do Gen. Zenóbio da Costa) iria prosseguir na ofensiva com que expulsaria o inimigo do divisor Panaro — Reno, colhendo-o de flanco e ao longo de tôda a sua linha defensiva.

Em consequência, porém, da direção e progressão do ataque dos americanos, abriu-se um corredor no dispositivo da F.E.B. (Torraccia — Mte. del Oro), o "corredor da 10^a", que assim ficou enquadrada, a W., pelo Grupamento Oeste, (10) e a E., pelos restantes subsetores de E. da D.I.E. Mas, se

- (10) Constituído pelo R.S. e III/11^o R.I., mais o Sub-Grupt. Oliver, com o nosso Esq. Rec. e C.C.A.C./R.S. Artilharia: I e II Grupos em apôio direto e IV Grupo em ação de conjunto (inclusive aos Q/Centro e S/S.N., onde se iriam desenrolar as 2^a e 3^a fases). Engenharia: 1 Cia./9^o B.E.

de um lado, a 10ª se ligava, no seu avanço, sucessivamente aos sub-setores de E., de outro se afastava do Grupamento Oeste, deixando uma brecha entre ela e este grupamento. Além disso, a D.I.E. deveria realizar a 2ª fase de sua própria ofensiva, que consistia numa ação complementar em ligação com a ofensiva da 10ª D. de Montanha, ou seja a limpeza do Vale do Marano, dirigido sobre S. Maria Viliiana — Mº della Croce; seguida de uma 3ª fase, ataque e conquista da grande crista 702 — Castelnuovo, com o grande relevo e saliente do Soprassasso de permeio.

E foi bela e digna de registo a manobra de conjunto montada e executada pela D.I.E., intimamente articulada com as diferentes fases da ofensiva da 10ª D. Montanha. Finalmente, liberadas as forças empenhadas nestas duas últimas fases, foram elas roçadas, já em pleno domínio do plateau e espiando para o Vale do Panaro, para cobrir o flanco e as comunicações da Div. de Montanha, que se extendiam cada vez mais, no seu impetuoso avanço para NE., uma cobertura agressiva que se faria ofensiva.

O terreno das operações da F.E.B., neste período, é ainda Capel Buzzo com o massiço Belvedere — Torracia (Grupamento Oeste); o vale médio do Marano e o sub divisor d'águas Aneva — Reno (2ª e 3ª fases) Neste último, há que notar a massa do Mte. della Croce, soldado ao plateau divisor principal (Panaro — Reno) no Mte. della Vedeta, a forçar o desvio do curso do Marano para SE (região de S. Maria Viliiana e Roca Pitigliana); a “unha” de Áfrico, que se solda à crista pela Cota 882 e se avizinha do Reno no logarejo de Marano; e o íngreme e alongado espigão do Soprassasso, soldado também ao sub-divisor na cota 722 e que vai dar na localidade de Riola, no Reno. Áfrico e Soprassasso formam o anfiteatro de Piazza (Áfrico — Torre di Nerone — Soprassasso), palco duma rude temporada de inverno de guerra e onde o Soprassasso é senhor absoluto de largas e extensas vistas sobre o eixo da estrada 64, além de Sila e trechos de Porreta. O restante do sub-divisor se prolonga e se adoça, ainda bem cotado, até Vergato (onde o Aneva conflue com o Reno) e apresenta o ponto forte alemão de Castel-

nuovo, a cobrir aí o centro de comunicações de Vergato, donde irradia a transversal Bocca di Ravari — Zoca (Reno — Panaro).

O inimigo, trepado nestas alturas, foi sempre o mesmo inimigo ardiloso e vigilante de Belvedere e de Castelo; e do Soprasasso, incômodo e perturbador de nossas comunicações. Do mesmo modo que lá, aqui também desfrutava de abrigos e casamatas à prova, campos de tiro magníficos e pleno domínio das vias obrigatórias de acesso. No anfiteatro de Palazzo, principalmente, bombardeios, golpes de mão, ataques e contra-ataques e intensa atividade de patrulhas, noite e dia, e de parte a parte, foram as ações dominantes do inverno, que muitas baixas causaram de lado a lado. Ademais, extensos campos minados cobriam largos trechos da frente, constituindo sérios obstáculos à 2ª e 3ª fases da ofensiva da F.E.B. nas quais a nossa Engenharia iria ter destacada atuação.

Soldadas, pois as antigas posições ao Monte Castelo e depois da La Serra, a 10ª D. Montanha abriu um "corredor" no dispositivo da F.E.B. e lançou-se aos seus objetivos de Campo de Sole e Mte. della Vedeta, enquanto o II/11º R.I. penetrava também pelo vale médio do Marano, cujas resistências eliminou através de campos minados (11) para ligar-se por fim (jornada de 3 de Março) à 10ª D. Montanha (encostas do Mte. della Croce) e soldar de novo as novas posições às antigas no sub-setor do 6º R.I. (S. Maria Viliiana). O inimigo, embora apresentasse resistência descontínua nesta fase, tentou audaciosas infiltrações, com fortes efetivos, na frente do Grupamento Oeste (de Cappel Buzzo à cota 1.036, na crista para Torraccia), e pretendeu ameaçar as comunicações da 10ª D. de Montanha: duas vezes sobre Rocca Corneta e uma sobre o elevado Capel Buzzo. Foi em tôdas elas repellido energicamente, com sérias perdas, e em resposta, sofreu agressivas e profundas sondagens, verdadeiras ações diversionárias com que o Grupamento, simultaneamente com as 2ª e 3ª fases, iludiu o inimigo sobre as di-

(11) O II 11º R.I. teve o apoio direto de um Grupo de Art. e os fogos de ação de conjunto de nosso IVº Grupo. De inestimável valia lhe foi, entretanto, o levantamento de minas operado, com audácia, pela Engenharia.

reções do ataque principal, fazendo crer tratar-se de ataques gerais em toda a frente.

Prosseguiu, então, o ataque da 10^a Div. de Montanha pelo plateau divisor, tendo como objetivos agora as elevações de Castel D'Aiano, Cota 880 e alturas do Aneva, Mte. della Castellana, Mte. Belvedere II. Por seu turno, a 1^a D.I.E. montou a manobra de Castelnuovo, prevista para a 3^a fase de sua ofensiva. Empenhou nela o 6^o R. de Infantaria, apoiado pelo III Grupo e acompanhado por 1 Cia. de Eng. o qual se deveria cobrir na região de Torre di Nerone (Corredor da 10^a) e conquistar os relevos da crista assinalada(inclusive o Soprassasso e Castelnuovo); e o 11^o Regimento de Infantaria, apoiado pelo I Grupo e Cia. Obuzes regimental, acompanhado por 1 Cia. de Eng., mas a dois Batalhões, o II^o e o I^o, os quais deveriam cobrir o flanco sul do ataque do 6^o Regimento, realizar o envolvimento de Castelnuovo e explorar o êxito na direção geral de África.

Com efeito, na jornada de 5 de Março, o 6^o Regimento inicia sua épica arrancada: o III^o Batalhão arrebatou ao inimigo os pontos fortes de Cotas 882 e 802; e realizada a cobertura de Torre di Nerone, face ao Mte. della Castellano(objetivo da 10^a, ainda não atingido) por sua vez, o II^o Batalhão, pela retaguarda, aniquila o renitente Soprassasso; e por fim, o I^o Batalhão, crista abaixo, reduz as Cotas 720 e 664 e, já intimamente articulado ao 11^o R. I, penetra em Castelnuovo, em fim de jornada e quase à luz de refletores. De acôrdo com a missão recebida, o 11^o Regimento de Infantaria, empenhando-se com ardor, de Precária, com o seu I^o Batalhão, cobriu o flanco sul do ataque do 6^o este Btl. recuperou mais tarde duas Companhias, para a exploração do êxito); enquanto que no flanco L. da Divisão, o II^o Batalhão, por Lareda di Sopra, Bonzoni, Cota 578 e Rovineli, encostas acima, cortou as comunicações do ponto forte alemão (estrada Castelnuovo — África) consolidando a queda definitiva do reduto e completando a manobra divisionária de Castelnuovo.

As novas posições conquistadas foram ainda uma vez soldadas aos objetivos também atingidos pela impetuosa 10^a Di-

visão de Montanha, na região de S. Cristóforo (Mte. della Castellana). Estava vencida a 3ª e última fase prescrita à F.E.B., etapa final de grande significação para a Divisão Brasileira, em que o Soprassasso, metido como uma cunha bem dentro de nossas linhas (de tal modo que tivemos o inimigo à retaguarda de nosso front), tinha um valor simbólico análogo ao de Mte. Castelo, sem desprezar o reduto de Castelnovo, chave das posições alemãs, nesse difícil setor. E a 7 de Março, por ordem do Vº Exército, o IVº Corpo encerrou a sua espetacular ofensiva, colimado plenamente o objetivo: ficavam livres, enfim, as comunicações dos Vales do Sila e do Reno, após mais de três meses de front encarapitado às encostas do Apeninos, e onde o esforço dos abastecimentos e evacuações não foi de menor importância, ao lado do sacrifício do inverno, dos bombardeios (Pontes de Sila e de Marano), dos fox-holes e das patrulhas noturnas; e estavam abertas, também, novas possibilidades ao emprego das unidades blindadas, e perspectivas favoráveis a ofensivas decisivas.

E já agora, aniquiladas as frentes de seu áspero front de inverno, a 1ª D.I.E se veria roçada para novos setores, espiando o Vale do Panaro, onde iria assinalar feitos decisivos para o término de sua Campanha da Itália, no âmbito do Corpo e do Vº Exército dos Estados Unidos.

(Continúa)

PRAIA DE BOTAFOGO

**APARTAMENTOS
PARA ENTREGA EM FEVEREIRO**

— Confortáveis — Acabamento de 1.ª qualidade — 2 amplas salas — 3 dormitórios — Armários embutidos — Garage pertencente ao condomínio — 70 % de financiamento a longo prazo.

VENDEMOS os últimos apartamentos disponíveis a partir de Cr\$ 245.000,00.

Informações sem compromisso.

Na Seção de Vendas — 6.º andar

BANCO HIPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO S. A.
RUA DO OUVIDOR, N.º 90 **Telefone 23-1825.**

Organização do Serviço de Saúde do Exército Norte-Americano nos Teatros de Operações

Cap. méd. Dr. SAULO TEODORO PEREIRA DE
MELO, da Diretoria de Saúde do Exército, e esta-
giário da Escola de Estado Maior.

Iniciaremos, neste número, a publicação da "Organização do serviço de saúde do Exército Norte-Americano nos teatros de operações". O trabalho foi calcado na última edição do FM 8-5, de maio do corrente ano.

Como obra de divulgação do que a grande nação amiga fez, durante a última guerra, em todos os recantos da terra, em que o seu Exército tomou parte, pensamos que, entre nós, muitos estudiosos existem que dela se propiciarão, se tiverem de solver problemas correlatos.

Procuramos manter a feição caracteristicamente prática do manual, com grande preocupação de ater-nos, o mais possível, à letra e à terminologia própria da organização e da técnica americana, deixando aos estudiosos e a futuros trabalhos, que estamos preparando, a tarefa de oportunas adaptações e comparações críticas, em relação principalmente ao que é nosso.

Digamos, entretanto, de passagem, que muitas similitudes encontramos com as nossas organizações, afora pequenas diferenças de nomes e estrutura, podendo afirmar-se que pouco existe lá que já nós, aqui no Brasil, não tenhamos ventilado e previsto, nos trabalhos de estado maior.

Desejamos tributar, a propósito, a nossa gratidão ao Sr. Lt. Col. Raleigh Howard Lackay, da Joint Brazil U.S. Mil. Comm., grande amigo do Brasil e do Exército Nacional, pelo inestimável auxílio pessoal e material que sempre nos tem emprestado, com muito boa vontade e grande bondade.

CAPÍTULO I

Introdução

1. FINALIDADE. Este manual trata, como finalidade precípua, da organização, do funcionamento, da administração, e do serviço interno dos órgãos do serviço de saúde, em campanha, no teatro de operações.

2. RESTRIÇÃO. Só cogitando o manual da organização interna das características funcionais dos referidos órgãos de saúde, o emprêgo tático deles, no teatro de operações, é pormenorizado no F.M. 8-10.

3. SERVIÇO DE SAÚDE. a) *Definições.* O Exército dos EE. UU. é constituído pelas Forças Terrestres (infantaria, artilharia, blindados), pelas Forças Aéreas e pelos Serviços (forças). Os comandantes gerais das grandes unidades (GU), dos territórios, departamentos, teatros, são responsáveis pela organização interna e pelo funcionamento perfeito do serviço de saúde sob as suas jurisdições. A Diretoria de Saúde é parte integrante dos Serviços; é chefiada pelo Diretor de Saúde, o mais graduado oficial médico do Exército, supremo conselheiro do chefe do estado-Maior e do Ministério da Guerra. As suas principais funções são:

1) Apresentar sugestões ao chefe do Estado-Maior e aos Estados-Maiores Gerais e Especiais do Ministério da Guerra sobre assuntos pertinentes à saúde do Exército, inclusive os relativos à utilização dos meios sanitários, dotações e efetivos.

2) Preparar, para serem publicadas, as diretivas gerais do Ministério da Guerra, sobre doutrina e processos técnicos, de ampla aplicação no Exército, que interessem à saúde da tropa e às organizações militares.

3) Exercer a supervisão técnica de estado-maior, para assegurar o maior rendimento possível dos meios sanitários disponíveis.

4) Proceder inspeções técnicas referentes ao serviço de saúde do Exército.

b) *Organização geral.* O Serviço de Saúde do Exército, dos EE. UU. é constituído pelo Diretor de Saúde, o seu estado-maior, as praças do serviço de saúde e os diversos corpos integrantes, tais como o Médico, Corpo Odontológico, Corpo Veterinário, Corpo Sanitário, Corpo Administrativo, Corpo Farmacêutico, Corpo de Enfermeiras, os especialistas em dietética e fisio-terapistas. Há também certo número de médicos civis conhecidos como cirurgiões contratados.

c) *Normas administrativas.* 1) *Trâmites técnicos* são os canais de correspondência profissional, cujos eóos são os médicos-chefes dos sucessivos escalões administrativos, como do médico-chefe regimental

ao médico divisionário; e dêste ao chefe do serviço de saúde do exército; e vice-versa. Todo o assunto que fôr de natureza puramente técnica, que não implique em responsabilidade de comando, será tratado pelos canais do serviço de saúde. Como exemplo, citam-se o mapa de feridos e doentes, a correspondência e as instruções alusivas a métodos clínicos e técnica cirúrgica, informações sobre verbas hospitalares.

2) *Trâmites militares* são os que seguem os diversos escalões das autoridades responsáveis por comandos. Feitas as propostas, do médico-chefe ao seu comandante imediato, este toma as medidas necessárias, encaminhando-as às autoridades superiores ou mandando-as cumprir pelos seus subordinados diretos. Todo o assunto que pressuponha responsabilidade de comando é tratado pelos canais militares; e sempre que houver dúvidas, os canais militares devem ser taxativamente determinados. Como exemplo, apontam-se as medidas de ordem profilática; as relativas a aprovisionamento, cujos entendimentos diretos não estejam positivamente previstos; as pertinentes ao pessoal do serviço de saúde.

3) O *Director de Saúde* exerce supervisão, pelos trâmites técnicos, sobre todo o serviço de saúde do Exército dos EE. UU.; porém as suas funções de comando limitam-se à Diretoria de Saúde, ao Centro de Saúde do Exército, à Escola de Saúde, aos Depósitos de Material Sanitário e a determinadas incumbências previstas pelo Ministério da Guerra. O *Sub-Director das Forças Terrestres* exerce supervisão técnica sobre todo o serviço de saúde das forças terrestres do exército; e o *Sub-Director das Forças Aéreas*, sobre aquele das forças aéreas do Exército.

4) Os chefes dos serviços de saúde dos comandos territoriais, comandos e departamentos, exercem supervisão técnica sobre todo o serviço de saúde que dependa do respectivo comando; porém só têm funções de comando na sua própria repartição e nas organizações de saúde explicitamente designadas por esses comandos ou departamentos.

4. ESCALÕES DO SERVIÇO DE SAÚDE EM CAMPANHA. O serviço de saúde em campanha divide-se em cinco escalões funcionais, os quais, embora correspondam a unidades de comando bem determinadas, não se distribuem precisamente segundo a ordem normal do escalonamento dessas unidades: o exército, por exemplo, conta com três escalões de saúde.

a) *Primeiro escalão (orgânico ou destacão)*. 1) O primeiro escalão do serviço de saúde é integrado pelo pessoal de saúde destacado, cujo conjunto é denominado destacamento de saúde. Dispõe dele qualquer unidade de importância igual ou superior ao batalhão, de qualquer arma ou serviço (exceto o de saúde), quer seja elemento de di-

visão, de corpo de exército, de exército ou de teatro de operações (GOG), quer faça parte de comando isolado, independente de outra unidade tática ou administrativa. As companhias constitutivas dessas unidades recebem socorros de saúde de primeiro escalão de praças destacadas dos referidos destacamentos de saúde.

2) O primeiro escalão do serviço veterinário é prestado pelas seções de veterinária dos destacamentos de saúde.

b) Segundo escalão (divisão). 1) O segundo escalão do serviço de saúde consiste em evacuar as baixas atendidas, em primeiro escalão, nos postos de socorro e dispensários; assisti-las emergentemente no posto de evacuação; e evacuá-las para os postos de triagem, onde são submetidas, se necessário, a intervenções de urgência, aguardando remoção para o serviço de saúde de terceiro escalão.

2) O segundo escalão do serviço veterinário corresponde geralmente ao seu homólogo de saúde; sem, contudo, dispor de posto de evacuação, sendo os animais evacuados diretamente das instalações de primeiro escalão para o posto de triagem, ou órgão similar. As vezes, os socorros de segundo e terceiro escalões são prestados por única unidade; todavia, esta indiscriminação de funções não deve prejudicar a efetiva distinção entre os dois escalões.

d) Terceiro escalão (exército). 1) O terceiro escalão do serviço de saúde consiste em evacuar as baixas do posto de triagem para os hospitais de exército, onde já pode ser prestado tratamento completo. E' função do serviço de saúde de exército.

2) O terceiro escalão do serviço veterinário é função de exército; é executado pela companhia autônoma de veterinária, que apenas se encarrega de transportar os animais; socorrendo-os, entretanto, durante a evacuação.

d) Quarto escalão (zona de etapas). 1) O quarto escalão do serviço de saúde compreende a evacuação das baixas dos hospitais de exército para os hospitais gerais seriados (numbered) da zona de etapas, onde são internadas e tratadas. E' função do serviço de saúde de etapas.

2) O quarto escalão do serviço veterinário resume-se na hospitalização dos animais nos hospitais veterinários de evacuação.

f) Quinto escalão (zona do interior). 1) A subsequente evacuação das baixas para a zona do interior, seu internamento e tratamento nos hospitais gerais territoriais (named) constitui o quinto escalão do serviço de saúde. E' função do serviço de saúde da zona do interior.

2) Não há quinto escalão do serviço veterinário, visto que os animais não devem ser evacuados para a zona do interior. O tratamento dos animais nos hospitais veterinários gerais é de convalescença, localizados na zona de etapas ou bem à retaguarda da área de exército, não constitui escalão seriado do serviço veterinário. (V. fig. 1)

g) *Comandos territoriais*. O serviço de saúde das tropas que servem ou que estacionam à retaguarda da zona de combate não depende dos respectivos comandos territoriais; acontecendo frequentemente, porém, que as funções de dois ou mais escalões sejam prestadas por único órgão de saúde, como o posto hospitalar (*station hospital*). As baixas ocorridas entre o pessoal de saúde das forças aéreas são levadas diretamente para os hospitais, por isso que as instalações destas forças são geralmente situadas na área do terceiro escalão do serviço de saúde terrestre. (Vid. fig. 1)

5. OPERAÇÕES TÁTICAS. a) *Responsabilidade*. O emprêgo tático satisfatório do serviço de saúde é função de comando. As unidades ou sub-unidades de saúde são classificadas ou destacadas nas outras unidades das armas, para que as funções de comando possam ser exercidas convenientemente. O plano geral de evacuação, de hospitalização, de aprovisionamento de saúde, e o sanitário, dentro do teatro de operações, é elaborado pelo chefe do serviço de saúde do GOG, de conformidade com o critério adotado pelo generalíssimo. Este avoca a supervisão geral, mas delega missões a seus vários subordinados diretos. Os hospitais fixos, como os postos hospitalares, os hospitais gerais e os centros hospitalares, localizados na zona de etapas, ficam sob o comando do comandante desta zona; os hospitais móveis da área de exército, dos respectivos comandantes dos exércitos; as unidades de saúde de corpo de exército e de divisão, dos comandantes destas grandes unidades, respectivamente. As evacuações ferro-rodoviárias e fluviais (marítimas), da zona de frente para a de etapas, sob o controle do oficial regulador.

b) *Evacuação e hospitalização*. 1) Os planos e as instruções para as evacuações e a hospitalização são feitos de acordo com o desenvolvimento das operações e os respectivos planos e ordens. A eficiente execução do serviço de saúde de qualquer unidade exige que o médico-chefe seja informado, com a necessária antecedência, dos planos propostos e das instruções vigentes, de que, dependam a sua missão.

2) Somente deve ser instalada a parte do órgão estritamente necessária, que satisfaça à situação particular pendente; mantendo-se a restante em reserva, para qualquer eventualidade. Logo que as baixas forem sendo recebidas, a capacidade de mobilização do órgão ficará dependendo, quer da presteza da evacuação executada pelo órgão de saúde do escalão superior, quer da possibilidade de deixar as baixas entregues aos cuidados de assistentes experimentados, para oportuna evacuação pelos órgãos substituintes.

3) A triagem da baixa deve ser feita em todas as instalações da cadeia de evacuação e hospitalização, para que os aptos para o serviço ativo sejam imediatamente retornados às suas unidades; não devendo

paciente algum atingir mais longe, na retaguarda, do que o estritamente necessário à sua recuperação ou às exigências militares.

4) O maior esforço do serviço de saúde é à retaguarda. Qualquer unidade evacua com presteza a que lhe fica à frente, desembarcando-a das baixas. As ambulâncias são substituídas pelas padiolas nos limites avançados do tráfego; os trens-hospitais pelas ambulâncias no limite avançado do tráfego ferro-viário. Os hospitais móveis devem ser aproximados o mais possível dos postos de triagem divisionários; e as facilidades da evacuação aérea, avançadas tanto quanto lhes permitam o terreno e a situação militar. Os pontos de aprovisionamento (distribuição) devem ser instalados de modo a atender prontamente, em si tios acessíveis, a todas as unidades de saúde que dele dependam.

5) A figura 1 mostra a rede de evacuação humana no teatro de operações. A movimentação das baixas, da frente, é ordinariamente executada da seguinte maneira: para os postos de socorro, à pé, pelos padioleiros dos destacamentos de saúde ou por veículos improvisados como transporte de feridos; dos postos de socorro para os de evacuação, à pé, quando praticável, e usualmente por padiolas e ambulâncias do serviço de saúde da divisão; dos postos de triagem da divisão, do corpo de exército e do exército, pelas ambulâncias de exército; dos hospitais de evacuação, habitualmente pelos trens hospitalares, ou seja por ambulância, seja por aeroplano, todos estes meios fornecidos pelo GOG.

6. FUNÇÕES DE ESTADO-MAIOR DO SERVIÇO DE SAÚDE.

a) Em todas as unidades até batalhão inclusive, há um estado-maior encarregado de auxiliar o comandante no exercício de suas funções de comando. Este estado-maior pode ser subdividido em dois grupos distintos, o estado-maior geral e o especial. Nas grandes unidades estes dois grupos são separados; nas menores, porém, eles se entrosam, encarregando-se freqüentemente o mesmo oficial das atribuições de ambos. (V. FM 101-5)

b) O estado-maior de cada comandante responsável por serviço de saúde conta com um médico-chefe. Na qualidade de oficial de estado-maior, o médico não tem outra autoridade senão a que deriva do seu comandante e, a menos que especiais encargos lhe sejam atribuídos, a sua responsabilidade limita-se ao seguinte:

1) Conselheiro do comandante e seu estado-maior em todas as questões, referentes a:

- a) Saúde e profilaxia da tropa e do território ocupado.
- b) Instrução da tropa sobre higiene e curativo de urgência.
- c) Localização e funcionamento de hospitais e outros órgãos de saúde; e serviço de evacuação.

de veterinária independente. Cada médico-chefe de batalhão autônomo, ou outros batalhões em certas condições (V. FM 8-10), e regimento é classificado na tropa do serviço de saúde, que constitui parte orgânica do comando de que é ele médico-chefe. A exceção das supracitadas, os médicos-chefes são ordinariamente classificados nos estados-maiores dos comandos, como oficiais de estado-maior especializado.

8. INSTRUÇÃO. a) *Referências*. Para maiores minúcias sobre execução e métodos de treinamento, ver FM 21-5 e TM 21-250. Os programas de instrução para as unidades do serviço de saúde são publicados regularmente nos Programas de Instrução de Mobilização para o Serviço de Saúde. Estes programas podem ser alongados ou encurtados, segundo a disponibilidade de tempo. Para instrução especial necessária a determinada unidade, consultar o parágrafo pertinente deste manual.

b) *Responsabilidade*. Cada comandante é o responsável pelo estado de treinamento da sua unidade.

c) *Finalidade*. O resultado da instrução depende principalmente do tempo disponível para a sua execução, visto que há limite mínimo de tempo para o treinamento útil e proveitoso do especialista de saúde. Cabe às autoridades competentes discriminar objetivos a atingir periodicamente, informando-os às unidades interessadas. A instrução da tropa de saúde pode dividir-se em:

1) *Instrução fundamental*, de caráter disciplinar básico para a educação individual do soldado. Trata da organização geral do Exército, da disciplina militar, da higiene individual e sexual, do curativo de urgência e formaturas a pé.

2) *Instrução técnico*, de natureza especializada, peculiar ao serviço de saúde; como, por exemplo, conhecimentos gerais de anatomia, fisiologia e enfermagem cirúrgica e clínica.

3) *Instrução tática*, que enquadra a mobilidade e o emprêgo da tropa em campanha, particularmente as unidades do serviço de saúde.

d) *Método*. 1) *Instrução individual*. Certos conhecimentos indispensáveis ao especialista de saúde precisam ser ministrados individualmente, ainda que, por motivos administrativos, o sejam em grupos. Eles consistem em cuidados com o fardamento, e o equipamento, sinais de respeito militar, noções de anatomia, fisiologia e aplicação de pensos.

2) *Instrução conjunta*. Logo que se consiga a proficiência individual da escola do soldado, deve começar o treinamento dos grupos funcionais. Como exemplos, citar-se-á a instrução conjunta do pessoal do posto de socorro; e do pelotão de socorro do posto de evacuação. Assim que estes grupamentos elementares funcionem razoavelmente bem, poderão ser exercitados no conjunto harmônico, coordenado, da subunidade e unidade superiores de que façam parte. Citam-se, como exem-

plos, a seção de saúde de batalhão, as companhias do batalhão de saúde, que funcionam sósinhas, porém como um todo.

3) *Instrução combinada.* É de essencial importância que todos os oficiais e praças das unidades táticas de saúde se familiarizem perfeitamente com os desdobramentos em campanha e o emprego tático das tropas a que prestam socorro. Posto que certa parte desses conhecimentos possam ser adquiridos em escolas e unidades-escolas, só a participação ativa de manobras e exercícios combinados, nos acampamentos, com as tropas das diversas armas, produz resultados satisfatórios.

4) *Instrução técnica e especializada.* As TOE (quadros de efetivos e dotações) discriminam especificamente os técnicos e especialistas de cada uma das unidades do serviço de saúde. Para os programas de instrução de escreventes, cozinheiros, condutores e mecânicos, assim como para a conservação do equipamento médico, cirúrgico e dentário; o preparo destes técnicos e dos sanitaristas e veterinários, consultar o MTP do serviço de saúde. Cursos para praças técnicas do serviço de saúde são ministrados em vários hospitais do interior (naméd), sob a direção do General Diretor de Saúde. O número de matrículas fixadas nesses cursos podem ser obtidas pelos canais competentes.

e) *Direção de ensino.* 1) *Cursos especiais.* O fato de terem os técnicos e especialistas feito os cursos mencionados em (4) não isenta o comandante da responsabilidade individual pelo estado de adestramento de sua unidade. Quando treinamento adicional for julgado necessário, a própria unidade pode organizar "cursos de tropa" para tal fim. É, entretanto, mais econômico e eficiente instalar um curso único para os vários elementos de determinado organismo; um curso divisionário, por exemplo, para todos os técnicos de saúde da divisão.

2) *Instrutores.* Qualquer oficial, sargento, graduado ou especialista, no âmbito de sua capacidade individual, pode ser instrutor. A eficiência da instrução, aumenta com a quantidade de instrutores disponíveis, permitindo grupos menores de instruendos; mas, é preciso não esquecer que a qualidade dela depende do grau de capacidade deles; o bom instrutor, portanto, além de poder contar com vasta soma de conhecimentos, deve saber ensinar.

i) *Concomitância da instrução.* Embora seja possível desenvolver o treinamento em um ou dois assuntos, só passando a outro depois que eles tenham sido bem compreendidos, o método é criticável por duas razões: primeiro, porque, conhecendo bem o soldado o assunto ensinado, desconhece outros, necessários à boa compreensão do conjunto; segundo, porque assunto isolado, muito debatido, cansa e enfastia facilmente. A diversidade de assunto geralmente ajuda a memória, porque estimula a atenção. Em contraposição, a diversidade de conhecimentos que se pode ministrar concorrentemente tem limite útil à compreensão.

Certos exercícios requerem preparo prévio, sem o qual não serão bem executados nem bem compreendidos. A instrução sobre comboios, por exemplo, só deve ser dada depois que os condutores saibam dirigir bem os seus veículos; da mesma maneira, a boa compreensão do tratamento de gasados pressupõe alguns conhecimentos de anatomia, fisiologia e farmácia.

g) Transferência e readaptação. Cada transferência é um problema individual, cujo adestramento precisa ser seguramente determinado, para que se corrijam defeitos e se evitem repetições fastidiosas e desnecessárias. A maioria dos indivíduos transferidos receberam já alguma instrução, antes de incorporados à nova unidade; mas o grau de aproveitamento é geralmente muito variável.

9. APROVISIONAMENTO. Os comandantes das unidades administrativas são os responsáveis pelo aprovisionamento das suas unidades e das sub-unidades constitutivas inclusive. Para minudências de classificação, administração e distribuição, ver FM 100-10.

10. EQUIPAMENTO. *a) Individual.* 1) O equipamento de campanha da maioria dos oficiais dos corpos Médico, Dentário e Veterinário; e das praças do serviço de saúde das unidades e destacamentos de saúde; contam com estojos de instrumentos, drogas e pensos para socorro de urgência, adaptados aos serviços médico, dentário ou veterinário. Dependendo do grau da instrução individual, o material do oficial é mais aprimorado que o do sargento; e o deste mais do que o do soldado.

2) O equipamento restante (mochila, cantil, fardamento-extra, etc.) de oficiais e praças dos destacamentos de saúde é o mesmo que o da unidade a que servem; ordinariamente, o de infantaria, nas unidades a pé; o de cavalaria, nas montanhas; e o de divisão blindada, nas mecanizadas.

b) Coletivo. A tabela de equipamento acompanha a de efetivos (TOE) e fixa o equipamento para cada unidade ou órgão, discriminando os artigos a que eles têm direito ordinariamente ou extraordinariamente, mediante pedido, quando necessário. Indica, além disso, ao interessado, os catálogos e listas de equipamento regulamentar, quando os artigos forem referidos coletivamente, em série, nas TOE; como, por exemplo, o conteúdo das canastras de saúde. Os artigos somente usados nos postos, nos acampamentos e nos estacionamentos, que não acompanham a unidade, quando ela se desloca, nas marchas, para o campo de batalha, são arrolados nas Tabelas de Dotações (tables allowances).

11. FORMATURAS E CERIMONIAS. *a) Formatura.* 1) *Ordem unida.* A formatura em ordem unida é a única praticada pelas unidades e pelos órgãos de saúde. Não se levam padiolas em forma-

turas e cerimônias. Certos exercícios são feitos em grupos, com movimentos conformes a determinada cadência, como no caso da padiola carregada com o ferido; isto, porém, é simples método de instrução e não formalidade de formatura.

2) *Ordem de formação.* A ordem de formação dos destacamentos de saúde assemelham-se, tanto quanto possível, a da empregada pela unidade a que eles servem; os destacamentos de saúde a pé, conforme o regulamento de instrução de infantaria (V. FM 22-5); respeitando-se, contudo, sempre que praticável, a organização tática privativa. Os batalhões de saúde formam por sub-unidades, quando em formaturas conjuntas.

b) *Cerimoniais.* Toda unidade de saúde móvel deve ser preparada para revistas, com ou sem equipamento; porque podem ser mandadas tomar parte nelas ou formar em paradas e funerais. Os destacamentos de saúde participam das cerimônias das respectivas unidades; as seções de saúde, das revistas dos batalhões a que servem. O destacamento de saúde habitualmente formado como sub-unidade nas formaturas do seu regimento, o seu comandante fazendo parte, como médico-chefe, do estado maior do comandante do regimento.

12. ALTERAÇÕES EM DOTAÇÕES E EFETIVOS. Alterações periódicas podem ser feitas nas TOE das unidades descritas neste manual. E' conveniente levar sempre em conta esta possibilidade, consultando-se as tabelas pertinentes, quando se tiver de tratar de efetivos e dotações.

13. DESTACAMENTOS DE SAÚDE. Cada elemento orgânico constitutivo das armas e dos serviços, com exceção, naturalmente, ao serviço de saúde, conta com pessoal de saúde para provê-lo do primeiro escalão de socorro de urgência, que acompanha esse elemento, durante o seu emprêgo tático no campo de batalha, às ordens do respectivo comandante. Este pessoal de saúde não é parte orgânica integrante da unidade; sendo, porisso, conhecido como pessoal de saúde "destacado", constituindo coletivamente, em conjunto, o "destacamento de saúde" da unidade considerada. O efetivo, a organização e o emprêgo tático do destacamento varia, segundo o tamanho, a organização e as funções da unidade em que está destacado. Os dados concernentes à organização, aos efetivos, aos equipamentos, etc., de cada destacamento autônomo constam das respectivas TOE. Seria supérfluo encarecer a importância dos destacamentos de saúde, cujo pessoal é o primeiro a levantar o ferido do campo de batalha, prestando-lhe o imediato socorro no próprio lugar onde tombou, quase sempre sob o fogo inimigo, significando, para ele, salvação; transportando, depois, a começar pelos mais graves, para a retaguarda, através da cadeia de evacuação organizada. Os destacamentos de saúde constituem a viga mestra do sistema inteiro de evacuação do serviço de saúde.

CAPÍTULO 2

Destacamento de Saúde da Divisão de Infantaria

SEÇÃO I

GENERALIDADES

14. Na divisão de infantaria, o destacamento de saúde fornece dois escalões do serviço de saúde, para o socorro à evacuação das baixas das linhas de frente. O primeiro escalão é o próprio destacamento de saúde das unidades; sendo o segundo, o batalhão de saúde. Os destacamentos de saúde servem "destacados" em cada regimento ou batalhão autônomo, variando com os efetivos das unidades a que atendem. Na divisão de infantaria, há seis destacamentos de saúde: um para cada um dos três regimentos de infantaria, um para a artilharia divisionária, um para o batalhão de engenharia e um para a restante tropa divisionária, inclusive as especiais (V. fig. 2). A organização, as funções, a administração e o equipamento de todos os destacamentos de saúde são fundamentalmente os mesmos. O destacamento de saúde do regimento de infantaria será descrito pormenorizadamente; os outros, só serão esmiuçados, quando dele diferirem.



SEÇÃO II

DESTACAMENTO DE SAÚDE DO REGIMENTO DE INFANTARIA

15. ORGANIZAÇÃO. a) *Generalidades* (V. TOE 7-11). Cada um dos três destacamentos de saúde dos regimentos de infantaria conta com uma seção de comando e três seções de batalhão; cada uma das seções de batalhão presta socorro a cada um dos três batalhões do regimento. (V. fig. 3).

b) *Seção de batalhão* (subordinada). As seções de saúde subordinadas aos batalhões não têm organização interna sistemática; mas fracionam-se efetivamente em grupos com funções discriminadas.



16. FUNÇÕES. a) *Generalidades*. O destacamento de saúde do regimento de infantaria é a base sobre a qual repousa o sistema de evacuação divisionária.

1) *Fora do combate*, o destacamento instala um ou mais dispensários, para os socorros médicos de urgência dos feridos e doentes do regimento e para o tratamento completo dos casos que não exijam evacuação para hospital. Além disso, ao destacamento de saúde compete zelar pela higiene do regimento, assegurando-se de que as medidas profiláticas sejam aí executadas convenientemente; procedendo revistas médicas periódicas; instruindo todo o pessoal da unidade em assuntos higiênicos práticos, em o emprêgo do curativo de urgência, em higiene individual; e executando os trabalhos de escrituração indispensáveis à administração do destacamento.

2) *Durante o combate*, as funções do destacamento resumem-se no socorro emergente das baixas, no campo de batalha; a evacuação delas para o posto de socorro (de batalhão ou regimento); a instalação destes postos, para a recepção, a classificação dos ferimentos, a assistência temporária e o tratamento emergente das baixas.

3) *Durante as marchas*, quer em combate ou não, o destacamento continua a prestar os socorros médicos de urgência. Cada seção de batalhão, menos o médico de batalhão e os enfermeiros de companhia, segue à retaguarda do batalhão a que serve. O médico do batalhão marcha com o seu comandante ou o seu estado-maior; três enfermeiros de companhia acompanham a respectiva companhia de fuzileiros; isto é, um para cada pelotão. Uma ambulância da companhia de evacuação do batalhão de saúde (segundo escalão) é destacada para cada seção de saúde de batalhão, durante a marcha. Quando ocorre um baixa, o enfermeiro de companhia presta-lhe o necessário socorro; se o ferido morre antes de receber assistência, o enfermeiro volta imediatamente à sub-unidade; se as baixas podem continuar em marcha, juntam-se também às companhias. Os doentes e indisponíveis são apresentados ao comandante de suas sub-unidades, o qual lhes concede permissão individual para consultar o médico, no

próximo alto; ou manda-o estacionar à beira da estrada, aguardando a passagem do médico. Este toma as providências que os casos exigirem, de acordo com o exame feito; podendo dispensar o soldado da mochila, continuando em marcha; mandando-o recolher à viatura de transporte de feridos, para providências a tomar em fim de marcha ou evacuação para órgão de tratamento; ou mandando-o permanecer à retaguarda da coluna, para observação. O médico notifica ao comandante da sub-unidade as providências tomadas. Todas as baixas separadas da organização a que pertencem são fichadas pelo respectivo médico (ficha de evacuação). O armamento e equipamento individual permanecem com a baixa. Postos de evacuação de estrada podem ser instaladas ao longo do itinerário, pelas companhias de evacuação, para a assistência às baixas ocorrentes. (V. 62 e (4)).



FIG. 4 — Primeiro escalão do serviço de saúde

b) *Estado-maior.* O estado-maior faz parte da seção de comando e compreende o comandante do destacamento, que é também o médico-chefe do regimento, auxiliado pelo número suficiente de praças necessário à administração da seção. Os deveres do comandante do destacamento têm caráter duplo: estado-maior e comando.

1. *Deveres do estado-maior.* Como membro do estado-maior do comandante do regimento, o médico-chefe regimental é conselheiro técnico; e tem as seguintes responsabilidades:

a) Mantém o comandante informado das possibilidades do destacamento de saúde e sua situação tática.

b) Provoca as medidas preliminares de profilaxia e controle das doenças contagiosas, infestantes e de carência; o melhoramento das condições físicas de oficiais e praças sob sua jurisdição técnica; meios de evitar os ferimentos acidentais estranhos ao combate; re-

dução das complicações e da mortalidade consequentes aos ferimentos de combate.

c) Fundamentado no plano tático, faz as previsões para o emprego do serviço, submetendo o plano da situação ao comandante do regimento, no que se referir à seção de comando e ao serviço de saúde das companhias não integrantes dos batalhões; porque os médicos-chefes dos batalhões, durante o combate ou os exercícios, submetem os seus próprios planos aos respectivos comandantes de batalhão.

d) Prepara o registo de baixas.

e) Mantém o imediato escalão de saúde informado da situação tática.

f) Prescreve os processos técnicos a executar pelo destacamento, de conformidade com a supervisão profissional que exerce sobre as seções de saúde dos batalhões.

g) Informa o comandante das disponibilidades do material de saúde.

h) É responsável, perante o comandante do regimento, pela instrução de todo o pessoal da unidade sobre o curativo de urgência, a higiene individual e sexual.

2. *Deveres de comando.* Como oficial médico mais graduado e antigo, *comanda* o destacamento de saúde; sendo, por isso, *comandante de sub-unidade*; tendo, em consequência, as seguintes obrigações:

a) Organização, administração, disciplina e instrução do destacamento de saúde regimental.

b) Escrituração dos documentos do destacamento.

c) Instalação e funcionamento do posto de socorro de regimento ou do dispensário.

d) Aquisição, armazenamento e distribuição dos suprimentos do destacamento.

e) Preparo do plano tático do emprego da seção de comando do destacamento.

f) Evacuação e tratamento das baixas, dentro da área do regimento.

3. *Seção de comando.* Além do que foi tratado acima, em b, o estado-maior inclui um oficial médico, para os serviços gerais, que pode ser designado pelo médico-chefe do regimento para reforçar o pessoal de qualquer das seções de saúde dos batalhões; e dois oficiais dentistas, um dos quais é o dentista-chefe regimental, responsável diretamente perante o comandante do destacamento. As funções da seção de comando, excluídas as supracitadas do comandante do destacamento e dos seus assistentes, são as seguintes:

1) Auxiliar o médico-chefe regimental ao aprovisionamento do material de saúde, para o regimento; e ao aprovisionamento em geral, para o destacamento.

2) Fornecer o serviço de saúde de primeiro escalão o pessoal do estado-maior lo regimento; e de todas as tropas circunvizinhas não assistidas pelas seções de saúde de batalhão, tais como as companhias de comando, de serviço, de canhões e anti-tanque. O socorro é prestado destacando enfermeiro de companhia a essas sub-unidades; que não fazem parte de batalhões; e instalando um posto de socorro de regimento, perto do estado-maior do regimento. As baixas ocorridas fora das áreas das seções de saúde do batalhão são evacuadas para o posto de socorro do regimento, para tratamento emergente.

3) Prestar o serviço de saúde de primeiro escalão para os batalhões de reserva, afim de facilitar a mobilidade das seções de saúde integrantes, em todas as situações táticas.

4) Nas situações contingentes, evitar que as seções de saúde de batalhão cumulem-se de baixas, perdendo a necessária mobilidade tática.

5) Prover as necessidades das seções de saúde de batalhão, como órgão de concentração de pessoal e fonte de reforço.

6) Garantir o serviço dentário do regimento inteiro. Os oficiais dentistas e técnicos dentários são classificados na seção de comando; o mais graduado e antigo oficial dentista sendo o dentista-



FIG. 5 — Enfermeiro de companhia presta socorro no campo de batalha

chefe. Devendo todo o pessoal dentário ser treinado no serviço médico geral, pode prestar este serviço adicionalmente.

4. *Seções de batalhão.* (1) *Generalidades.* As três seções de saúde de batalhão de destacamento de saúde regimental têm organização e função idênticas. A seção de saúde de batalhão é elemento subordinado ao destacamento de saúde regimental, e não ao batalhão de infantaria, exceto quando especificamente destacado para isso. Entretanto, é designada para servir a um batalhão; habitualmente, em companhia; e invariavelmente, em combate. A seção de saúde é comandada pelo mais graduado e antigo oficial médico nela classificado e pronto; quando a seção é destacada em seu batalhão, o comandante da seção, sendo o médico-chefe do batalhão, é diretamente responsável, perante o comandante do batalhão; cabendo ao médico-chefe do regimento, na qualidade de membro de estado-maior, exercer a supervisão tática (profissional) sobre as operações táticas das seções de saúde. Enquanto a seção não estiver destacada, contudo, o seu comandante depende diretamente do comandante do destacamento, do médico-chefe regimental.

2) *O médico-chefe do batalhão.* Quando a seção de saúde é destacada, servindo ao próprio batalhão, o médico-chefe do batalhão participa das funções de estado-maior, junto ao comandante do batalhão, da mesma maneira que o do regimento, em relação ao comandante do regimento de infantaria. Durante o combate, os deveres estritos do médico-chefe do batalhão são os seguintes:

a) De acordo com o plano de operações, fazer as previsões tático-sanitárias da situação; submeter o plano-saúde à aprovação do comandante do batalhão; preparar a execução do plano aprovado, para a operação da seção de saúde.

b) Instalar e acionar o posto de socorro de batalhão, nas situações propícias.

c) Prestar os socorros de urgência, devotando-se inteiramente aos feridos graves.

d) Manter-se em estreita ligação com o comandante do batalhão a seu estado-maior a fim de, conhecendo antecipadamente as suas decisões, preparar, a tempo, o seu próprio plano-saúde.

e) Reconhecer ou mandar reconhecer o terreno, quando possível, para o deslocamento do posto de socorro.

f) Manter o comandante do batalhão, o médico-chefe do regimento e o comandante da companhia de evacuação perfeitamente informados da situação tática, das condições médicas e das disponibilidades materiais da seção.

3) *Assistente médico.* Cada seção de saúde dispõe de um oficial de administração do corpo de saúde, treinado em socorros de urgência, cujos deveres resumem-se em:

a) Ajudar o médico-chefe do batalhão em tudo que este lhe determinar.

b) Prestar socorro de urgência aos feridos, devotando-se principalmente aos feridos leves.

c) Fiscalizar o emprêgo dos enfermeiros de companhia.

d) Dirigir o emprêgo das turmas de padioleiros.

4) *Enfermeiros de companhia.* Os enfermeiros de companhia são destacados nas companhias, na proporção de um por pelotão. São todos enfermeiros-cirúrgicos, cujos deveres consistem em:

a) Prestar socorros de urgência, no campo de batalha ou fora dêle.

b) Colocar as baixas em locais protegidos fácilmente identificáveis, onde esperem os padioleiros.

c) Encaminhar os feridos que podem andar aos postos de socorro.

d) Manter o médico-chefe do batalhão informado da situação sanitária, por intermédio de mensagens trazidas pelos padioleiros ou pelos feridos ambulantes.

e) Preencher as linhas de evacuação dos mortos, quando o tempo e a situação tática o permitam.

5) *Padioleiros.* As turmas de padioleiros devem constar ordinariamente de quatro praças; menos padioleiros são incapazes de suportar a fadiga de longos e frequentes transportes. As obrigações das turmas de padioleiros das seções de saúde são:

a) Manter contacto com os elementos combatentes.



FIG. 6 — Padioleiros evacuem as baixas para o P. S.; as que podem andar acompanham-nos

b) Retirar do campo de batalha tôdas as baixas, transportando as impossibilitadas de andar para o posto de socorro de batalhão ou para os pontos de evacuação.

d) Ministras socorros de urgência.

e) Auxiliar o grupo do posto de socorro a locomover e reinstalar o posto.

f) Executar a missão de estafeta.

g) Preencher a ficha de evacuação dos mortos, quando o tempo e a situação tática o permitam.

6) *Pôsto de socorro de batalhão.* a) Este posto é instalado para o tratamento e a assistência das baixas, enquanto aguardam evacuação. O pessoal consiste, de dois médicos (o médico-chefe e seu assistente) e certo número de sargentos, graduados e técnicos. O posto instala-se depois de aprovado pelo comandante do batalhão o sítio escolhido pelo médico-chefe. O comandante do batalhão, julgando conveniente pode delegar plena autoridade ao médico-chefe, para proceder como melhor lhe parecer, sem sua prévia aprovação; isto, porém, é pura decisão de comando, tomada à sua discrição. Os postos não devem ser instalados, durante os rápidos avanços, para que possam manter estreito contacto com as suas unidades. Normalmente, só será instalado o que fôr estritamente necessário do posto para o seu funcionamento. Não comportando o posto grandes intervenções cirúrgicas, deve-se evitar acúmulo de pacientes, para não imobilizá-lo e retardar a evacuação das baixas. Durante o ataque, o posto deve ser tão avançado quanto lhe permita a própria proteção. O transporte à padiola deve ser o mais curto possível, para facilitar o esforço dos padioleiros, a imediata evacuação e o tratamento adequado. A pronta evacuação é o ideal do serviço bem organizado. Muitas vezes o posto é obrigado a mudar-se por etapas; avançando, primeiro só parte do pessoal e equipamento, permanecendo a restante em funcionamento até que a parte avançada esteja em condições de receber baixas; mudando-se, então, o que falta para a nova posição, deixando o pessoal necessário para atender a alguma baixa retardada. Para a escolha do sítio do posto, deve-se ter em muita consideração o seguinte:

- 1) Oemprégo tático da unidade socorrida.
- 2) As áreas de maior densidade de baixas.
- 3) A proteção, por desenfiamento e esconderijo.
- 4) Linhas naturais de caminhamento de feridos.
- 5) Curto transporte à padiola (250 a 750 metros da linha de contacto).
- 6) Proteção contra a intempérie.
- 7) Proximidade de água.
- 8) Afastamento dos alvos naturais, tais como importantes interseções de estradas, pontes, posições de bateria, etc.
- 9) Facilidade de locomoção para a frente ou retaguarda.



FIG. 7 — Sítio conveniente ao P. S.

b) O posto é instalado de forma a oferecer espaço para a recepção e espera das baixas, para a assistência dos feridos graves, para o cuidado dos feridos leves, e para a remoção das baixas que aguardam evacuação. Para possíveis gasados, deve ser previsto espaço, à distância e a juzante dos ventos para o seu tratamento emergente.

a) As atribuições do pessoal ao posto de socorro não são fixas, mas devem obedecer a certas regras. O médico-chefe, como comandante, deve assumir inteira responsabilidade das decisões e planos; como oficial de estado-maior, deve cumprir todos os deveres de médico de estado-maior; como único profissional da seção, deve avocar os maiores encargos técnicos. Ele pode legar a seu assistente (oficial de administração do corpo de saúde) algumas das suas atribuições, segundo as contingências e as aptidões deste; assumindo, porém, toda a responsabilidade. Se, por exemplo, fôr necessário reconhecimento do terreno, para nova instalação do posto, havendo muitos feridos graves a atender, esta missão pode ser executada pelo assistente e aprovada pelo médico-chefe, antes do plano ser submetido ao comandante do batalhão. O médico-chefe é auxiliado por um sargento, bem treinado em socorros de urgência, para que possa substituí-lo ou o assistente, em ausência eventual. O segundo sargento (staff), além de ajudar o médico-chefe nos seus deveres técnicos, é o encarregado do pessoal e do aprovisionamento, ficando a distribuição do serviço a critério do médico-chefe. O assistente presta os socorros de urgência rotineiros aos feridos leves, preparando-os para a evacuação; ao que é auxiliado por um cabo. As praças técnicas, enfermeiros ou enfermeiros-cirúrgicos,

recebem as baixas, esterilizam o instrumental, aplicam as injeções, tratam dos chocados, instalam o equipamento do posto.

b) As baixas são examinadas e, se necessário, tratadas, para que fiquem em condições de retornar à unidade ou ser evacuadas. No posto de socorro, o tratamento limita-se a estancar hemorragias imobilizar fraturas, aplicar curativos assépticos para evitar infecção, administrar toxoide tetânico e morfina, quando indicados, e prevenir e tratar o choque. O registro do tratamento deve ser feito, na ficha de evacuação, pelo oficial médico por ele responsável.



FIG. 8 — Vista geral do P. S.

17. EQUIPAMENTO. a) *Individual*. Ver o parágrafo 10.

b) *Orgânico*. O equipamento orgânico, relacionado no TOE 7-11, consiste grosso modo do seguinte: na seção de comando, canastra MD 4 (mesa, escrivaninha, utensílios e máquina de escrever), canastra MD 2 (drogas, instrumental cirúrgico e esterilizador), duas canastras MD 60 (cadeira dentária motor de pé, estante de drogas, instrumentos e drogas), canastra contra-gás, padiolas, máquina impressora (para fichas), mantas, talas e goteiras. Cada seção de saúde tem o equipamento médico emalado; geralmente, duas coleções de cinco fardos são carregadas às costas do pessoal do posto. Estes fardos contêm curativos, drogas, instrumental, esterilizadores, mantas e latas de 19 litros. Além do equipamento emalado, cada seção conta com uma canastra MD 2, para instalação de dispensário ou uso de reserva, e diversas padiolas. Há quatro barracas P. C. no destacamento de saúde: uma para a seção de comando e uma para cada seção de saúde de ba-

talhão; destinam-se ao abrigo dos postos de socorro, quando o exige a inclemência do tempo e o permite a situação tática.



FIG. 9 — Dependência de ferimentos leves

18. TRANSPORTE. O número de veículos fixado no TOF 7-11 é suficiente para transportar o equipamento de cada seção. O caminhão pesado da seção de comando pode ser usado para carregar o equipamento individual do destacamento e o orgânico da seção. Qualquer veículo, inclusive os reboques, podem ser convertidos em transporte de feridos. (V. FM 8-35).



FIG. 10 — Dependência de ferimentos graves

NOME E NÚMERO SERIADO DO EXERCÍCIO				
HARRY A. RICHARDS				
33024703 T41 42 0				
Gratificação	Assimilação	Idade	Tempo	Tempo de serviço
5d				
Local onde detido:			Data	hora
			1 Nov 1943	0930
Diagnóstico: m. esquelético, como quando a cada				
FEA c/ 080850 FB				
Coxa direita, bala fuzil				
Do lado:				
Tratamento prescrito:				
Sulfadiazina 60g, oral				
atacuada, tratada da				
Painho de pó - Sulfanilamida				
Tratado também:	Dose	hora	Bata:	
Soro antitetânico:	Dose	hora	0935	
Mortua:	Dose	hora	0935	
Direito:	Dose	hora	0940	
Assinatura e posto:				
A. A. Bland				
Médico 1º classe				
1 Outubro 1944				
14 - 1944-5				

RESUMO
 SUPLEMENTAR

19. INSTRUÇÃO. a) O programa de instrução do destacamento deve basear-se ao programa geral do comandante do regimento, sendo preparado pelo comandante do destacamento. (V. fig. 8).

b) A instrução deve ser ministrada segundo a finalidade do emprego tático-sanitário do destacamento de saúde. O escopo e o objetivo do adestramento de enfermagem no destacamento de saúde são obviamente diferentes daqueles no hospital de evacuação praticáveis.

c) Além do treino individual e dos exercícios de conjunto das seções e do próprio destacamento, treinamento intensivo particular, condizente com as suas mais importantes funções, deve ser ministrado aos vários grupos técnicos-sanitários; por exemplo:

1) *Esquadra do posto de socorro.* a) Prestar socorro de urgência.

b) Arrumar e desarrumar canastras, tanto durante o dia como à noite, com ou sem luz, conhecendo todos os artigos do conteúdo e os seus próprios lugares.

c) Carregar e descarregar equipamento, mesmo à noite, sem luz.

d) Instalar o posto de socorro, em tôdas as condições de tempo e terreno, em qualquer situação tática.

e) Aproveitar a cobertura do terreno, os esconderijos naturais, o emprego do disfarce.

1) Improvisar equipamento.

2) *Enfermeiros de companhia.* Intensificar a instrução sobre:

a) Socorro médico de urgência.

b) Orientação em campanha, durante o dia e à noite.

c) Improvisação de meios cirúrgicos, tais como talas, padiolas, torniquetes e outros.

3) *Turmas padioleiros.* Intensificar a instrução sobre:

a) Socorro médico de urgência.

b) Orientação em campanha, durante o dia e à noite.

c) Aproveitamento do terreno quanto às linhas abrigadas de evacuação.

d) Os técnicos devem ser treinados nas seguintes especialidades: médica, cirúrgica, sanitária dentária, de escrituração, de padiolagem, de pediatrista, de condutor de veículos leves. Os enfermeiros de companhia deverão ser todos enfermeiros-cirúrgicos. Ao menos dois enfermeiros de cada batalhão devem saber dirigir jipes (1/4T), se não fôr possível treinar mais. Os especialistas médicos e cirúrgicos, sobretudo os últimos, devem ser perfeitamente treinados em socorros médicos de urgência, para que possam, com rapidez, desembaraço e eficiência, executar os seus misteres nas piores situações dos campos de batalha. São medidas de capital importância: o estancamento de hemorragias, com torniquete inclusive; a prevenção e o tra-

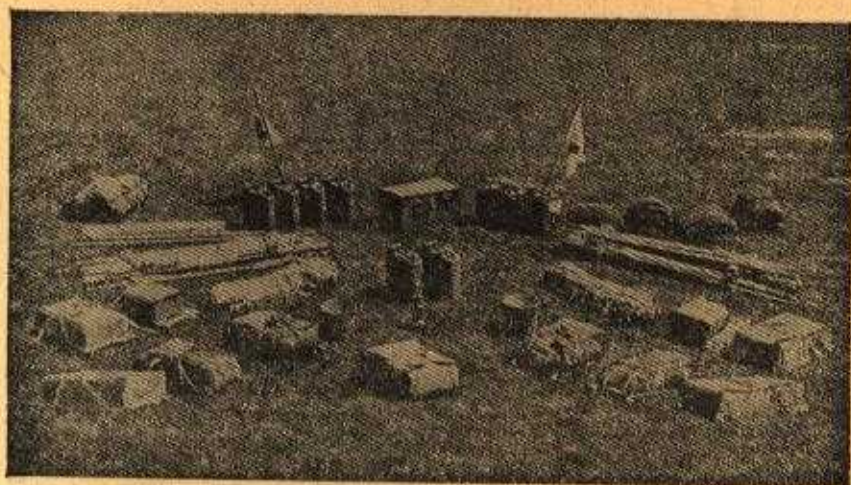


FIG. 12 — Equipamento tipo da sec. saúde de btl. carregado às costas

tamento do choque; a aplicação de curativos; o uso da morfina, inclusive as contra-indicações; a administração do plasma; a aplicação de aparelhos de fratura; e as precauções a serem tomadas nos ferimentos de face, torax, abdome, pescoço e coluna vertebral.

e) As escolas de instrução devem ser organizadas para cada seção, particularmente; e para o destacamento, em conjunto. Dos exercícios devem constar:

1) Distribuição e emprêgo do pessoal de saúde, nas diversas situações em que o regimento ou o batalhão, possa estar empenhado, tais como bivaques, marchas e as várias modalidades de combate.

2) Instalação dos postos de socorro, remoção das baixas do campo de batalha para aí, tratamento no posto, destino e evacuação daí. Nos exercícios de seção de saúde, as praças que figurarem de baixas podem ser emprestadas das demais seções não ocupadas. Nos exercícios de destacamento, se não for possível obter do regimento as baixas figurantes, dois destacamentos de saúde vizinhos podem-se ajudar mutuamente, alternando o pessoal como pacientes ou praças de saúde.

3) Aprovisionamento das seções em combate.

4) Carregamento e descarregamento de caminhões; e transporte de equipamento como carga.

f) Logo que, pelo preparo individual e pela eficiência da instrução de seção e destacamento, esteja o pessoal em condições de aproveitar do treinamento combinado de conjunto, tôdas as medidas devem ser tomadas para que participe dos exercícios táticos dos outros elementos da unidade. As seções de saúde devem tomar parte

dos exercícios dos respectivos batalhões; e o destacamento inteiro, daqueles em que se engaje o regimento. O treinamento combinado, em exercícios táticos é de grande importância. A perfeita familiaridade com as finalidades táticas e o emprego do regimento a que serve é de suma importância para o funcionamento do destacamento de saúde. O pessoal deve ser treinado no maior número de funções possível.



FIG. 13 — Equipamento e veículos da sec. saúde de btl. em marcha para frente

20. ADMINISTRAÇÃO. *a) Generalidades.* Convém lembrar que o médico-chefe regimental é também o comandante do destacamento de saúde; exercendo, portanto, dupla, função. O funcionamento administrativo do destacamento de saúde é, assim, também dual. Enquanto as duas funções são perfeitamente distintas, ordinariamente o mesmo pessoal servirá tanto ao gabinete do médico-chefe regimental (estado-maior) como ao estado-maior do destacamento (comando). Este pessoal é tirado da seção de comando, porém são aproveitados em outros trabalhos, quando fôr necessário.

b) Serviço do médico-chefe regimental (estado-maior). As funções administrativas do serviço compreendem correspondência, registros nosológicos, relações, partes e informações pelas quais é responsável o médico-chefe; constando a documentação do seguinte:

1) *Arquivo do posto*, organizado em cada seção do destacamento, consistindo de fichário de todos os doentes e feridos atendidos, indicando os respectivos destinos. É a fonte de todas as informações do estado-maior do destacamento, para a compilação dos mapas nosológicos encaminhados às autoridades superiores.

3) *Relatório sanitário.* Enviado periodicamente ao comandante do regimento.

3) *Fôlha de evacuação* (modelo WD AGO 8-23). Encaminhada junto com as fichas de evacuação, constitui o conjunto o mapa de doentes e feridos. As fichas de evacuação (modelo WD AGO 8-26) devem ser preenchidas pelo primeiro oficial médico que atender o paciente; ou, em caso de morte pela primeira praça de serviço de saúde.

4) *Mapa estatístico* (modelo WD AGO 8-122), habitualmente remetido semanalmente, pode ser apresentado diariamente.

c) *Estado-maior do destacamento* (comando). As suas atribuições administrativas consistem em:

1) Disciplina, escrituração, registros, informações, pagamento referentes ao pessoal do destacamento. Os deveres e as responsabilidades do comandante do destacamento, sobre o assunto, são similares às de comandante de companhia.

2) Aprovisionamento.

3) Conservação do equipamento e manutenção do transporte.

4) *Rações*. As tabelas de organização e equipamento (TOE) não computam equipamento de rancho nem cozinheiro para o destacamento; motivo por que o pessoal arranha pela unidade a que serve. A seção de saúde, por exemplo, arranha pela companhia de comando do batalhão em que está destacada.



FIG. 15 — Evacuação de baixas de posição de bateria

21. **APROVISIONAMENTO.** a) *Fora de combate*, o comandante do destacamento é o responsável pelos suprimentos das seções, porém os comandantes destas devem mantê-lo informado das disponibilidades e necessidades do material privativo. O comandante do destacamento faz os pedidos ao oficial aprovisionador do regimento

do material previsto nas TOE; este encaminha-os; e, recebidos os suprimentos, distribue-os ao comandante do destacamento, que os reparte entre as seções, segundo as necessidades. O comandante do destacamento é responsável pela carga do serviço; não, porém, pelo processo de contabilidade decorrente.

b) *Durante o combate*, os comandantes, tanto do destacamento como das seções, adquirem todos os suprimentos, afora os de saúde, através dos trâmites legais; o material de saúde pode ser adquirido dos seguintes modos:

1) Pedidos extraordinários dirigidos diretamente à unidade de saúde de escalão superior, habitualmente a companhia de evacuação do batalhão de saúde. Os suprimentos podem ser entregues pelos padioleiros ou pelas ambulâncias, durante a noite, em determinadas contingências.

2) Da maneira supracitada, quando fora do combate.

3) Pedidos extraordinários dirigidos ao mais próximo ponto de distribuição de material sanitário.

4) Qualquer combinação dos métodos descritos anteriormente.

5) Em contingências urgentes, o comandante do destacamento pode transferir parte da carga de uma seção para outra.



FIG. 16 — P. S. de art. idêntico ao inf. excepto no uso de canastras

c) *Câmbio de material-carga*. O material-carga de saúde, tal como padiolas, mantas, aparelhos de fratura, que acompanhar os pacientes para retaguarda, deve ser substituído automaticamente, por troca, nos diversos escalões de saúde por onde eles transitarem. A isto se chama câmbio de material-carga.

SEÇÃO III

DESTACAMENTO DE SAÚDE DA ARTILHARIA
DIVISIONÁRIA

22. ORGANIZAÇÃO (V. TOE 6-10). O destacamento de saúde da artilharia divisionária da divisão de infantaria consta de um destacamento de comando e de quatro destacamentos de grupo de artilharia. O destacamento de comando atende ao estado-maior e à bateria de comando da artilharia divisionária; e os quatro destacamentos de grupo, todos idênticos, servem a cada um dos quatro grupos da artilharia divisionária (três grupos 105 e um 155 mm).



23. FUNÇÕES. a) *Generalidades.* As funções do destacamento de comando e dos destacamentos de grupo correspondem àquelas da seção de comando e das seções de batalhão do regimento de infantaria; e reportam-se ao serviço de saúde prestado em guarnição, marcha ou combate. Via de regra, qualquer dos destacamentos operam independentemente.

b) *Destacamento de comando.* O destacamento de comando consta do pessoal do estado-maior e do posto de socorro de artilharia. O estado-maior é localizado no Q.G. da artilharia divisionária. As atribuições de estado-maior e comando do médico-chefe do regimento de infantaria. Dentre o pessoal restante do estado-maior, existe um oficial dentista, sargentos, especialistas e um motorista. O pessoal do posto de socorro instala-o nas imediações do P.C. da artilharia divisionária, onde são socorridas as baixas ocorrentes no estado-maior da artilharia e na bateria de comando principalmente; o posto, porém, eventualmente, pode constituir elo na cadeia de evacuação originária dos postos de socorro dos grupos de artilharia. Sendo o Q.G. habitualmente localizado perto do P.C. da artilharia divisionária (este é escalão avançado do estado-maior da divisão), o destacamento de comando socorre também o pessoal deste posto de comando. O dentista e os técnicos dentários atendem a todo o pessoal da artilharia divisionária.

c) *Destacamento de saúde de grupo de artilharia.* Os destacamentos de grupo, comandados por médicos-chefes de grupo, instalam

postos de socorro para assistir às baixas dos respectivos grupos. Cada destacamento de grupo tem quatro enfermeiros de bateria (técnicos cirúrgicos), dos quais um serve à bateria de serviço; e três a cada uma das três baterias de fogo. O resto do pessoal do destacamento instala o posto de socorro de grupo, para a assistência aos doentes e feridos do grupo de artilharia. O posto é localizado geralmente nas vizinhanças do P.C. do grupo, em sítio oculto e desafiado, evitando-se a proximidade das posições de bateria e dos depósitos de munição. As TOE não prevêem padioleiros nem ambulâncias. As baixas ocorridas nas baterias são atendidas pelos enfermeiros de bateria e evacuadas, em veículo improvisado, para o posto de socorro do grupo, cujo médico-chefe, estando perto do P.C. do grupo de artilharia, pode ser informado dos exatos locais da ocorrência delas através da rede tele ou radiofônica do grupo, mandando-as buscar em seu próprio caminhão (jipe); socorrendo-as ele mesmo, auxiliado pelas praças do posto; evacuando-as para a retaguarda, por um dos dois meios seguintes: Mediante entendimento com o comandante do grupo, as viaturas de transporte de munição, mandadas vasias aos pontos de distribuição, à retaguarda, podem ser aproveitadas para a evacuação dos doentes e feridos diretamente para o posto de triagem da divisão, porque o posto de evacuação é ordinariamente ultrapassado. Si este método não for praticável, pede-se, então, o auxílio das ambulâncias da companhia de evacuação, cujo acesso é fácil, visto que as posições de bateria são habitualmente próximas de estradas.

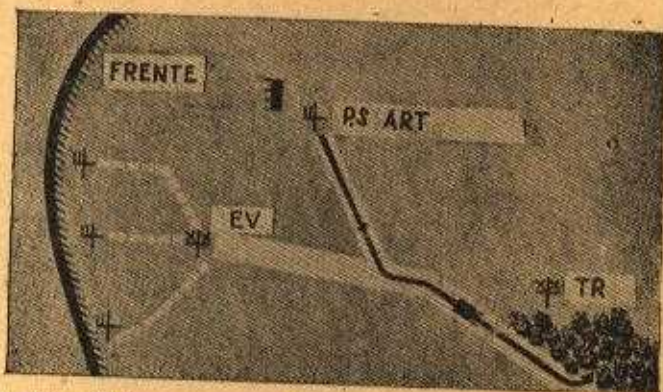


FIG. 17 — Baixas evacuadas diretamente para o Posto de Triagem

24. EQUIPAMENTO. a) *Individual*. Ver parágrafo 10.
 b) *Orgânico*. (V. TOE 6-10, 6-25 e 6-35). Canastra MD, estojos contra-gás, padiolas, mantas, aparelhos de fratura e uma barraca P.C. fazem parte normalmente do equipamento de cada destacamento. Não existe equipamento sanitário em fardos.

25. **TRANSPORTE.** O destacamento de comando dispõe geralmente de um caminhão leve; e cada destacamento de grupo, de dois (V. TOE supracitadas). Não havendo dotação de padioleiros nem de ambulâncias, é frequente a conversão dos veículos disponíveis em transporte de feridos.

26. **INSTRUÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E APROVISIONAMENTO.** A instrução é idêntica à ministrada ao pessoal de funções similares do destacamento médico do regimento de infantaria. Nas fases fundamentais da instrução, é conveniente exercitar os cinco destacamentos em conjunto. Os princípios básicos de administração e aprovisionamento são os mesmos, de rotina. Cada destacamento tratará dos registos e das alterações do pessoal da unidade a que serve; obterá suprimentos do oficial aprovisionador do próprio grupo de artilharia a que assiste; e encaminhará os relatórios, relações e informações ao médico divisionário, si não houver disposições em contrário das autoridades superiores.

SEÇÃO IV

DESTACAMENTO DE SAÚDE DO BATALHÃO DE ENGENHARIA

27. **ORGANIZAÇÃO.** O destacamento de saúde do batalhão de engenharia consta de um oficial médico, que é o seu comandante, de um oficial dentista e de pequeno número de praças, inclusive sargentos e técnicos. Não há organização interna sistematizada, porém dois grupos funcionais, são bem discriminados: os enfermeiros de companhia (técnicos cirúrgicos) e o pessoal do posto de socorro de engenharia (V. fig. 18 e TOE 5-15).

28. **FUNÇÕES.** a) *Enfermeiros de companhia.* A missão da engenharia exige frequentemente considerável dispersão do pessoal do batalhão, na área da divisão, para instalar e conservar, por exemplo, obstáculos de estrada e campos de minas; ajudar a construir obras defensivas; conservar as vias de comunicação; destruir obstáculos levantados pelo inimigo; instalar os pontos de distribuição de água. Os elementos do batalhão de engenharia, assim dispersos, serão acompanhados por enfermeiros de companhia, que socorrerão as baixas ocorridas. Como, entretanto, só há seis enfermeiros de companhia no destacamento, que deve atender a batalhão de três companhias a três pelotões, a distribuição não pode ser feita à base de um enfermeiro por pelotão, como no regimento de infantaria; mas, aliás, tendo em vista o efetivo disperso, as circunstâncias prováveis do risco e a distância do afastamento da missão; sendo o subsequente tratamento e a evacuação assegurados pelo mais próximo órgão de saúde existente.

Si este órgão não fôr o próprio posto de socorro de engenharia, o serviço prestado será chamado "socorro médico incidental".

b) *Pessoal do posto de socorro de engenharia.* O pessoal do posto instala-o, para socorrer os doentes e feridos do batalhão de engenharia; sendo ele normalmente localizado junto ao P.C. do batalhão. As baixas verificadas nas proximidades são socorridas pelos enfermeiros de companhia, trazidas, em veículo do batalhão, para o posto, onde são atendidas pelo médico-chefe e os seus auxiliares, e, finalmente, evacuadas para o posto de triagem, pelos caminhões do destacamento de saúde.

c) *Batalhão de engenharia em combate.* Quando o batalhão se engaja em combate, como pode acontecer, o seu serviço de saúde comporta-se de modo similar ao do batalhão de infantaria; e, nesta contingência, o destacamento de saúde, sendo muito pequeno, precisa de reforço, principalmente de padioleiros.

29. EQUIPAMENTO. O equipamento sanitário, individual ou orgânico, é semelhante ao dos outros destacamentos de saúde, porém só chega para prover um posto de socorro. Não existe equipamento acondicionado em fardos.

30. INSTRUÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E APROVISIONAMENTO. Além das diferenças apontadas dos parágrafos anteriores, não há modificações importantes, na organização interna do destacamento de saúde do batalhão de engenharia, em confronto com os destacamentos similares.

SEÇÃO V

DESTACAMENTO DE SAÚDE DE TROPAS ESPECIAIS DA DIVISÃO DE INFANTARIA

31. *Generalidades.* (V. TOE 7-2 e 7-3). Na divisão de infantaria há tropas especiais, quartel-general; companhia de material-bélico, companhia de intendência, companhia de transmissões, e destacamento de saúde. A função deste destacamento de saúde é prestar o socorro de urgência de primeiro escalão ao quartel-general da divisão, ao esquadrão de reconhecimento e às demais sub-unidades supracitadas. São previstos quatro enfermeiros de companhia: um para a companhia de transmissões, e um para cada um dos três pelotões do esquadrão de reconhecimento. O resto do destacamento de saúde é incumbido de instalar e acionar um posto de socorro nas vizinhanças do escalão de retaguarda do estado-maior da divisão (Q.G.), para prestar socorro médico às tropas dessa área. As vezes, é conveniente bipartir o posto de socorro, instalando outro nas imediações do es-

calão avançado do estado-maior da divisão (T.C.). Depois de atendidas no posto de socorro, são as baixas evacuadas para o posto de triagem da divisão, nos caminhões do destacamento de saúde. Quando o posto fôr desdobrado, o chefe do serviço de saúde da divisão poderá designar uma ambulância para evacuar as baixas de um ou de ambos os postos para o posto de triagem. A TOE 7-2 discrimina o equipamento sanitário individual e orgânico, inclusive uma barraca para o abrigo do posto, quando as circunstâncias exigem. Tudo o mais assemelha-se aos outros destacamentos de saúde previamente descritos.

PRODUTOS QUIMICOS B. HERZOG LTDA.

Acidos
Desengraxantes
Desencrustantes
Drogas técnicas

Graxas
Óleos lubrificantes
Reagentes
Solventes, etc.

RIO DE JANEIRO

R. Miguel Couto, 129/31

Tel.: 43-0890

SÃO PAULO

R. Florêncio de Abreu, 318

Tel. 3-6845

COMPANHIA CANTAREIRA E VIAÇÃO FLUMINENSE

Serviço de entrega de despachos à domicílio — Tráfego mútuo
com a Agência Pestana de Transportes Limitada

RIO DE JANEIRO — NITERÓI — SÃO GONÇALO

RAPIDEZ — ECONOMIA — SEGURANÇA

INFORMAÇÕES

Rio de Janeiro — Estação das Barcas — Praça 15 de Novembro

Telefones: — 22-9856 e 22-2422

Agencia Pestana de Transportes Limitada

Rua Pharoux n.º 3

Telefone: 42-4196

NITERÓI

Ponte Central das Barcas — Telefone: 5711

Dicionário Militar Brasileiro

Pelo Capitão OTÁVIO ALVES VELHO

(Continuação do número anterior)

BANDEAR-SE — Desertar. Passar para o lado do inimigo.

BARRAGEM — É o nome que toma uma determinada série de trabalhos de *barragens* organizada pela Engenharia. Deve constituir-se de obstáculos contínuos, cobrindo em toda a extensão as organizações defensivas de forma a não poder ser contornada. Daí caber ao Comando do Exército o estudo e a decisão sobre seu estabelecimento.

BARRAGEM AVANÇADA — É a *barragem* destinada a retardar, particularmente, a progressão dos elementos hipomóveis e moto-mecanizados e o desdobramento da Artilharia do adversário.

Pode ser estabelecida numa profundidade de 10 a 12 km, à frente da *barragem* imediata, com obstáculos, naturais e artificiais, batidos pelos fogos da Artilharia da defesa (em geral, a Artilharia Pesada Longa) e escalonados sobre os itinerários penetrantes, caminhamentos ou zonas favoráveis à progressão dos grossos inimigos.

Os obstáculos devem, se possível, ser organizados em *Séries*, a saber:

- *Linha ferrolho*
- *Série mínima*
- *Séries complementares* ou *Obstáculos complementares*.

O valor dos obstáculos poderá ser aumentado, além dos fogos da Artilharia, pelos fogos dos elementos avançados, pelo bombardeio aéreo e pela infecção química.

BARRAGEM IMEDIATA — É a *barragem* estabelecida imediatamente à frente da *posição de resistência*. É constituída

de forma a resultar numa linha continua, contra carros e Infantaria. Se possível todos os obstáculos são batidos pelos fogos da defesa. É tarefa da Engenharia.

Essa barragem é prolongada para o interior da *posição de resistência* pelos obstáculos criados pela tropa, em seus *trabalhos de fortificação*, contra os carros e a Infantaria do inimigo.

BARRAGENS — Nome genérico dado aos trabalhos de Engenharia que visam dificultar e, se possível, paralisar os deslocamentos inimigos. Utilizam como meio de ação os *obstáculos*.

Geralmente são organizadas as seguintes:

— *barragem avançada*

— *barragem imediata*

— *barragens à retaguarda da P R*

BARRAGENS PROFUNDAS — São as que visam a interrupção das comunicações necessárias aos Exércitos inimigos, particularmente a seus Serviços, e a supressão dos recursos e instalações suscetíveis de serem por eles utilizados para a condução das operações. Elas são prolongadas pelos bombardeios da Aviação nas retaguardas inimigas.

BARRAGENS À RETAGUARDA DA POSIÇÃO DE RESISTÊNCIA — São barragens eventualmente preparadas a fim de entravar o desembocar de uma ofensiva inimiga que obteve êxito. Visam proteger as linhas de comunicações, entroncamentos e instalações nas áreas da retaguarda.

BARRICAR — 1 — Construir barricadas.

2 — Obstruir uma passagem com barricadas.

BASE — 1 — Elemento que serve de apôio a alguma coisa.

2 — Sopé do terrapleno sobre o qual se ergue uma fortificação. 3 — Lado exterior de um polígono, ou linha imaginária que une dois ângulos. 4 — Lugar determinado ou fração de tropa que serve de apôio a uma outra força militar em seus movimentos.

BASE ACIDENTAL DE OPERAÇÕES — Aquela que se instala somente por necessidades transitórias e imprevistas das operações.

BASE GERAL de OPERAÇÕES — Zona onde existem ou se reúnem todos os elementos de vida e de combate necessários ao Exército (ou unidade superior).

BASE de OPERAÇÕES — Reunião de instalações dos Serviços em determinada zona do país ou do *Teatro de Operações*, fixadas por exigências de ordem estratégica e condições de viabilidade e segurança, que garantam a autonomia, durante o maior tempo possível, do reaprovisionamento.

É a zona onde existem ou se acumulam todos os meios de vida e de combate necessários para que as forças em operações possam cumprir suas missões.

BASE de PARTIDA — Linha característica do terreno sumariamente preparada (ou eventualmente com uma organização mais ou menos completa), ocupada pela Infantaria para lançar-se ao ataque. Deve ser exatamente definida no terreno e objeto de conhecimento prévio.

A sua ocupação no último momento e com o maior sigilo, permite reduzir ao mínimo, e até suprimir, a necessidade de sua preparação.

BASE PRINCIPAL de OPERAÇÕES — Aquela que suporta o peso máximo do reaprovisionamento de um *Teatro de Operações*.

BASE SECUNDÁRIA de OPERAÇÕES — Aquela que se instala quando se alonga demasiadamente a linha de comunicações entre a força considerada e sua *base principal de operações*.

BATALHA — É o ato essencial da guerra, porque só ela permite destruir o Exército inimigo.

É constituída por um conjunto de combates simultâneos ou sucessivos, travados pelas diversas armas.

Pode ser *ofensiva* ou *defensiva*, segundo o *plano de manobra* do Alto Comando e a atitude do inimigo. Porém, numa batalha ofensiva há combates defensivos, assim como um combate ofensivo pode ser travado no decurso de uma batalha defensiva.

Em regra uma batalha compreende: *operações preliminares*, *batalha* propriamente dita e *operações complementares*.

Nela toma parte a totalidade ou a maioria das tropas que atuam num Teatro de Operações.

BATALHA DEFENSIVA — Embora não possa decidir absolutamente de uma luta, em favor daquele que a adota, é uma imposição das circunstâncias de momento e pode impedir a vitória do adversário.

Pode apresentar-se sob a forma de *Defensiva sem idéia de recuo* ou *Estática*, de *Manobra em Retirada* ou *Defensiva Dinâmica*, e de *Defensiva por concentração de forças*.

BATALHA OFENSIVA — Só ela é capaz de destruir as forças adversas. Compreende: *Operações Preliminares*, *Batalha Ofensiva* propriamente dita e *Operações Complementares*.

BATALHA OFENSIVA propriamente dita — É o conjunto de ataques que permite penetrar a fundo no dispositivo inimigo para desorganizá-lo.

BATER — Vencer, derrotar, dispersar, desbaratar o inimigo.

BATERIA — 1 — Unidade orgânica da Artilharia. A menor unidade de tiro de Artilharia. Compreende um Comandante, uma Secção Extranumerária e um número variável de peças (duas na Artilharia de Costa e na Artilharia Ferroviária; quatro em quase todos os outros casos).

2 — Obra de fortificação em que se colocam canhões.

3 — Associação de pilhas elétricas.

BLINDAR — Couraçar. Colocar uma blindagem.

BOLETIM de INFORMAÇÕES — Documento organizado periodicamente pela 2ª Secção do Estado-Maior da Grande Unidade, resumindo as informações sobre a atividade do inimigo, a situação da tropa amiga e as operações realizadas, em tudo que puder interessar ou ser útil às unidades e serviços subordinados.

BOMBARDEAR — 1 — Ação de uma aeronave arremessar bombas sobre um determinado objetivo. 2 — Ação de executar um bombardeio de Aviação.

BRANDIR — Manejar, agitar, mover uma arma branca com atitude ofensiva.

CABEÇA de PONTE — 1 — Posição ocupada na margem oposta de um curso d'água, com o fim de cobrir a operação de passagem de uma unidade por esse obstáculo. A profundidade da posição é função da importância da unidade a cobrir e deve permitir seu desenvolvimento naquela margem.

2 — Por extensão, as tropas que ocupam essa posição.

CABEÇA de PRAIA — 1 — Posição ocupada pelas tropas de primeiro escalão que desembarcam numa praia inimiga, onde se instalam para proteger o desembarque dos escalões seguintes e do material e dos reaprovisionamentos, na praia ou num pôrto.

2 — Por extensão, as tropas que ocupam essa posição.

CABEÇA de TERRA — 1 — Zona inicialmente ocupada em território inimigo, na área de desembarque previamente escolhida, pelo primeiro escalão das tropas aero-transportadas tropas que desembarcarem no seu interior.

2 — Por extensão, as tropas que ocupam essa zona.

CAÇAR — Ação de perseguição individual ou por pequenos grupos, a tropas ou elementos dispersos, em terrenos acidentados ou de vegetação densa, ou em localidades.

CADÊNCIA — 1 — Frequência com que é repetido, determinado ato ou movimento.

2 — Número de tiros dados por uma arma, por minuto.

CADETE — Título privativo dos alunos da Escola Militar, e que são classificados na categoria de *praças especiais*.

CALHAS de MADEIRA — 1 — Pequenas calhas colocadas na chapa de rodagem de uma pista, dispostas como os trilhos de uma ferrovia, para permitir às viaturas automóveis a transposição de brechas e arroios de pequena largura.

2 — Pequenas calhas utilizadas para o carregamento de veículos leves em outros, maiores, destinados ao seu transporte, e geralmente como meio de fortuna.

CALIBRADOR — Instrumento que serve para verificar se uma arma de fogo está calibrada.

CALIBRAR — 1 — Dar a uma arma ou projétil o calibre que deve ter por construção. 2 — Verificar ou aferir o calibre de uma arma ou de um projétil (bala ou granada).

CALIBRE — 1 — Diâmetro da *alma* de uma arma de fogo, medido entre os *cheios* de duas *raias* diametralmente opostas. 2 — Diâmetro do corpo de um projétil — bala ou granada — na parte que corresponde ao *forçamento*.

CAMARADA — 1 — Irmão de armas. Companheiro de caserna. 2 — Tratamento usado entre os militares em geral.

CAMINHO — Via aberta em terreno natural, sem outros trabalhos além das excavações, aterros e nivelamentos. Sua classificação é idêntica à das *rodovias*.

CANHONEAR — Atirar com canhão contra uma tropa, uma posição ou um objetivo qualquer.

CANTONEIRA — Placa, geralmente metálica, utilizada para reforçar os ângulos de um objeto — arma, cangalha, utensílio, aparêlho, etc. — a fim de amortecer o efeito dos choques.

CÃO-ESTAFETA — Cão especialmente adestrado para conduzir pequenos objetos, documentos, etc., muito aproveitável nas transmissões das linhas de frente. Processo rápido e seguro, tem a desvantagem de fazer uma ligação unilateral.

CAPA — 1 — Peça de abrigo do fardamento. 2 — Revestimento de um material qualquer para proteger determinados objetos. 3 — Peça de couro para obturar ou proteger as aberturas de uma arma ou de um outro material qualquer.

CAPACIDADE — Aptidão. Grau de adestramento. Conhecimentos. Possibilidades. Resistência. Lotação. Tonelagem.

- CAPACIDADE de TRÁFEGO** — 1 — Número de trens (composições completas) que podem correr, em 24 horas, numa secção de uma estrada de ferro. 2 — Numero de viaturas que podem passar por uma rodovia em 24 horas, sem ocasionar embaraços no tráfego (engarrafamentos, acidentes, etc.).
- CAPITANEAR** — Chefiar, dirigir uma ação. Comandar uma tropa.
- CAPITULAR** — Ação de render-se ou de entregar-se ao inimigo um militar, uma tropa, uma posição ou um país.
- CAPOTA** — Toldo de lona ou de outro tecido, geralmente impermeabilizado, empregado nas viaturas para proteção da carga ou dos passageiros.
- CAPOTAR** — Ação de um veículo terrestre ou aeronave que, por acidente, bate com a parte dianteira (nariz) no solo e fica com as rodas voltadas para o ar.
- CAPOTE** — Peça de abrigo do fardamento.
- CARREGAR** — 1 — Introduzir na ante-câmara de uma arma de fogo os elementos necessários para o tiro, ou em um projétil ôco, torpedo, etc., a carga explosiva correspondente. 2 — Ação de colocar a carga em um forninho de mina, dispositivo de destruição, etc. 3 — Ação de uma tropa de Cavalaria assaltar o inimigo a arma branca. 4 — Assaltar; lançar-se impetuosamente sobre o adversário. 5 — Colocar sobre viaturas, aeronaves, embarcações ou animais o material que os mesmos devem transportar.
- CASERNA** — 1 — Quartel. 2 — A vida militar.
- CASTIGAR** — 1 — Punir. Infligir penas. 2 — Impor sofrimentos. 3 — Bater violentamente o adversário.
- CAVALGAR** — Montar, andar ou passear a cavalo.
- CEDER** — 1 — Retirar-se, submeter-se, render-se. 2 — Abandonar terreno ou posição. 3 — Cessar ou diminuir a resistência. 4 — Retrair-se.
- CENTRO AVANÇADO de INFORMAÇÕES** — É o órgão divisionário, normalmente justaposto a um *Centro de Transmis-*

sões, incumbido de recolher as informações provenientes da frente acêrca do desenvolvimento do combate e de transmiti-las o mais rapidamente possível ao Comando e às autoridades interessadas, bem como de encaminhar eventualmente para os primeiros escalões as ordens e informações oriundas da retaguarda.

CENTRO de FÔRÇA — Parte de uma frente de defesa que, por sua importância vital, deve ser guarnecida e organizada com meios particularmente potentes.

CENTRO de GRAVIDADE — 1 — Parte central de um dispositivo de forças. 2 — Núcleo principal das forças de um dispositivo.

CENTRO de INSTRUÇÃO — Estabelecimento de instrução militar organizado de modo mais ou menos sumário. Geralmente se refere aos estabelecimentos que abrangem diversos ramos de instrução especializada, constituindo cada um deles um departamento.

CENTRO de POTÊNCIA — Parte de um dispositivo de forças que apresenta maior densidade e potência.

CENTRO de RESISTÊNCIA — Organização, numa defensiva nuclear, ocupada por um efetivo correspondente a um Batalhão (ou Ala).

CERRAR o CONTACTO — É a operação que se segue à tomada do contacto dos primeiros elementos de uma tropa com determinada resistência inimiga. Consiste em levar à frente as unidades que ainda não tomaram contacto e empregar os elementos de segundo escalão, tentando assim delimitar precisamente o contorno da resistência encontrada.

CHAPA de RODAGEM — Leito de uma rodovia.

CIRCULAR — 1 — Documento dirigido por uma autoridade a vários interessados simultaneamente. 2 — Mover-se em círculo.

CLARO — 1 — Vazio, espaço aberto, vaga. 2 — Espaço ou distância entre dois soldados numa formação. 3 — Espaço não ocupado por tropas no campo de batalha.

CLASSE — 1 — Para os efeitos da Lei do Serviço Militar, é o conjunto de indivíduos nascidos no mesmo ano civil. Pode ser tanto designada pelo ano de nascimento como pela idade no ano correspondente.

2 — Categoria de classificação de determinado indivíduo, objeto, arma, acidente do terreno, etc.

COBERTURA — 1 — *De um modo geral*: Medidas tomadas para proteger contra os empreendimentos (terrestres, aéreos ou marítimos) do inimigo uma unidade ou conjunto de unidades engajadas em operação nitidamente distinta da própria cobertura — mobilização, concentração, deslocamento, ataque, defesa.

2 — *De modo particular*: Medidas tomadas para assegurar a proteção de operações de mobilização e de concentração, no começo de uma guerra.

3 — *Por extensão*: As tropas encarregadas de assegurar essa proteção.

COBRIR — Ação defensiva na qual a tropa encarregada de realizá-la, deve-se colocar entre a tropa amiga a ser protegida e o inimigo que a pode ameaçar, impedindo que este ocupe ou ultrapasse determinada linha do terreno de onde possa atuar com seus fogos contra aquela tropa.

Essa ação exige:

- a) — Ligação com a tropa a ser coberta.
- b) — Busca de informações (ou Descoberta) para poder realizar a proteção nas melhores condições e com liberdade de ação.
- c) — Retardar e deter o inimigo durante um certo tempo.

COLUNA — 1 — Disposição da tropa em que as diferentes frações se acham colocadas umas atrás das outras.

2 — Formação de tropas no sentido da profundidade.

3 — Linha, no sentido da profundidade, de homens, animais, veículos, carros de combate, navios, embarcações ou aeronaves, colocados uns atrás dos outros. A coluna pode ser por um, por dois, por três, etc., conforme o número de homens, animais ou veículos.

COLUNA de BATALHÕES — Formação com os Batalhões em coluna, um imediatamente atrás do outro.

COLUNA de COMPANHIAS — Formação com as Companhias em coluna, uma imediatamente atrás da outra.

COMANDAMENTO — 1 — Domínio. Superioridade. Ascendente. 2 — Aplica-se particularmente a um ponto ou região elevada do terreno, em relação aos outros que elle domina pelas vistas.

COMANDANTE — 1 — Todo aquelle que occupa a função de mando.

2 — O militar, de qualquer posto ou graduação, que chefia uma tropa, uma posição, uma guarnição, um estabelecimento, um veículo, um posto de serviço, etc.

COMANDAR — 1 — Autoridade que um indivíduo exerce sobre seus subordinados em função de seu posto ou função.

2 — Emitir ordens ou vozes de comando.

3 — E' a ação de dar ordens e fiscalizar-lhes a execução, prevendo os acontecimentos e precavendo-se contra elles. Implica no contacto pessoal com os subordinados, no exercício justo e ponderado da autoridade e na manutenção de uma perfeita disciplina.

4 — Referindo-se a um ponto ou posição do terreno que tem *comandamento* sobre outros.

COMANDO — 1 — Órgão que tem por fim conceber, preparar e conduzir as operações no quadro da missão que lhe foi imposta, e que dá as ordens às tropas e órgãos de serviços subordinados.

2 — Autoridade exercida pelo *comandante* de qualquer unidade, tropa, posição ou guarnição.

3 — Conjunto constituído pelo Comandante e pelo Estado-Maior de uma unidade.

4 — Ordem ou voz emitida por um militar que está *comandando* uma tropa ou organização qualquer.

5 — No Exército existem: o *Alto Comando*, os *Grandes Comandos* e os *Comandos hierárquicos*.

CONCENTRAÇÃO — 1 — Operação que tem por objetivo reunir, em regra geral numa região fronteiriça, as forças que entram no dispositivo inicial previsto pelo Comandante-Chefe para o comêço de uma guerra.

2 — Reunião de forças efetuada no decurso de uma campanha, tendo em vista uma operação importante.

CONDUTA GERAL da GUERRA — E' a primeira parte do *Plano de Guerra*. Fixa os fins da guerra; designa o adversário principal (se existirem vários); indica os resultados a atingir em cada um dos teatros de operações; reparte entre êstes teatros as forças militares, os meios de ação e os recursos de tôda natureza; coordena o conjunto e regula a cooperação das forças de terra, mar e ar; organiza, em proveito da guerra, a mobilização e a utilização de todos os recursos do país, não sòmente militares, mas também agrícolas, industriais, financeiros, técnicos e científicos; dirige a ação diplomática.

E', na realidade, uma obra política, porquanto envolve questões concernentes não só à situação internacional (aliança, pactos, entendimentos, tratados), como também à situação militar, econômica, financeira e social do próprio país.

Deve estar estreitamente relacionada com o *Plano de Operações*, o que só é possível mediante a indispensável concordância entre o Governo e o Comandante em Chefe.

CONSUMO de MUNIÇÃO — 1 — E' a munição consumida por uma determinada arma ou unidade dentro de um intervalo de tempo considerado.

2 — E' o número de tiros a dar para obter, em um objetivo, determinado efeito, material ou moral.

3 — E' o total de munição a dispendir em determinada ação, autorizado pelo escalão superior competente.

CONTRA-ATACAR — Ação de executar um *contra-ataque*.

CONTRA-ATAQUE — E' a resposta a uma ação ofensiva do inimigo, empreendida com o fim de expulsá-lo da parte do terreno de que êle acaba de se apossar.

CONTRA-ATAQUE IMEDIATO — É o executado por iniciativa dos comandantes de Companhia (ou Esquadrão) ou de Pelotão, que reocupam, com os seus meios próprios, a posição que vêm de perder.

CONTRA-ATAQUE PREVISTO — É o executado por uma tropa de reserva. Deve ser preparado minuciosamente, desencadeado tanto quanto possível de surpresa e apoiado por fogos poderosos de Artilharia e de Infantaria.

CONTRA-BATER — 1 — Dirigir o fogo sobre os órgãos de fogo do adversário.

2 — Particularmente, ação de dirigir o fogo de Artilharia contra as baterias do inimigo em posição, para a execução da *Contra-Bateria*.

CONTRA-OFENSIVA — É uma operação de conjunto realizada o mais das vezes "a priori", preparada com antecedência e conduzida de acordo com os processos da *Ofensiva*, para contrapor-se à ação ofensiva do adversário.

CONTRA-VERTENTE — Encosta de uma elevação voltada para o lado oposto ao em que se acha o observador, e que geralmente escapa à observação terrestre.

Reduz as vistas e o campo de tiro das tropas de Infantaria nela instaladas. Em compensação, facilita as ações de surpresa, tanto na *Ofensiva* como na *Defensiva*.

DÉBITO — 1 — *Em geral*: consumo; escoamento.

2 — *De um curso d'água*: número de metros cúbicos ou de litros de água escoados em uma certa unidade de tempo (minuto, hora, dia, etc.).

3 — *De uma estrada*: número de viaturas ou tonelage que a estrada permite escoar em uma certa unidade de tempo, sem congestionamento do tráfego e sem prejuízos para a sua infra-estrutura.

DÉBITO MÉDIO DIÁRIO

1 — *De uma boa ferrovia*: 25000 toneladas.

2 — *De uma boa rodovia*: 12000 toneladas.

3 — *De uma auto-estrada*: cerca de 15000 toneladas.

DECIDIR — É a ação do Chefe, por excelência, e à qual ele não pode jamais abdicar.

Traduz-se no seguinte:

- a) Conceber uma idéia (*Saber o que quer*);
- b) Dar a conhecer essa idéia (*Dizer o que quer*);
- c) Verificar a execução.

DECISÃO — 1 — Resolução; determinação.

2 — Expressão da vontade do Chefe.

3 — Documento básico emitido por um Chefe e em função do qual o seu Estado-Maior, ou simples auxiliares, redigirão as ordens minuciosas aos escalões subordinados. Geralmente comporta as seguintes partes:

- Impressão sobre o inimigo;
- Idéia de Manobra (*Intenção* nos altos escalões);
- Dispositivo e missões das unidades subordinadas (pode ser, eventualmente redigida pelo Estado-Maior);
- Condições gerais de execução da operação.

DENSIDADE de OCUPAÇÃO — Proporção entre a tropa empregada e a frente ou área ocupada.

DENSIDADE do TIRO — É a unidade que exprime o número de tiros lançados sobre um objetivo, num certo período de tempo.

É preciso muitas vezes considerar a densidade necessária para obter certo efeito e a necessária para manter esse efeito.

DENSIDADE LINEAR do TIRO — É o número de tiros atirados no objetivo, distribuídos por 100 metros de frente. É levada em consideração quando o tiro (de Artilharia) fôr executado com uma única alça, ou seja, quando a profundidade do objetivo fôr inferior a 2 desvios prováveis em alcance, tendo em vista a distância de tiro.

DENSIDADE do TIRO por HECTARE — É o número de tiros (de Artilharia) lançados no objetivo, distribuídos por hectare (100 m. x 100 m.). É levada em consideração quando o tiro fôr executado sobre zona.

DESAFERRAMENTO — É o abandono de uma posição ou linha do terreno pelos elementos de tropa engajados, que se dirigem para pontos de reunião ou de reagrupamento, à retaguarda.

DESALOJAR — 1 — Forçar o inimigo a abandonar as posições ou o terreno ocupado.

2 — Retirar civis de suas habitações para aí abrigar a tropa.

3 — Extrair um objeto do lugar em que se acha encerrado.

DESARMAMENTO — 1 — Ação de retirar ou forçar a abandonar as armas de que dispõe, a um indivíduo, tropa ou país.

2 — Ação de abandonar deliberadamente as armas.

DESASTRE — 1 — Acidente.

2 — Revés, derrota ou insucesso militar de proporções graves para o desenvolvimento de uma campanha.

DESAUTORIZAR — 1 — Ação pelo qual um militar anula, torna sem efeito ou contraria uma ordem ou atividade de seu subordinado.

2 — Negar permissão para alguma coisa.

DESBORDAMENTO — É o resultado visado ou obtido por uma manobra ou um movimento desbordante.

DESLOCAMENTO — É a operação por meio da qual uma tropa vai de um ponto a outro de sua zona de ação ou teatro de operações, ou mesmo dêste para outro.

Pode ser realizado sob a forma de "*Movimento*" ou de "*Transporte*".

DESMANTELAR — Arrazar, destruir totalmente, tornar inservíveis as obras de fortificação, as instalações de uma posição ou de um engenho blindado.

DESMONTAR — 1 — Separar as peças de uma arma ou de um mecanismo qualquer.

2 — Apear de um cavalo.

3 — Retirar a uma tropa montada os seus animais.

DESMORALIZAR — 1 — Enfraquecer o moral de uma tropa.

2 — Corromper os costumes ou abater a disciplina de uma tropa.

3 — Desautorar um militar a ponto de fazer-lhe perder o respeito de seus subordinados.

DESOCUPAR — 1 — Ação das tropas evacuarem, abandonarem ou retirarem-se das posições ou lugares em que se achavam. 2 — Ação de retirar essas tropas.

DESTACAMENTO — Grupamento de elementos de tropa e serviços, de importância variável, organizado tendo em vista missões especiais e geralmente temporárias.

DESTACAMENTO de COBERTURA — Tropa destinada a realizar a ação de *cobertura* em favor de um certo núcleo de forças, em função de cuja grandeza varia o seu efetivo.

DESTACAMENTO de DESCOBERTA — Elemento de Cavalaria encarregado de realizar a busca de informações, para o que organiza normalmente diversos *reconhecimentos*. É caracterizado pela missão, comando e zona de ação.

DESTACAMENTO de LIGAÇÃO — Elemento de tropa que marcha pelo limite das zonas de ação de duas unidades vizinhas, com a missão de manter-lhes o contacto e de tapar o intervalo que porventura se abra entre elas em consequência do avanço desigual ou divergente de qualquer uma.

DESTACAMENTO de LIGAÇÃO de ARTILHARIA — Grupo de agentes de ligação, dotados de meios de transmissão diversos e geralmente sob o comando de um oficial, colocado junto a uma unidade de infantaria pela artilharia encarregada de apoiá-la.

DESTACAMENTO RETARDADOR — Tropa, geralmente de elementos moto-mecanizados e Cavalaria, destinada a retardar a progressão do inimigo, deixada para trás por uma Grande Unidade que manobra em retirada.

DESTACAMENTO de SEGURANÇA — É uma fração destacada do grosso da tropa com o fim de garantir-lhe a *segurança aproximada*, e cuja composição é variável.

Recebe uma das seguintes denominações:

Em marcha: *Vanguarda*, *Retaguarda* ou *Flanco-guarda*, conforme o lugar que ocupe em relação ao grosso.

Em estacionamento ou em posição: *Postos Avançados*.

DESTINO — Local ou zona para onde se dirige ou é enviado um militar ou uma tropa.

DESTITUIÇÃO — Exoneração ou demissão, geralmente por motivo disciplinar, de um cargo ou função.

DESTROÇAR — Derrotar o inimigo, aniquilando suas forças.

DETERMINAÇÃO 1 — Ordem; disposição regulamentar ou estabelecida pelo Comando. Resolução.

2 — Valor pessoal; firmeza de propósitos.

DIREÇÃO — 1 — Linha geral sobre a qual o Chefe de uma Grande Unidade deve esforçar-se por manter ou reconduzir o centro de gravidade de seu dispositivo no decurso de uma manobra de conjunto. E' a resultante dos eixos das unidades subordinadas.

2 — Rumo; trajeto; trajetória.

3 — Ação de dirigir as operações militares.

4 — Função exercida pelo Diretor de um departamento, repartição ou serviço(no Exército e escalões superiores).

DIREÇÃO PARTICULAR — E' a linha geral indicada a cada G.U. subordinada, em função da direção assinalada à G.U. superior.

DIREITA — 1 — Extremidade direita de uma tropa, quando se faz face à direção para a qual está voltada.

2 — Parte do objetivo que o observador vê à sua direita.

DIRETRIZES — E' o nome que frequentemente recebe uma Instrução emanada do Comandante em Chefe.

DISPOSITIVO — 1 — A repartição dos elementos de uma tropa no terreno, cada um com papel particular a desempenhar para alcançar determinado fim.

2 — A maneira por que são localizadas as tropas ou frações destas.

DISTÂNCIA — 1 — Espaço entre dois homens, ou duas unidades, colocados um atrás do outro. Entre duas unidades, a distância mede-se do último elemento da unidade da frente ao primeiro elemento da unidade de trás.

2 — Espaço entre dois pontos quaisquer do terreno ou da carta.

DIVISÃO de INFANTARIA — É a Grande Unidade de execução em todos os Exércitos modernos. É a unidade tática, por excelência, dotada de elementos suscetíveis de fazê-la viver e combater sem a contingência imperiosa de recorrer a meios estranhos. O seu escalão orgânico é constituído por tôdas as Armas e em seu seio opera-se a combinação de tôdas elas, tornando-a básica no combate moderno. Suas características principais são:

- só poder atuar em uma direção;
- ter o campo de ação praticamente restrito ao horizonte visível;
- ser a unidade de combinação das armas;
- ter pequena capacidade de duração no combate, definida pela rapidez de desgaste de sua Infantaria;
- poder receber elementos de refôrço (principalmente artilharia, tropas blindadas, elementos de trabalho, etc.), graças às possibilidades de emquadramento e de órgãos de serviço de que dispõe;
- poder ser subordinada, quer aos Corpos de Exército, quer diretamente aos Exércitos, porque é uma Grande Unidade.

DOSAR os ESFORÇOS — Ação do chefe classificar, por ordem de importância, os atos a realizar para o cumprimento da missão, graduando o esforço a empenhar na execução de cada um deles.

DOSAR os MEIOS — Ação do chefe distribuir os meios (tropas, fogos, materiais diversos, etc.) pelos diversos esforços a realizar para o cumprimento da missão, proporcionalmente à sua importância.

DURAR — Aguentar; resistir; manter-se a despeito do inimigo durante um tempo mais ou menos longo.

EIXO de ESFÔRÇO — É o eixo escolhido pelo Chefe de uma G. U. para exercer seu esforço principal. Pode não se confundir com a *direção*, mas deve contribuir, em última análise, para manter a Unidade nessa direção (V. "*Direção*").

Nas ações estreitamente combinadas e centralizadas, o eixo de esforço de uma determinada Unidade, pode ser-lhe designado pelo Chefe da G. U. superior.

EIXO de TRANSMISSÃO — Itinerário organizado numa ação ofensiva ou num movimento retrógrado, com o fim de assegurar a circulação das ordens e informações entre o comando e a tropa. Este eixo parte de um *pôsto central telefônico* importante e segue, em geral, a direção prevista para o deslocamento do *pôsto de comando* da respectiva unidade. O eixo de transmissão é constituído por um certo número de postos centrais telefônicos e óticos, aos quais se vêm ligar os postos de comando das unidades subordinadas.

EMPILHAR — 1 — Reunir ordenadamente, em pilhas, munição de Artilharia.

2 — Amontoar, ordenadamente, materiais de qualquer natureza.

ENCOURAÇAR — 1 — Cobrir com placas metálicas de grande resistência um veículo, uma embarcação ou uma obra de fortificação. 2 — Blindar, couraçar.

ENDURECER — 1 — Aumentar a dureza de um determinado material por um processo técnico qualquer.

2 — Acostumar, habituar uma tropa ao trabalho, à fadiga, às inclemências e dificuldades próprias da guerra.

ENFIAR — 1 — Bater uma posição ou uma tropa inimiga pelo flanco. 2 — Atirar sobre um objetivo de modo que o fogo o atinja no sentido da largura. 3 — Ter possibilidades de vistas e fogos sobre uma determinada linha do terreno.

ENFRENTAR — 1 — Aceitar a batalha ou o combate.

2 — Fazer frente ao perigo ou às dificuldades.

3 — Arrostar com as consequências.

ENGAJAMENTO — 1 — Operação que tem por fim precisar a resistência do contacto tomado pelas *vanguardas* em uma operação ofensiva e conquistar os pontos cuja posse favorecerá os *ataques do grosso*.

E' dirigido pelo comandante do Grosso e executado por um efetivo de Infantaria restrito, mas com um apóio de Artilharia tão possante quanto possível.

2 — Ação local por meio da qual o Comando determina o valor e a atitude do inimigo, isto é, avalia o contacto.

ENGATAR — 1 — Unir um carro, um reboque ou uma peça a um armão, um caminhão, um trator, etc.

2 — Ação de reunir as peças de engate de duas viaturas entre si.

ENGENHO BLINDADO — Viatura automóvel, em geral para qualquer terreno, provida de armamento, sob couraça, podendo atirar em marcha.

ENGROSSAR — Reforçar, aumentar, acrescentar.

ENSAIAR — 1 — Provar, experimentar, verificar as condições de uma arma, uniforme, etc. antes de pô-lo em uso definitivo.

2 — Executar determinada ação à parte ou longe do lugar onde mais tarde deverá ser realizada em definitivo.

3 — Experimentar realizar determinado ato para mais tarde poder fazê-lo nas melhores condições possíveis.

ENTRINCHEIRAR — Cobrir ou defender com trincheiras ou outras quaisquer organizações do terreno.

ENTRINCHEIRAR-SE — Proteger-se com organização do terreno.

ENVOLVIMENTO INTEGRAL — E' o visado ou obtido por uma *manobra envolvente integral*.

ENVOLVIMENTO PARCIAL — E' o visado ou obtido por uma *manobra envolvente parcial*.

EQUIPAR a CARTA — Ação de colocar num documento cartográfico, por meio de símbolos e abreviaturas convencionados, os dados conhecidos ou fornecidos pelas ordens e

demais documentos: situação das próprias forças, das forças vizinhas e do inimigo; destruições existentes ou previstas; trabalhos de organização do terreno assinalados, projetados ou realizados; etc.

ESCALÃO — Disposição das pequenas unidades no combate, quando as suas diversas frações se acham colocadas umas ao lado das outras, quaisquer que sejam as formações dessas frações e os intervalos entre elas. (É empregado este termo em vez de "linha", para não despertar a idéia de uma formação linear rígida e contínua).

ESCALAR — 1 — Fazer escala ou parada em determinado ponto.

2 — Designar um militar ou uma unidade para determinado serviço, geralmente obedecendo a um horário ou rodízio.

3 — Escolher.

4 — Galgar uma altura. Subir, trepar ou assaltar uma região elevada.

ESCALONAMENTO em PROFUNDIDADE — Disposição dos elementos de uma tropa tendo em vista não só sua atuação contra o objetivo que se apresente, como também sua intervenção na fase seguinte do combate (contra-ataque, avanço, recuo). Essa disposição permite a continuidade dos esforços e assegura a possibilidade de manobra.

ESCALONAR — 1 — Dispor a tropa em escalões.

2 — Fracionar a tropa, distribuindo seus elementos de modo que se apoiem mutuamente.

3 — Espaçar.

ESCOLTAR — 1 — Acompanhar, proteger, resguardar.

2 — Comboiar.

3 — Manter pessoas, veículos, animais ou objetos sob guarda, durante a execução de um movimento.

ESCUDAR — 1 — Resguardar. Cobrir. Proteger.

ESCUDAR-SE — 1 — Apoiar-se. Basear-se.

2 — Proteger-se.

ESTABELECEER o DISPOSITIVO — V. *Repartir os meios.*

ESTACIONAR — 1 — Ação de determinar ou preparar o *estacionamento* de uma tropa.

2 — Ação de uma tropa que se estabelece em um *estacionamento*.

ESTADO-MAIOR — 1 — É o conjunto dos oficiais postos à disposição imediata do Comando para o auxiliar em sua tarefa. Auxiliar do Comando, êle exerce a sua ação de forma impessoal.

Seu papel em campanha consiste em:

- a) preparar os elementos necessários às decisões do Chefe;
- b) transformá-las, desde que lhe são comunicadas em ordens e instruções, completando-as com os pormenores necessários;
- c) assegurar a transmissão das ordens e instruções, e verificar se são convenientemente executadas.

De um modo geral compreende, nas Grandes Unidades:

- um chefe;
- um ou dois sub-chefes;
- quatro secções (cuja composição varia com a importância do E. M. e que em certos casos podem desdobrar-se em sub-secções), que tratam dos seguintes assuntos:

1ª Secção — Organização. Efetivos. Justiça.

2ª Secção — Informações sobre o inimigo.

Contra-espionagem. Relações com as autoridades civis.

3ª Secção — Instrução. Operações.

4ª Secção — Reaprovionamentos. Evacuações.

Transportes.

2 — Também se denomina assim o conjunto de oficiais que, nas pequenas unidades, auxiliam o Comandante em seus múltiplos afazeres técnicos e táticos, preparando a entrada em ação da unidade e garantindo a continuidade da ação do Comando durante o desenvolvimento das operações.

ESTADO-MAIOR do EXÉRCITO — Órgão encarregado de preparar as decisões do Ministro da Guerra e de elaborar as ordens e instruções resultantes dessas decisões, no que concerne à organização do Exército, à mobilização, à instrução, e tudo que se referir à preparação para a guerra.

ESTAFETA — 1 — Agente de transmissão que se desloca a cavalo ou em um veículo qualquer (bicicleta, motocicleta, automóvel, carro de combate, avião, etc.).

2 — Soldado encarregado de conduzir a correspondência nos corpos de tropa, estabelecimentos e repartições militares.

ESTRADAS — Vias de comunicação terrestre que se dividem em *Rodovias* ou *Estradas de rodagem* e *Ferrovias* ou *Estradas de ferro*.

ESTRADA de FERRO — V. *Ferrovias*.

ESTRADAS de FERRO de 1ª CATEGORIA — V. *Ferrovias de 2ª Categoria*.

ESTRADA de RODAGEM — V. *Rodovia*.

ESTRADA de RODAGEM ESPECIAL — V. *Auto-estrada*.

ESTRADA de RODAGEM de 1ª CLASSE — V. *Rodovia de 1ª Classe*.

ESTRADA de RODAGEM de 2ª CLASSE — V. *Rodovia de 2ª Classe*.

ESTRADA de RODAGEM de 3ª CLASSE — V. *Rodovia de 3ª Classe*.

ESTREITAR — 1 — Reduzir o intervalo ou a distância que separa um homem de outro ou uma tropa de outra, ou que separa êstes de um lugar qualquer.

2 — Cerrar as distâncias ou intervalos.

3 — Apertar o cêrco de uma tropa ou de uma posição.

EVACUAR — 1 — Ação de uma tropa abandonar a localidade, posição ou território em que se encontra.

2 — Ação de fazer uma tropa deixar as posições em que se acha.

3 — Desocupar.

EVOLUÇÕES — Movimentos executados para passar de uma formação a outra.

EXÉRCITO — 1 — *De modo geral:* Fôrça armada de terra, nacional e permanente, destinada a manter a ordem e o respeito às leis no interior do país, e a defender a honra, a soberania e a integridade da Pátria contra os inimigos externos.

2 — *De modo restrito:* É a unidade estratégica fundamental. Constituído pela reunião, sob as ordens de um Chefe único, de várias Grandes Unidades, de tropas não divisórias e de Serviços poderosamente aparelhados. Sua composição e seu efetivo variam essencialmente com a sua missão, o terreno em que opera e a natureza do inimigo.

EXPLORAÇÃO — Missão confiada às Grandes Unidades de Cavalaria e à Aeronáutica, com o fim de trazer o Comando, constantemente, ao corrente dos movimentos e disposições do inimigo, numa determinada zona de terreno. Para sua execução, pode a Cavalaria ser reforçada com elementos de outras Armas.

Compreende duas partes: a *Busca de Informações* ou *Descoberta* e o combate da Grande Unidade que permite verificar o valor das informações colhidas pela Descoberta (de Cavalaria e de Aviação).

EXPLORAÇÃO de FLORESTAS — Em campanha a Engenharia faz a exploração intensa e metódica das florestas, tendo em vista:

- satisfazer os pedidos da tropa (madeira para obras de defesa, para construções e para combustível);
- garantir a alimentação das serrarias e oficinas de fabricação de material do Exército.

Ela abrange:

- trabalhos de procura e de organização dos cortes de madeira;
- loteamento (toras, estacas, pranchões, lenha, etc.);
- transporte;
- exploração das serrarias existentes ou organização de serrarias de emergência.

(Continúa)

O SALÃO DE UM MINISTRO EM 1830

“Não se pode negar que os cortesãos sejam o flagelo do exército, como são o de todos os demais ramos do serviço governamental.

“Com efeito; se é curioso procurar descobrir na fisionomia do homem que passa por nós na rua, qual é sua condição, sua categoria, adivinhar-lhe o caráter, é, sem dúvida, muito mais interessante observar de perto os solicitantes que vão adular o ministro poderoso do momento, e que, depois de saudarem afetuosamente os domésticos, se comprimem e acotovelam nas antesalas que precedem o aposento em que Sua Excelência repousa ou faz sua refeição.

“Observai êsses cortesãos, escravos e servís, afetando todos um ar de presunção e altaneria; são os mesmos que, fora do salão do Ministro, retomam atitudes altivas, e o criticam com grande severidade. Êles compõem a fisionomia e o porte, atravessam a custo o apêrto para fazer uma humilde e inútil reverência diante do personagem pelo qual desejam ser reconhecidos, mas que apenas distingue alguns dêsses numerosos bajuladores.

“O menor sorriso que o Ministro concede a êsses cortesãos, é para êles o penhor garantido de um êxito imediato; o solicitante jamais se persuadirá de que o mesmo sorriso foi dirigido à maior parte dos aduladores, e que outra cousa não era mais que uma espécie de zombaria da parte do grande personagem.

“Quanta mentira nos olhos, ora abaixados, ora cariciosos, fixados de todos os lados em Sua Excelência, para ler o que ela pensa! Como o elogio é pródigo de lisonjas e de adulação!

“As petições sobrecarregam as mãos do secretário, espécie de manequim ambulante de seu chefe, e que se poderia julgar surdo e cego, mas que vê e ouve tudo, e está sempre pronto para

receber os papéis dirigidos ao Ministro. E' interessante observar como uns se esgueiram para aproximar-se do personagem incensado, como aquêlê marcha aos recúos, como outros curvam a espinha, como êste, afetando admirar verdadeiramente Sua Excelência, cobiça e lhe atrái o olhar. Um Ministro, dotado de bom senso, poderá dar valor a essas lisonjas? Ser-lhe-á permitido acreditar nêsses elogios vulgares?

"E' nos salões que os lisonjeadores hábeis dos homens bem colocados conseguem, com a maior facilidade, recompensas para si ou para seus protegidos, em detrimento das pessoas que têm mérito real. Com efeito, o provinciano que chega a Paris, não imagina que lhe seja possível acercar-se do Ministro, quando o vê rodeado por milhares de cortesãos blandiciosos, e cada qual mais baixo do que os outros; julgará inútil esperar a sua vez. Êsse honesto provinciano mal pode acreditar que Sua Excelência consiga dirigir uma frase diferente a duzentas pessoas, que as despeça sem discontentá-las, e possa proceder de maneira que, deixando o salão ministerial, cada solicitante saia satisfeito, e alimente, como dizia o cardeal Mazarin, *esperanças e promessas*.

"O homem humilde, estranho a êsse torvelinho da alta sociedade, admira o gênio profundo, a presença de espírito, a justeza de idéias do Ministro que se não embaraça com nenhuma resposta. Imagina ser necessário dispor de uma memória prodigiosa para não esquecer dos negócios de cada qual, isto porque ignora que todos quantos comparecem à casa do Ministro pedem uma única e mesma cousa: dinheiro, ou, o que é equivalente, emprêgos. Suas respostas nada têm de espirituais; limitam-se a monossílabos, aos quais a autoridade e a dignidade ministeriaes emprestam incalculável profundeza.

"Todos es cortesãos invejam o que foi honrado com um apêto de mão, ou com uma palavra segredada; mas é preciso notar que são sempre as pessoas conhecidas por seu servilismo, e das quais o Ministro sabe que pode dispor, que obtêm essa graça. "Êsses cortesãos infatigáveis se espantam quando vêm um visitante que não se preocupa de derreter-se em baixesas, e não podem acreditar que exista quem não compartilhe suas an-

gústias; procuram adivinhar que motivo pode ter trazido êsses solicitantes, que não têm aparência de tal, e isto os intriga e irrita.

Quando um adulator não é acolhido com um olhar de Sua Excelência, retira-se aflito, como se houvera sofrido um revés na própria fortuna, ou nas suas mais caras afeições; receia perder o emprêgo que ocupa, e que obteve a preço de sua honra. O Ministro fala a mais de cem pessoas nos limites de uma hora; um apêto de mão dado oportunamente a certo orador, o impedirá de pronunciar no dia seguinte, o discurso que a oposição esperava. Outros são mantidos sob o jugo ministerial mediante uma frase elogiosa; numa palavra, não há pequenos embustes que as Excelências não empreguem, quando instalados no leme do Estado.

“Os Ministros sabem que no momento em que termina a recepção, os ministeriais, os mais hábeis na arte de intrigar, colocam-se junto às portas dos pequenos aposentos; é aí que se fazem os pedidos que devem ser recebidos com benevolência. Aí, cada qual conversa com o Ministro, pede-lhe um favor para si ou qualquer dos seus; raramente a solicitação feita nêsse lugar não surte efeito. O secretário, que precedeu Sua Excelência no gabinete, lá o espera para registrar êsses derradeiros pedidos, e da ordem, no dia seguinte, para que se responda, de acôrdo com o que o *interêsse pessoal* do Ministro exige.

Os costumes em voga no mundo político, portanto, deixam os oficiais ao desamparo, a não ser quanto ao direito comum, e os excluem dos lugares que são concedidos por favor; porque o Ministro tem o cuidado de reservá-los aos protegidos de alguns membros de uma ou de outra Câmaras, dos quais de-seja um voto favorável, pois receiaria vê-los pronunciarem-se pela oposição, se não dêsse satisfação a seus pedidos.

“O quadro do salão do Ministro, que acabamos de apresentar, é de molde a apavorar uma grande parte dos que servem com zêlo e devotamento; é certo, entretanto, que nada se lhe pode modificar, quer no caso de um govêrno constitucional, quer sob o reinado de um senhor absoluto.

"Os homens serão sempre sensíveis a bajulação, e desgraçado será aquêlê que não dispuser de meios para chegar até o homem que está no poder, afim de dizer-lhe justamente o contrário do que pensa, se fôr necessário, condição sem a qual nenhuma esperança haverá de promoção ou de recompensas que não sejam as devidas à antiguidade de serviço!"

O "pintor" dêste quadro é o Conde GODEFROY DE LA-TOUR D'AUVERGNE, antigo capitão do Corpo Real de Estado Maior e Oficial da Legião de Honra, em seu livro "Considérations sur l'art de la guerre", publicado em 1830.

Hoje, podemos ver como estão mudados os costumes, depois do curto praso de 115 anos... (Nota do tradutor, Cel. R. B. NUNES, da Reserva de 1.^a classe).

Indústrias "CAMA PATENTE L. LISCIO" S./A.

A maior fábrica de camas da América do Sul

Legítima só com a faixa azul!

Grande
fornecedora
dos Exércitos
Nacional
e Americano



Matriz: Rua Rodolfo Miranda, 97 - S. Paulo

Fillais: RIO DE JANEIRO - Rua Figueira de Melo, 307 - Loja:

— Rua 7 de Setembro, 177.

— BELO HORIZONTE, RECIFE, BAHIA, PORTO ALEGRE e

— PELOTAS.

Agências: MANÁUS, BELÉM DO PARÁ, FORTALEZA, NATAL e

— MACEIO.

Segunda Missão e Pausa, do Pelotão de Minas do Regimento Sampaio na Guerra

Pelo 1.º ten. JOSÉ DE FREITAS LIMA SERPA.

Cmt. do Pel. de Minas do Regimento Sampaio.

Após o término da primeira missão, já narrada em artigo anterior, fomos entregar o relatório do trabalho executado ao Sr. Major Oscar Passos. Foi êle de opinião, que o campo de Minas anti-pessoal lançado às margens do rio Marano, era suficiente. Resolveu aumentar seu comprimento, barrando a estrada carroçável que passava a uns cinquenta metros à esquerda do campo já existente. E mais, minar também a estrada larga, porém de leito, pedregoso e irregular, que vinha de Santa Maria em poder dos alemães, passava por Affrico, occupado pela 5.ª Cia. do Cap. Waldir e se dirigia para Cá d'Orsino no dispositivo alemão. No âmbito da 5.ª Cia. ela formava um U, sendo, portanto necessário minar suas duas pernas, para ficarmos seguros, quanto à incursão de carros de combate vindos dos dois lados. Êsses "blocos de estrada" ficariam respectivamente junto a um cemitério e a uma igreja.

Êste trabalho, nos disse o Snr. Major, si possível, deve ser feito hoje, caso não, amanhã. Respondemos-lhe que seria difficil efetivá-lo sem um reconhecimento prévio, mas que iríamos tentar. E assim, de posse da nossa segunda missão, nos dirigimos com o pelotão para o P.C. do II Btl.

Mostrou-se o seu comandante, o Snr. Major Syseno, admirado com o nosso retôrno, mas explicamos-lhe que tínhamos uma nova missão, da qual o fizemos ciente. Informou-nos então, que havia saído uma patrulha de "partisanos" (1) que estava justamente na frente a minar, sendo sua hora de regresso difficil de prevê. Tinha ido fazer prisioneiros.

Achou o Snr. Major, aconselhável voltarmos no dia seguinte, pois poderia haver algum desentendimento entre nós e os partisanos, desconhecedores que eram da nossa presença. Entretanto em ligação telefô-

(1) Voluntários italianos.

nica com o Snr. Major Passos, ficou tudo assentado, de acôrdo com a situação.

Assim foi preferível, pois estávamos apreensivos. A noite, escura como ainda não víamos igual, ia ser uma terrível dificuldade para a ampliação do campo já lançado. Tendo que nos movimentar entre minas anti-pessoal sem podermos vêr nossos próprios pés, com facilidade poderíamos fazer funcionar alguma. Era mais prudente executarmos o trabalho à luz do dia, havendo, porém o duplo inconveniente dos alemães ficarem conhecendo a existência do obstáculo às suas incursões, e ainda, o de poderem nos hostilizar. Como sem arriscar nada se faz, optamos pelo trabalho às claras....

Mandamos o pelotão de volta para Porretta, com ordem de regressar às sete horas da manhã seguinte, e ficamos para dormir, a convite, no P.C. do Btl.

A noite que lá passamos foi muito interessante. Nossa cama era um divã que ficava num quarto, local habitual de reunião dos oficiais, junto à central telefônica! O sossego, como podemos vêr, era absoluto...

Tanto o era, que resolvemos abandonar os difíceis braços de Morfeu, pelo "bate-papo" que estava bem animado.

A conversa entre os oficiais do E. M. do Btl., de um oficial de artilharia e nós, era entrecortada por alguns telefonemas, concernentes principalmente à tal patrulha, que por sinal resolveu só regressar no dia seguinte. Lá pelas tantas, quando quasi todos os oficiais, já tinham ido dormir, só restando o artilheiro, o de permanência e nós, ouvimos uns chiados estranhos, semelhantes aos dos foguetes, aos quais não demos importância. Passados alguns segundos, irrompem na sala os oficiais que se tinham retirado, alarmados, pois tinham visto passar vários projeteis luminosos de tipo desconhecido, formando um grande feixe móvel vindo do inimigo e se dirigindo para a nossa retarguada. Pareciam foguetes. O telefone passou a funcionar ininterruptamente. O alvo-roço era geral. Crêmos que tôda a tropa da frente estava acordada. Curiosa, queria saber do que se tratava, e onde tinham caído os misteriosos foguetes. Os da retarguada, perguntavam de onde tinham partido e informavam de que nada sabiam, salvo que tinham passado por êles, caindo em local ignorado. Aos poucos, informações detalhadas foram chegando da frente, localizando mais ou menos os tais engenhos. O artilheiro, após trocar uns telefonemas com seu grupo, abriu fogo. Já se falava em V3, V8 e outros V, tão comuns nesta guerra....

Finalmente, para tranqüilidade dos curiosos e dos telefonistas informaram da Divisão que se tratava de um bazuca de seis bocas, que lança projeteis com folhetos de propaganda.

A calma estava restabelecida. Fômos dormir.

Na manhã seguinte, após um rápido café, recebemos o pelotão, que chegava, comandado pelo nosso auxiliar, o Sargento Velasco.

O pessoal da esquadra que já havia trabalhado junto ao Rio Marano, na primeira missão, mandamos para o P.C. da 6.^a Cia., onde devia aguardar nosso regresso. Seguimos com as outras duas esquadras restantes para a 5.^a Cia., onde encontramos o Cap. Waldir e o Ten. Ruy Campelo, seu sub-comandante, que nos guiou até a estrada a minar. Cada soldado levava duas minas anti-carro. O fundo destas é pintado de amarelo, e o resto de verde escuro. Para se tornarem menos visíveis ao inimigo, o fundo, durante o transporte, ficou voltado para o corpo do soldado.

Assim procedendo, chegamos, após penosa subida, através de caminhos lamacentos e escorregadios, junto à igreja de Affricco. Entramos com nossos soldados.

Em parte destrocada, com a porta cortada por estilhaços e a cúpula apresentando por enorme buraco um céu azul claro, limitado por aquele mostruário pagão, estava atulhada de escombros. Bancos intatos, outros quebrados ou rachados, na clássica disposição em linhas paralelas de todos os bancos de tôdas as igrejas, sobressaíam, no meio da destruição reinante, cobertos de calça e poeira.

Animando aquela cena, pracinhas com as faces cansadas onde sulcos profundos falavam dos momentos de apreensão e vigília dos episódios das patrulhas, e das saudades dos entes queridos, ocupavam posições diversas. Uns conversavam ou preparavam um reconfortante café, outros repousavam encostados aos muros, ou sobre bancos, refazendo-se de um "quarto" estafante, enquanto dois deles estavam de vigia. Por uma brecha da parede, onde outrora reluzira refulgente "vitreaux", um soldado fitava o exterior, aproveitando pequena brecha da camuflagem sumária de táboas e pregos. Um fuzil metralhador era seu companheiro. Aqueles bravos fuzileiros pois ser soldado de fileira da infantaria, na guerra, já é serbravo, defendiam aquela frente, comandados pelo Ten. Gilson Campos, sujeitos às vistas e fogos alemães, que ocupavam pontos vizinhos e dominantes. Ali era o P.C. do Pel., cujo comandante nos informou, que caso os alemães vissem movimentos estranhos, deshabituais, iniciariam um bombardeio de morteiros, de fácil regulagem e êxito seguro. Lá estavam os escombros testemunhando. Proibimos portanto a saída de nossos soldados. Levando em conta tal informação, alteramos nosso plano de execução, resolvendo proceder o trabalho à noite. Como tínhamos que minar também as margens do Marano, para o que havíamos reservado uma esquadra, entregamos ao Sgt. Velasco a tarefa relativa à estrada, marcando, por uma janela da igreja, o local aproximado onde deviam colocar as minas anti-tanque,

de um dos blocos de estrada. Feito isto, aproveitando judiciosamente o terreno, nós e o Velasco, seguimos em direção ao cemitério, a uns 150 metros da igreja, encontrando pelo caminho alguns soldados nos seus "fox-hole". Nêle penetramos. Retângulo de 20 metros por 50, rodeado por um muro de 2 metros de altura, a *nossa última moradia*, apresentava em alguns lugares, em vez de um túmulo, profana cratera.

O Ten. Segismundo, que estava com o seu pelotão naquela região, se juntara a nós. Informou-nos da mesma forma que o Ten. Gilson, e pediu-nos que não dessemos muita "sopa" (1) sinão os morteiros não custariam a nos saudar. De dentro do cemitério, aproveitando uma fenda no muro, indicamos o outro local a minar. Ciente o Velasco, nos dirigimos para a igreja. Lá chegados, assentamos com o Ten. Ruy, a questão de alimentação de nosso pessoal, e demos ordem ao Velasco de, terminado o trabalho, voltar para Porretta numa das viautras que ficaram no P.C. do Btl.

Fizemos então o caminho de regresso, acompanhados pelo Ten. Ruy, que ficou em sua Cia. Prosseguindo, passamos pelo pelotão do Ten. Bicudo, nosso amigo e companheiro da Escola Militar, com o qual conversamos longamente. Após nos despedirmos, saímos em busca da 6.ª Cia., alcançando-a após longa e penosa caminhada.

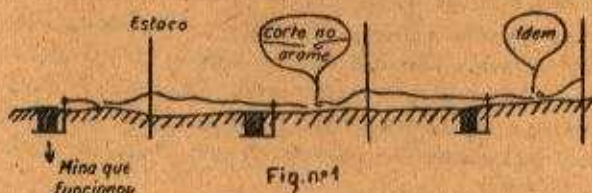
Lá estavam o cabo Sena e os soldados já nossos conhecidos da primeira missão. Eram os "veteranos" Papa, Felix, Pompilio, Djalma, Odir, Feliciano, Jeronimo e Gatão. Cada um havia trazido uma mina anti-pessoal, igual às que constituíam o campo já lançado.

Após a apresentação ao Cap. José Raul, dirigimo-nos para as margens do nosso velho conhecido, o "fiume" Marano. (1)

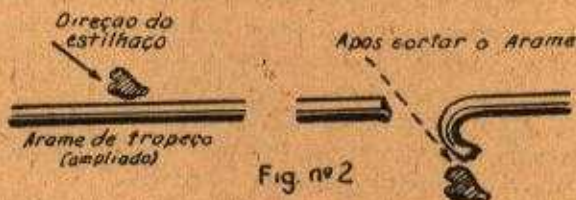
Chegamos ao local, mandamos que os soldados se abrigassem, e fomos fazer uma inspeção no campo de minas lá existente. Uma surpresa nos esperava. Uma delas havia funcionado. Lançando um olhar em torno, procuramos a vítima. A uns 3 metros do copo vazio da mina, dentro de pequena valeta, estava estendido o cadaver. Era uma pomba! Apanhamo-la. Remexendo sua plumagem branda, encontramos um sinal vermelho escuro, de sangue seco. A nossa primeira vítima, empreendendo um voo noturno, talvez de regresso de algum idílio, devia ter esbarrado num dos arames de tropeço e feito funcionar a arma assassina. Isto serviu para nos mostrar o quanto esta é mortífera, pois seus estilhaços, chegaram a alcançar tão pequeno objetivo. Continuando a inspeção, nova surpresa nos aguardava, desta vez embaraçante. Duas

(1) Termo de gíria. Não aproveitar bem o terreno, ficando muito visível.

minas, as que se seguiam na fila que compunha o campo, estavam com seus arames de tropeço cortados, de uma forma esquisita. (Fig. 1)



Uma das pontas terminava como termina tôda ponta de arame cortado com alicate, a outra, apresentava-se em forma de anzol. Só haviam duas hipóteses. Ou uma patrulha alemã havia cortado os arames, o que não era provável pois o corte teria outra forma, ou os estilhaços da mina que funcionara, tinham executado esta tarefa. Era o mais lógico. O estilhaço, pegando o arame segundo um determinado ângulo agudo, conforme se vê na figura 2.



Acresce em abono desta segunda hipótese, que as duas extremidades em forma de anzol, estavam na mesma direção, na que deviam estar, caso a hipótese fosse verdadeira.

Assim, aceitamo-la como certa, admirando sempre a eficiência daquele engenho. Por via das dúvidas, desconfiados como somos, resolvemos dar um giro pelo campo, à procura de alguma mina ou armadilha, lançada pela suposta patrulha alemã. Com minas todo o cuidado é pouco, e do inimigo tôda artimanha é possível.

Satisfeitos, regressamos para juntos dos soldados. Acompanhados por eles, fomos até junto ao local do sinistro. Após chamarmos a atenção para o que acabamos de narrar, e eles terem admirado o acidente, vendo a pomba com olhos gulosos (estava gostosa, si bem que um pouco dura), mandamos que o Felix concertasse os estragos e colocasse nova mina, junto a que funcionara. Continuando com o resto do pessoal, fomos dispendo-o ao longo da coluna de minas já existente, até a estrada carroçável, da mesma forma que fizemos na primeira vêz. Rápidamente.

e já senhores do "metier", iam enterrando as minas, testando o ignitor, esticando os arames de tropeço, camuflando a mina, e aguardavam nosso regresso para a retirada do pino de segurança.

Na estrada, junto à beira, colocamos uma mina com um arame de tropeço, barrando-a. Não achando suficiente, resolvemos lançar mais duas. A 8 e 14 metros, respectivamente, deste arame. Para dentro do nosso dispositivo, também na beira da estrada, colocamos outras duas, cujos arames atravessavam a estrada. Segue croquis de todo o trabalho executado.

Já tendo disposto todo o pessoal, deixamo-lo trabalhando, e fomos até onde estava o Felix. Após verificarmos o seu trabalho, mandamos que retirasse o pino de segurança. Feito isto, passou a nos acompanhar. E assim, indo de homem em homem, inspecionavamos todos os trabalhos e todos os pinos foram retirados. Chegados junto à última mina, deixamos os soldados ao longo da estrada, enquanto íamos retirar o último pino de segurança.

O dia estava claro, e o sol de meio dia nos queimava a pele. A uns 800 metros de nós, encarapitados nas elevações fronteiriças, os alemães deviam estar admirados daquele vai e vem contínuo e sem cerimônias nas suas barbas. Confiantes em que eles não iam se importar com meia dúzia de gatos pingados, estávamos quase todos certos que não nos importunariam. A sua artilharia, por sinal, a uns 10 minutos estava bombardeando Braineta, uma vila a uns 300 metros da nossa esquerda, sobre uma elevação. Os projeteis passavam sobre nós.

Mais tarde viemos a saber, que o Ten. Braz, do Esquadrão de Reconhecimento, havia sido ferido na ocasião. Mas, sempre o mas, estava o soldado Gatão de joelhos retirando cuidadosamente o pino da última mina, sob nossas vistas quando a uns 50 metros, na direção do campo já lançado, se deu uma explosão. O inesperado nos assustou. O Gatão, deu um pulo e... estava com o pino entre os dedos.

Pensando rapidamente, procurávamos explicar aquela explosão. Teria sido alguma mina que funcionara ou estavam começando a nos atirar? Não ouvimos, porém, o característico assobio das granadas de artilharia. Pelas dúvidas, mandamos que os soldados seguissem a estrada que ia dar no P.C. do Ten. Chaon, e lá nos aguardassem, e fomos dar uma vista d'olhos nas minas. Estavam tôdas intactas. Deve ter sido algum tiro perdido, ou alguma gracinha alemã, pois não tornaram a nos atirar, nem em Braineta. A calma voltara. Após passarmos novamente pelo P.C. do Chaon, reunimos os nossos soldados, e fomos ao P.C. do Cap. José Raul. Lá, fizemos um rápido esboço do trabalho e nos dirigimos ao do Snr. Major Syseno, de onde, após novo esboço do trabalho, nos retiramos para Porretta numa das nossas viaturas. A outra ficou

guardando a volta do Velasco com seu pessoal. À noite, regressou àle. Cumprira a missão sem acidentes, apesar, de terem caído alguns tiros de morteiro nas redondezas, felizmente sem más consequências. Com a sua narração do trabalho executado, elaboramos rapidamente o nosso relatório e o entregamos ao Snr. Major Passos. (croquis)

Recordamo-nos das seguintes observações, que este trabalho, duplo e diferente, nos sugeriu:

No trato das minas, divididas de um modo geral em anti-tanque (A.T.) e anti-pessoal (A.P.), esbarramos com certas diferenças de manuseio. Tomemos por exemplo as minas americanas anti-pessoal M2A1 e anti-tanque M1A1, comumente utilizadas por nós. Observadas as fases dos respectivos lançamentos, pode-se traçar um paralelo entre as duas turmas que executaram missões tão diversas, uma contra vidas e outra contra lagartas, uma nas margens do Marano, outra na estrada de Affricco.

A primeira fase do lançamento ou "entêrrro", variou de acôrdo com a consistência do terreno e a espécie da mina: A A.T., é sempre colocada no sólo (Fig. 3); a A.P., o é geralmente, (Fig. 4), sendo em certos



MINA ANTI-TANQUE
fig.3



MINA ANTI-PESSOAL
fig.4

casos (Fig. 5), amarradas acima deste, em árvores, postes, estacas, etc. Na terra fôfa ou macia, a mina é enterrada com facilidade; (Fig. 3)

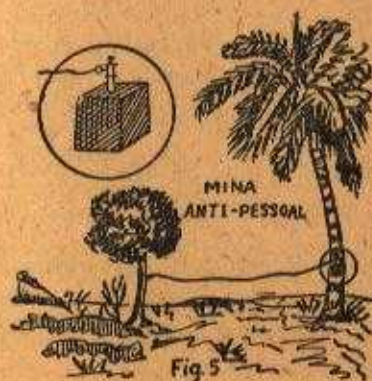


Fig.5



Fig.5A

(Fig. 4) em terreno pedregoso. (Fig. 6), lança-se mão das picaretas, enterrando-a na medida do possível e camuflando-se o resto; no asfalto

ANTI-TANQUE



ou cimento, (Fig. 7) é geralmente colocada na superfície e camuflada. O entêrrão neste caso é difícil e improficuo. Na estrada de Affricco, que

ANTI-TANQUE



é pedregosa, para a remoção dos pedregulhos, manejaram-se cuidadosamente as picaretas, para não produzirem faíscas denunciadoras do trabalho feito à noite. Funcionando por pressão, parte da mina devia aflo-
rar na estrada por causa da consistência do seu leito. Esta parte foi camuflada. Nas margens do Marano fizemos funcionar as pás. A terra era fôfa.

A segunda fase ou "ancoragem", que consiste no atulhamento da cova onde jaz a mina, visando prendê-la ao sólo e torná-la invisível, o que é completado posteriormente pelo disfarce, varia naturalmente com a situação resultante da execução da fase anterior. Na estrada de Affricco, usaram-se pedrinhas e areia, cuidando que alguma pedra não impedisse a descida do prato de pressão. Nas margens do Marano, utilizamos a própria terra, tendo o cuidado de não comprimi-la sobre o copo da mina, de onde sai a granada, o que poderia prejudicar sua projeção para cima.

A terceira fase, ou "remoção da segurança" pino, grampo ou armação da mina, é o momento crítico em que ela se transforma, de inofensiva em perigosa.

Na estrada de Affricco, os grampos de segurança, foram retirados com facilidade e sem perigo para os executores. Na margem do Marano, os pinos de segurança, ao serem puxados, arrastavam consigo a possibilidade de explosão da mina.

A quarta fase é o "disfarce" ou arrumação final, digamos.

A quinta fase é o "retraimento", ou afastamento dos executores do campo de minas, lançado e ativo. Na estrada de Affricco poderia ser feito à vontade, sem perigo mesmo para quem, por descuido ou brincadeira, pisasse numa das minas anti-tanque, pois só funcionariam com uma pressão, superior ao peso dum homem. Nas margens do Marano, qualquer escorregarão, qualquer passo em falso ou botão que se prendesse aos arames de tropeço, faria a mina funcionar.

Aí está a diferença principal entre o lançamento das duas espécies de minas. O perigo para o executante. A presença opressiva e invisível, dos arames de tropeço.

Operações secundárias, como teste do ignitor, colocação dos arames de tropeço, introdução do ignitor da mina anti-tanque, e atarrachamento da sua "aranha", e outras, sem importância para o nosso objetivo, foram declinadas.

Com esta segunda missão terminara nosso trabalho na frente do II Btl., o qual em sua totalidade, se pode ver no croquis que segue:

CROQUIS

A ela segue-se uma semana de repouso, de pausa, aproveitada para dar mais um reajuste à instrução, baseado nos ensinamentos colhidos nas missões executadas. Utilizamo-la do seguinte modo:.

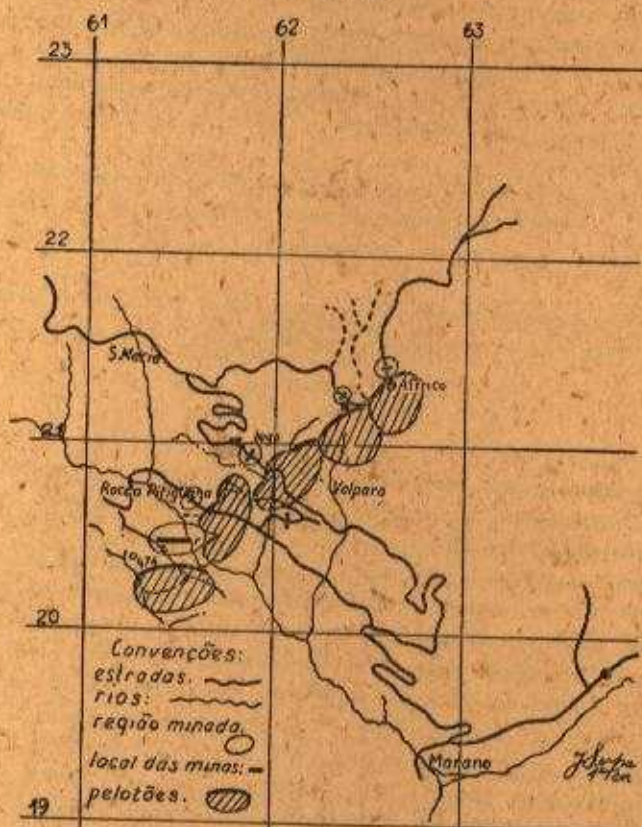
Sabendo o quanto é traiçoeiro e perigoso o manuseio das minas, sentimos bem a necessidade de poder fazê-lo com o máximo de segurança possível. Tornava-se mister preparar o pelotão, tecnicamente. Não sendo possível incluí-lo num curso de minas, o que seria ideal, fomos aos poucos e cuidadosamente, instruindo-o realmente, na execução das próprias missões de guerra. Não poudes isto ser feito em tempo de paz, pois o material necessário à instrução técnica, era inexistente. Visando remediar esta falha generalizada, alguns oficiais e sargentos, foram enviados para frequentar um curso de minas americano em Caserta. Infelizmente os soldados não foram incluídos. Chegara a nossa vez de remediar e... estávamos na guerra.

Contidos por proibições, sobre constante vigilância, submetidos a regras fixas, e preestabelecidas, regulamos quase todos os movimentos dos homens, até determinado momento perigoso, quando então, aguardariam nossa assistência direta.

O soldado podia enterrar, camuflar a mina, esticar os arames de tropeço, testar o ignitor, mas, retirar o pino de segurança, momento crítico e perigoso, do lançamento da mina anti-pessoal, era-lhe vedado. Fazia-o, porém, sob as vistas nossas e as do cabo. Assim procedemos nas primeira e segunda missões com os soldados nossos conhecidos, que,

Secreto

*Croquis das minas
lançadas pelo Pel. de minas na
frente do R.I.*



após pequenos retoques, ministrados nas instruções durante a pausa que se seguiu, ficaram aptos a lançarem idênticos campos, comandados diretamente e sem nossa assistência, pelo cabo Sena. A êste, ensinamos a exigir, executar, corrigir, comandar e amparar nas ocasiões oportunas e necessárias, os seus soldados.

Procedemos depois da mesma forma com os demais cabos e soldados, para que ficassem em igualdade de condições, dentro de suas possibilidades, é lógico. Submetemos os cabos Barros e Sobral, e seus soldados, a constantes e repisadas instruções sobre minas anti-pessoal, auxiliados neste labor, pelos soldados "veteranos". Todos mostraram-se aptos, salvo os soldados C., B., e W. que foi preciso retirar do pelotão.

Os dois primeiros, assimilavam a parte técnica com muita dificuldade, o que os tornava perigosos no manuseio das minas; o último, afeito de mais, podia vir a causar sério acidente. Havia de ser um bom soldado fuzileiro, o que de fato se deu, tendo feito "miserias" nos ataques a Castelo.

Os cabos não eram maus. Mas sem confiança em si, e tímidos, tinham uma ação de comasdo fraca, sem energia, resolução e segurança. Necessitaram de assistência constante, nossa ou do sgt. Velasco. Este tendo feito o mesmo curso que nós, foi um auxiliar ideal devido as suas qualidades. Era bom técnico, cumpridor dos seus deveres e muito trabalhador. Só lhe faltava certo "tato" com os subordinados.

Com o decorrer do tempo e conseqüentes conhecimentos adquiridos sobre as qualidades, defeitos e pendoros naturais dos soldados e cabos, fomos afrouxando as regras preestabelecidas e dilatando-lhes os respectivos campos de ação. A uns, permitíamos retirar o pino de segurança, e se recolherem ao ponto de reunião; a outros isto era vedado; a fulano davamos uma missão difícil, já a beltrano, confiavamos uma menos arriscada.

Assim, aos poucos, fomos criando no pelotão insensivelmente, a força indispensável nas lides da guerra, a confiança, que existente subordinados e superiores, congrega-os em torno do ambicionado êxito, seu filho refulgente e querido.

Selecionados por suas tendencias e aptidões, agrupemos os soldados em três turmas ou esquadras, e os entregamos aos cabos, certos de que ao lhes darmos uma missão, esta seria executada com honestidade, êxito e segurança, caso não existisse a fatalidade. O insucesso correria por conta do "Hazard dans la guerre", pois a nossa consciência estava satisfeita.

Erro comum, surgido da ânsia pelo sucesso e receio aos riscos, é o apêgo aos "crques". (1) A estes, figuras destacadas, como sempre há numa coletividade ou fração, o *homem essencial*, são dadas quase tôdas as missões, são oferecidos quase todos os riscos, (acumulativamente), enquanto às figuras mais apagadas e pálidas, maioria incontestê, cabe o papel de "torcida", geralmente invejosa e hipócrita. Cabe ao chefe romper este desequilíbrio. Cabe a êle, dando fôlego aos preferidos, empurrar para a frente, cautelosamente e com segurança, é verdade, os mediocres ou assim pressupostos, pois do meio da massa, muitos não afloram por falta de oportunidade.

(1) "Cada grupo possui sempre um homem essencial, expressa ou tacitamente consagrado como seu chefe". (Col. Munson. Bibl. MH. Vol. XXIII.

Guardemos os craques para os momentos oportunos, críticos, para as missões especiais, quando eram indispensáveis as qualidades superiores dos protegidos pela sorte.

Lembremo-nos então de Leonidas e do clássico e imortal sacrifício das Termópilas; de Osório no Passo da Pátria, em Tuiuti ou Avaí. A guerra greco-persa não é o lançamento de um campo de minas, não é um "golpe de mão de um pelotão de fuzileiros, não é uma ação de patrulha, mas tudo é relativo. Com boa vontade, procurando bem, encontraremos os pontos comuns.

Outro dever do chefe é amparar os comandantes subordinados menos queridos, orientando-os, auxiliando-os. Tal tivemos que fazer em nosso pelotão, onde os soldados preferiam trabalhar com o cabo Sena, no qual mais confiavam. Vimo-nos em apuros para a distribuição dos homens. Inicialmente as missões mais delicadas e perigosas, inevitáveis e ditadas pelas necessidades da guerra, e não por programa de instrução do tempo de paz, preestabelecido, foram entregues ao Sena e aos melhores soldados, sobre nossa constante vigilância, enquanto aos menos aptos, demos as missões mais fáceis. Aos poucos e gradualmente, fomos, segundo as nossas observações sobre os homens, fazendo sua utilização de acordo ficarem, finalmente, todos em igualdade de condições. No início moscom seus pendores e qualidades, dando-lhes tarefas mais perigosas, até travam-se ressabiados, depois já trabalhavam satisfeitos, quase que indistintamente, com qualquer dos cabos.

Dentre os mediocres, surgiram assim, vários elementos que se destacaram no pelotão. Outros tiveram que ser afastados. Se nós nos tivéssemos apegados à turma de craques, ficaríamos com uma esquadra de executantes e duas de "torcida", o que, além de desgostar alguns elementos destas duas esquadras, feridos nos seus brios, nos traria preocupado com a falta de justiça e equidade de nosso comando. Verdade é que alguns, gostariam mais da função de espectadores, mas, foram levados para a frente... Não opunham propriamente resistência, porém eram retardados e comodistas. Um estímulo, uma palavra, um gesto, ou um empurrão, em outros casos, transformam muitos espectadores ex executantes, e, ironia, geralmente bons.

Assim, aproveitando a pausa que se seguiu à nossa segunda missão, ficamos com todo o pelotão em condições de remover e lançar minas anti-pessoal e anti-tanque, dos tipos conhecidos, só faltando batizar as esquadras do Barros e Sobral, numa missão real com as da primeira espécie, o que seria feito na primeira oportunidade.

Instruídos, reajustados os diversos elementos, empurrando aqui, louvando ou repreendendo ali, auxiliando acolá, sempre visando a fraternidade, a união e a solidariedade, sempre visando o preparo para o

ESCOLA DE SUB-OFICIAIS

RUI ALENCAR NOGUEIRA

Cap. Inf.

Procede-se, neste momento, a uma reestruturação do Exército, com a reorganização em moldes mais adequados da tradicional "Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais" e à reinstalação da legendária "Escola de Sargentos de Infantaria" a E.S.I. tão falada e que tão bons resultados deu, na formação dos nossos graduados.

Reajustam-se os dispositivos para novos lanços e para a conquista de grandes objetivos no setor do adexramento dos quadros.

Modernizam-se os regulamentos, adaptando-os às necessidades da época, extirpando-se o que há nêles de arcaico e tornando-os perfeitos nos seus princípios.

Colhem-se dados para novos estudos e esperamos que, desta fôrma, entremos em uma fase de rejuvenescimento de idéias e de métodos, para benefício geral.

Imbuídos de conceitos atualizados adquiridos na guerra pelo contacto direto com os nossos irmãos do exército americano, certamente, os bravos oficiais da F.E.B. e àqueles que estagiaram nas forças armadas dos E. Unidos, poderão difundir uma mentalidade consentânea com a época, bem diferente daquela que, infelizmente e máu grado tantas experiências ainda perdura, de que o militar deve ser sempre o *nazareno* do século XX, dormindo em camas de prégos, passando mal, martirizando-se sempre, como treinamento aflitivo para a guerra.

Inquietam-se os que pensam assim (e não são poucos) somente com a suposição de que num quartel deva haver mais conforto do que em qualquer outro lugar e julgam absurdo consentir que um acampamento não seja para grandes sacrifícios, onde pouco se possa fazer de útil verdadeiramente à instrução mas, em compensação, haja, lama, desconforto, atraso no servir a alimentação, poucos recursos e tudo o mais que seja acessível realizar neste gênero.

A isto denominam treinar para a guerra.

Para êstes, há sempre a história ... *no meu tempo!*

Contentam-se em não admitir a evolução natural das coisas. A frase ... *no meu tempo* vem aos lábios como tábua de salvação para tudo. Tem que ser assim ... *no meu tempo* não havia nada disto!

A mentalidade do *sufredor* é de tal modo generalizada que acabamos todos por achá-la justa e a única condigna com as nossas possibilidades econômicas.

Qualquer melhoria que possa aparecer para as forças armadas, de um modo geral, dá lugar a um sem número de protestos e, então, os que são da teoria "*do meu tempo*" encontram outra oportunidade para formar o côro.

As finanças do país são sempre cuidadosamente prescrutadas se há necessidade imperiosa de atender a uma exigência elementar para o custeio da vida mesmo porque as forças armadas, formando um conglomerado cuja base é a disciplina, não podem protestar publicamente contra atos e fatos, acomodando-se à eterna penúria.

Indiscutivelmente tudo isto tem que passar e nós teremos que marchar para melhores dias, tornando o nosso exército efetivamente mais robustecido, mais vigoroso e potente para o desempenho das suas missões.

Muito é preciso fazer. E não serão esses *rotineiros* da caserna, como nós, que poderão enfrentar tão grandes realizações.

Torna-se imperioso que se alevantem as vozes autorizadas daqueles que mais credenciados estão para isto, daqueles que ampliaram seus conhecimentos, que têm a experiência da guerra e que desempenharam funções que o colocam em condições favoráveis para tal fim.

Negar esta colaboração indispensável é atitude injustificável e, para satisfação de todos, tal não acontece. O interesse pelo nosso aperfeiçoamento material e intelectual é uma realidade.

Vivendo exclusivamente a vida da caserna, desde Aspirante, temos sentido inúmeras vezes a necessidade da criação de uma Escola de Sub-Oficiais ou de Sub-Tenentes, como denominamos regulamentarmente.

Crêmos, destarte, ter chegado o ensejo para alvitarmos tal medida aos nosso chefes, pelos motivos expostos acima.

A hora é de aperfeiçoamento.

O exército argentino possui uma excelente escola deste gênero e, supomos, não ser o único que adota tal medida.

Que vantagens teríamos então?

Em primeiro lugar, remoçaremos o quadro de Sub-tenentes, possibilitando aos sargentos mais capazes e ainda mais jovens e cheios de *elan* galgarem acesso, mediante a realização de um curso regular.

Além disto, conseguiremos sub-tenentes mais hábeis e mais competentes pelo aperfeiçoamento de conhecimentos indispensáveis às funções que exercem, facilitando a vida administrativa da sub-unidade.

Como consequência disto, conceder-se-ão maiores encargos e maiores responsabilidades, de par com outras tantas regalias e direitos, por-

quanto haverá a certeza do perfeito desempenho, uma vez que a seleção intelectual e física indicará os que estejam com as condições exigidas.

Possivelmente, no própria E.S.I., poderá funcionar o referido curso, com a duração provável de cinco meses, facilitando o ingresso de duas últimas de sargentos anualmente e circunscrevendo-se o ensino ao básico e indispensável às verdadeiras funções do Sub-tenente.

Um exame prévio para admissão, constando de português, aritmética, higiene e escrituração militar, faria uma primeira seleção.

O abandono dos velhos clássicos programas teóricos da topografia, do estudo da bússola, dos socorros médicos de urgência da leitura e interpretação dos *regulamentos*, da confecção de obras de faxina em miniatura e que servem para ajudar aos que coxilam após o almoço mas que, na prática, justificam o programa da semana, devem ser totalmente abolidos, no curso em questão.

A envez disto, talvez seja indispensável ensinarem-se princípios de administração, de legislação militar, escrituração, noções de matemática necessárias às funções, contabilidade (apenas o essencial), noções sobre higiene da alimentação, (muito importante) transportes, movimentos, circulação, informações, noções sobre motores, revisão sobre armamento, visitas a fábricas, arsenais e prática de direção de automóvel.

Crêmos que, deste modo, o sub-tenente ficará preparado para desempenhar com a máxima eficiência, as diversas missões que lhe sejam atribuídas na paz e na guerra.

Como até agora se vem processando, o sub-tenente méro depositário, pouca responsabilidade têm porquanto, tudo está colocado sobre os ombros do Cap. . . Até mesmo pela exatidão das folhas de vencimentos é o Cap. responsável em seguida a aposição do seu nome, quando todo trabalho material é feito sob responsabilidade do sub-tenente.

Está mais do que provado que o Cap. não pôde ser o *homem dos sete instrumentos*. Os se dedica a uma coisa ou a outra. Se cuida apenas da administração têm que deixar a instrução em mãos dos tenentes. Se aplica seu esforço principal nesta última, têm que confiar no sub-tenente naquela outra parte.

E aí está, justamente, o ponto mais importante. O Cap. deve e tem que confiar no seu sub-tenente. É um seu auxiliar prestimoso.

No entanto, ninguém impõe confiança a outrem. Ela é adquirida e isto só pederá ser conseguido com a certeza de que cada um é, realmente, capaz.

Havendo uma formação regular do sub-tenente, mediante curso apropriado, dar-se-á a ele maior soma de responsabilidade, deixando-o mais à vontade e menos peiado para cumprimento dos seus deveres.

Definir-se-ão melhor suas atribuições e dentro da sub-unidade terá êle papel mais saliente.

Porque não atribuir ao sub-tenente as responsabilidades do pagamento da sub-unidade?

Capacitado devidamente, uma vez que moral não lhes falta, exercerão perfeitamente as funções de tesoureiro dentro da sua sub-unidade, sob fiscalização do Cap..

A ligação entre êle, A Sec. Administrativa e o elemento pagador seria maior, trazendo grandes benefícios ao serviço, facilitando o trabalho estafante da burocracia, aliviando o Cap. d'êste encargo e definindo melhor as atribuições pecuniárias.

Por outro lado, sendo o sub-tenente o encarregado do rancho em campanha, como imaginar que ignore princípios fundamentais sôbre higiene da alimentação, dando lugar à improvisação dos cardápios aberrantes e incompatíveis com as exigências da nutrição, em face do esforço dispendido pela tropa?

O que todos nós temos visto comumente é o seguinte: a tropa vai ao campo, dispende maior energia e, em consequência, alimenta-se de carne seca com farofa por ser mais simples de fazer e por falta de soldados cosinheiros porquanto, também os improvisando anualmente, jámais poderemos tê-los a contento.

Conhecendo, também, certos detalhes de fabricação e visitando arsenais, o sub-tenente terá melhores conhecimentos do armamento, não sabendo apenas o que se ensina nos corpos de tropa, mas sendo um verdadeiro técnico no assunto, pelo que envidará maiores esforços pela conservação dos mesmos, porque o conhece admiravelmente e não de maneira sucinta.

Outro ponto que ninguém poderá discutir é a necessidade do estudo dos motores de explosão e da prática de direção e automóvel.

O sub-tenente é, em última análise, o comandante da Seção Extranumerária e, como tal, dispõe de elementos heterogêneos e material diverso que precisa conhecer melhor do que ninguém.

Se ainda mantemos as nossas viaturas com burricos, nem assim podemos pensar que não marchamos para a substituição por veículo motor.

Poderá alguém contestar, então, que o sub-tenente não deva aprender o que foi citado acima?

E não ficamos aí.

Outros materiais de transmissão, não devem ser ignorados e, desta necessidade, decorre uma melhor conservação aos mesmos, porque a ninguém é dado valorisar aquilo que desconhece.

A julgar pelo que temos observado, o que menos nos interessa é a preparação do sub-tenente para comando de Pelotão.

Antes, deve ser ele orientado para conhecimentos técnicos de outro gênero, imprescindíveis à vida da tropa em campanha.

Para o comando de Pelotão, como sempre acontece, não faltarão sargentos habilitados, se as necessidades assim o exigirem, mas a improvisação de um bom sub-tenente não é tarefa das mais fáceis.

Expandindo de público estas nossas idéias, há muito em estado latente, esperamos que sejam bem interpretadas pelos nossos companheiros.

São sugestões e nada mais.



ABERTO DAS 9.30 AS 19 HORAS - SEM INTERRUPÇÃO
 RUJA 7 DE SETEMBRO, 98/100 - RIO - TELS. 42-9073
 42-2474

Emprêsa Gráfica Ouvidor S. A.

Tipografia — Litografia — Linotipia — Folhetos — Papelaria —
 Teses — Encadernação — Pautação — Tímbragem e Libros
 em Branco.

Rua Lavradio, 162/6 — Tels. 22-1018 — 42-0871

Endereço Telegráfico "ZINGERLEU" — Caixa Postal 386

LIVROS NOVOS

De um ilustre Coronel, oficial de Estado Maior, e um dos mais sólidos valores morais do nosso Exército, recebeu o Cap. UMBERTO PEREGRINO, a propósito do livro de sua autoria — *Imagens do Tocantins e da Amazônia* — a seguinte carta:

“Prezado e ilustre camarada
Capitão Umberto Peregrino.
Saudações cordiais.

Enquanto aguardo uma classificação — passei a vista no seu — “*Imagens do Tocantins e da Amazônia*”. Descrição sempre útil e muitas vezes bela.

E só em particularidade e com a franquia da camaradagem — é que lhe aponto, em papel à parte, — algumas explicações sobre termos e expressões regionais.

Creio que somos vizinhos de nascimento: Você nordestino e eu cearense. Mas, tendo eu vivido na “Fazenda” até os quinze anos — devo levar vantagem na terminologia do campo, — sobre o natalense, ainda que lido e corrido.

Acho que o Interior nordestino, — tendo absorvido inteiramente o elemento autótono nos primeiros séculos da formação brasileira e ficado intenso posteriormente, às influências alienígenas — é a Meca de nossas tradições orais.

Aconselho a Escritores moços como Você e Proença (“*Ribeira do S. Francisco*”) — passassem umas férias no alto Sertão; um ano durante o “Inverno” (mês de Abril) e noutro durante a “Sêca” (mês de Outubro); ambos numa *fazenda*, mesmo modesta. Do Camarada e Admirador X.”

Eis as *observações* que acompanhavam a carta:

“Arrear — o bezerro para tirar o leite da vaca (ordenha).

E’ corrente arrear-se um boi nos pantanais matogrossenses e nos campos marajoaras; entretanto, que me consta, em parte

alguma do Brasil se arreia um bezerro. A êste se *arrêlha*, isto é, amarra-se-lhe o *arrelhador* ao pescôço, depois de passá-lo pela mão da vaca.

Presumo que o verbo deriva do substantivo *rêlho*: tira de couro crú, torcida e com vários usos no Sertão. Mas os há, também, de cabelo, mui resistentes, de fácil manêjo e insensíveis às intempéries.

2º *Sistemas de caça* — de espera sôbre mundéu...

Caça-se de *espera* e com *mundéu* (o matuto nordestino diz simplesmente — *mondê*).

Nunca, porém, da fôrma descrita pelo autor. Com efeito; a *Espera* não é mais do que um local de esconderijo para o caçador, geralmente armado; esperando, à distância e na direção conveniente, que a caça venha beber ou comer, segundo o costume. A *espera* pode ficar sob o sólo, ao nível da terra ou tapada; em qualquer caso feito ou completado o disfarce, o mais natural possível.

Já o *Mundéu* não é mais do que uma armadilha que mata a caça por esmagamento.

Compõe-se, em essência, dum tóco de regular comprimento e bastante pêso, que se suspende por uma extremidade e cai entre 2 paliçadas, entre as quais e só pela frente se põe e pode ver a *isca*. Esta, se puxada, desarma o sistema de suspensão, que leva o pau à cabeça e mesmo ao corpo do imprudente.

E há outros meios de caçar, no Sertão, alguns plausivelmente transmitidos pelos tapúias.

3º — *Verbo conhecer* — no sentido lato ou próprio, — tem pelo Brasil todo o significado dos Léxicos portugueses. No sentido translato ou figurado, sim, é que discretamente diz o sertanêjo que certo mancebo *não conhece* mulher, ou que certa mulher *não conhece* homem; para se entender que um e outra são *virgens* de relações sexuais. Daí, porém, se inferir que o verbo *conhecer* ali ou alhures quer dizer... — é uma injúria às nossas tradições orais, se não maledicência.

4º — *Terruada*... ou *torroada*? Prefiro a última fôrma, derivada de *torrão* (até de assucar). As pisadas dos solípedes nos terrenos argilosos e molhados, deixam-nos, depois de sêcos,

com rugas maiores ou menores e incômodas ao trânsito. Estas protuberâncias é que se denominam torrões (quiça por esboçarem tôrres).

Também, depois de arada, a terra fica entorrada, que desaparece com o gradeamento.

5º — *Encondeado* ou encadeado? O substantivo é *candeia* e no sentido em que o termo está empregado — no meu sertão se usa a segunda palavra.

Porque a facão vi matar muito peixe e a pau muito passarinho; uns e outros *encadeados* com facho ou tocha, em noite escura”.

À carta o Cap. UMBERTO PEREGRINO respondeu nos termos que se seguem:

“Ilustre Cel.

Foi uma desvanecedora surpresa para mim a sua recente carta sobre o meu velho e esquecido livro de impressões do Tocantins e da Amazônia.

Nada mais grato para um autor que compreenda o sentido do ofício de escrever do que manifestações do teôr da sua. Pois se escrevemos para ser úteis — propondo questões, esclarecendo problemas, discutindo princípios, fixando observações — nosso êxito deve ser aferido pelas reações que despertamos. Ora, os seus substanciosos reparos denunciam a atenção e o interesse que lhe mereceram as minhas insistentes notas sobre a linguagem regional nordetina. Folgo que tenham sido tão escassos os pontos sensíveis à sua crítica. E assim mesmo, deixe-me dizer-lhe, ela é improcedente em alguns casos, e noutros tão discutível quanto aquilo que procura corrigir. E’ o que, também à parte, tentarei demonstrar, menos como réplica às suas fundamentadas lições, do que pelo gosto de fornecer novos elementos de investigação, ou, simplesmente, de justificar-me.

Havendo em “A Defesa Nacional” uma seção de crítica bibliográfica — “Livros Novos”, a meu cargo, conquanto apareça atualmente sem assinatura, eu gostaria de inserir lá, com

a sua autorização, a carta e as "observações" que me dirigiu, bem como esta resposta.

Com o maior aprêço e simpatia subscrevo-me.

a) *Umberto Peregrino.*

E as contra-observações ao interessado anotador de *Imagens do Tocantins e da Amazônia* foram estas:

"*Arrear* — o bezerro para tirar o leite da vaca."

Diz o Cel. que um bezerro não se *arreia*, *arrelha-se*, isto é, amarra-se-lhe o arrelhador ao pescoço, depois de passá-lo pela mão da vaca". De fato, a operação a que eu me referia é exatamente essa. Também é certo que os dicionários mais modernos (Candido de Figueiredo, Laudelino) consignam a forma que o Cel. pretende seja a única. No entanto, eu ao empregar *arrear*, em vez de *arrelhar*, estava sendo fiel às puras fontes que o missivista me aconselha, estava reproduzindo rigorosamente o termo que sempre ouvi no sertão e no agreste. Sim, devo esclarecer que os meus conhecimentos da linguagem do Nordeste não são livrescos, nem apenas colhidos em Natal. Até vir para a Escola Militar não havia saído do meu Estado, e todos os anos pontualmente, passava uma parte do inverno no sertão, e o verão numa praia retirada. De outra parte, minha gente, dividida na origem entre o engenho de açúcar e a fazenda de gado, exprimia-se em casa com todos os modismos do sertão e do agreste. Pois bem, *arrear*, foi o que ouvi sempre nas duas zonas. Estaria assim, só por essa razão, a do uso, que o Cel. tão avisadamente considera decisiva, sancionada a forma que utilizei.

Examinarei, contudo, os seus prováveis fundamentos. A forma *arrelhar*, segundo "presume" o missivista, deriva de *relho*. Aliás, a sua "presunção" já poderia estar em estágio menos cauteleso, pois que o "Grande e Novíssimo Dicionário" de Laudelino adota essa origem. Ora, se existe *arrelhar* de *relho*, por que não existiria, com o mesmo sentido, *arreiar* de *arreio*, que já no venerando Bluteau figura com os seguintes significados: "arresta, cabeçata, sustimentas, frontal, circola, ré-dea", etc. Essa *circola* (ciscola atual), então, é tipicamente próxima da corda, correia ou relho de couro cru prendendo o

bezerro, pelo pescoço, à mão da vaca, durante a ordenha. Melhor ainda. Moraes consigna: *Arreatar*, de *arreata* — *atar*, torneando com voltas de corda ou cabo"; e Laudelino, mais copioso, mais desenvolvido, regista além de *arreatar* (atar, dando muitas voltas), *arreatado*, prêso por muitas voltas, amarrado.

O sentido é, positivamente, o mesmo de *arrear*, como empreguei. Apenas não seria lícito esperar que o homem rústico, das lides dos currais, adotasse uma forma tão gramaticalmente elogiável, quanto praticamente detestável. *Arreatar* só mesmo para as coleções dos dicionários...

Passando, porém, da pura especulação aos fatos positivos, vamos encontrar em Laudelino Freire: "Arreador — Espécie de cabresto que prende o focinho do bezerro a uma das patas trazeiras, para impedir-lhe que mame. Relho comprido, usado para tocar a tropa."

Está aí, seguramente, explicada e justificada a forma *arrear*, que sempre ouvi, e cujo emprêgo o Cel. me censurou. Não só *arreador* é também um *relho*, como designa um cabresto próprio para impedir que o bezerro mame. Não pôde haver aproximação maior. E o fato de o dicionarista não haver incluído entre os significados de *arrear* êsse de atar o bezerro para impedir que mame, durante a ordenha, só se explica como omissão. *Arreador* é o instrumento correspondente à execução de um verbo, que não pôde ser senão *arrear*, como *abridor* é o instrumento de *abrir*, *secador* o de *secar*, *medidor* o de *medir*.

Acresce que Laudelino regista também "*arreada* — apressamento do gado alçado", o que é uma nova difinitiva aproximação com *arrear*.

Convém ainda focalizar outro aspecto da questão, igualmente escapo à percuciente observação do meu experimentado impugnador. É que *arreador* e *arrear* bem podem ser as próprias formas *arrelhador* e *arrelhar*, evoluídas na boca do povo, segundo suas tendências de abrandamento prosódico. Com efeito, como há de estar lembrado o missivista, o matuto não pronuncia *velho*, nem *telha*, nem *abelha*; adoça todos êsses termos em *vêio*, *teia*, *abeia* ("cumo beia" é uma expressão popularíssima para indicar grande quantidade). Quando os vocábulos

dêsse tipo são de uso geral, é claro que não ficam sujeitos a deformação permanente. Nunca *velho* será substituído por *vêio*, nem *telha* por *teia*, porque haverá sempre uma maioria utilizando a pronúncia certa. Mas, se os termos são de consumo restrito, se pertencem à linguagem profissional de um grupo autônomo e incontrolável, como é precisamente o caso dos vaqueiros, dos tangerinos, dos tiradores de leite, o fenômeno é inverso, predominam as tendências do grupo.

Embora a estranheza do Cel. ante a forma *arrear*, no sentido de *arrelhar*, se fundamentasse unicamente no testemunho do seu afinado ouvido cearense, não constituindo embargo sério, pois ficaria ouvido contra ouvido, o seu contra o meu, suponho que, depois dessa salutar discussão, nem mesmo a sua estranheza pessoal poderá manter-se, ao menos tão intransigente.

Um ponto resta, porém, a reclamar atenção, e são as indicações implícitas no depoimento do misivista de que os matutos da sua convivência, no sertão cearense, ao contrário dos demais da mesma latitude, falam "explicado", isto é, não adoçam certas prosódias embaraçadas, como a do diagrama *lh*, representativo do fonema lingual-palatal molhado.

Fenômenos, êsses adiantados matutos que, se pronunciavam *arrelhar*, de melhor vera pronunciarão *palha* em vez de *paia*, *mulher* em vez de *mué*, *melhor* em vez de *mió*, *parelha* em vez de *pareia*. São, portanto, muito diferentes dos que conheci e cuja linguagem procurei reproduzir.

Outra impugnação que discutirei é relativa a *mundéu*. Escrevi à pag. 129: "Os índios caçavam a anta pelo sistema de espera, para o que se empoleiravam, quiétos, em mundéus especialmente construídos, nos lugares mais frequentados por elas".

Atribue-me o Cel., por causa dêsse tópico, confusão entre os sistemas de caça com *mundéu* e de *espera*. No entanto, nada mais claro do que o que escrevi. O sistema indicado é limpidamente o de *espera*; apenas esta, para o caso especial da anta, era feita pelos índios do alto de um *mundéu*.

A dúvida surgiu porque, ao que parece, o missivista não admite para *mundéu* nenhum outro significado além de "armadilha que mata a caça por esmagamento". Acontece, porém,

que essa definição restrita é francamente excedida pelos autores que têm compendiado a palavra em vocabulários regionais. (Exs.: "O Dialeto Caipira", Amadeu Amaral — "Mundéu — armadilha para caça; fojo; precipício; construção que ameaça cair". — "Dicionário da Terra e da Gente do Brasil", Bernardino José de Souza — "Mundéu: além de designar uma espécie de armadilha para apanhar caça. Beaurepaire-Rohan registra o sentido de casa velha, arruinada, que ameaça cair").

Pois bem, dessa extensão do significado etimológico de *mundéu* ou *mondé* (do tupi *mô-ndé* — o que envolve, o laço — Teodoro Sampaio) — "construção que ameaça cair" — vem brotando um emprêgo ainda mais amplo do vocábulo, isto é, *mundéu* no sentido também de armação rústica, feia, atravancadora, periclitante. É comum ouvirem-se, na linguagem popular do Nordeste, expressões assim: "O corêto novo da praça parece um *mondé*" — "Eu que não subo neste *mondé*".

Mesmo no extremo Norte, onde é muito acentuada a sobrevivência indígena, devendo, pois, ser guardada maior fidelidade à forma e à substância dos termos dessa origem, mesmo lá ocorre a ampliação do sentido do *mundéu*. Consulte-se, por exemplo, o "Vocabulário Amazônico" de Amando Mendes (1942-São Paulo). Seu registro de *mundéu* é o seguinte: "Mundéo — (mundeo, *mondé*) posto de "espera" paciente do pescador ou caçador, em alcatéia à presa, de tronco de árvore ou palanque: A própria armadilha". Colocarei ainda sob os olhos do meu rigoroso censor precisamente o texto de uma consumada autoridade amazônica em que me louvei para referir a caça da anta nas terras marajoaras: "Os índios matam-no (escreve Raimundo Meraís referindo-se a animal, que no caso é a pixuna, anta preta) a frechadas nas esperas, *mundéus*, onde pacientemente o aguardam por largo tempo" ("O Homem do Pacoval" — Ed. Comp. Melhoramentos de S. Paulo — pag. 226).

Como se vê, apenas reproduzi a lição de um acreditado autor regional. Na sua frase, como na minha, *mundéu* está no sentido fixado pelo "Vocabulário Amazônico" de Amando Mendes.

Incorri ainda no desagrado do Cel. por ter escrito o seguinte, num rápido capítulo dedicado aos modismos do linguajar

de Marajó: "*conhecer* significa ter relações sexuais, o que não é exclusivamente de Marajó; apenas lá, se perguntarmos a um vaqueiro se conhece um homem ele responderá: não senhor, enxergo".

O meu ilustre leitor, cheio de recato, evitando palavras, considera que perpetrei "uma injúria às nossas tradições orais, se não maledicência".

Ora, injúria não cometi porque o fato existe, e maledicência se houve não foi da minha parte, porque quem o interpretou maledicentemente não fui eu. A minha informação refere-se menos a *conhecer* do que a *enxergar*. O que procurei foi indicar que o caboclo de Marajó diz *enxergo* quando nós dizemos *conheço*, empregando este último verbo sómente na acepção sexual. Não quis dizer, nem o meu texto, tão claro, ("*conhecer* significa ter relações sexuais, o que não é exclusivamente de Marajó") autoriza a chocante interpretação que se lhe inquinou.

A propósito de *terroadas* escreve o missivista: "Terruada... ou torroada? Prefiro a última forma" — e entra a justificar essa preferência com algumas hipóteses sobre a origem do vocábulo.

Em verdade outra forma poderia ainda ser alinhada para disputar a sua predileção: *aterroada*, que igualmente existe.

Uma vez que várias formas coexistem, o voto preferencial naturalmente é livre. Cada um usará a que entender. Afigura-se-me, em todo caso, que as razões de origem com que o missivista parece querer seduzir adeptos para o partido das *torroadas*, não são completamente tranquilizadoras. Ele associa o termo a *torrão*. Nada mais lógico, e os grandes dicionaristas antigos, como por exemplo, Aulete, já abonavam essa indisfarçável descendência: "*Torroada* — grande quantidade de torrões. F. *Torrão + ada*").

Mas, por outro lado, o mesmo Aulete consigna a outra forma, atribuindo-lhe uma formação não menos lógica: *Terroada* de *Terrão + ada*. E *terrão*, ainda no seu idôneo registo, vem assim: "Terrão, s. m. v. torrão. F. r. terra".

Eis aí: boas raízes, reconhecidas desde velhos tempos, tanto para *terroadas* como para *toroadas*. Não é à toa que há multiplicidade de formas...

Quanto a mim, quando usei *terroada*, fi-lo sem nenhuma intenção de impôr preferências, mas apenas porque foi essa a forma que ouvi em Marajó.

Resta examinar a derradeira objeção das que o ilustre leitor me levantou. Estranha êle que eu tivesse escrito *encondeado*, e estranha muito bem. Não escrevi mesmo tal palavra inexistente, usei o vocábulo exato, sem nenhum mistério, e que tôda gente conhece: *encandeado*. Na pág. 114 de "Imagens do Tocantins e da Amazônia" está impresso, com efeito, *encandeado*, mas trata-se de simples falha de revisão. Contudo, embora sejam facilmente indentificáveis, no terreno da bôa fé e da elegância intelectual os verdadeiros erros de revisão, não quero deixar que reste a menor dúvida àcerca dêsse *encondeado*. Então remeto os que tenham rúvidas-sôbre se escrevi ou não *encondeado* por *encandeado* ao meu livro de contos "Desencontros", onde se lê "Acendemos um facho que clareava longe. Só viamos era passarinho batendo *encandeado*." (pág. 105) A edição é de 1941, Livraria José Olímpio. O livro do qual o Cel. F. Tavora sacou o *encondeado* é de 1942, edição da Biblioteca Militar. O confronto das datas evidencia, aos mais incrédulos, que eu, graças a Deus, não ignorava palavra tão corriqueira..."

A essa exaustiva elucidação de todos os pontos postos em dúvida, o ilustre missivista, replicou em têrmos de rara elevação, opondo-se, em todo caso, a que fossem publicadas as suas observações. Consentia, porém, que em edições posteriores de *Imagens do Tocantins e da Amazônia*, figurassem "sem menção do informante".

E' o que fazemos agora como antecipação de uma *nota* inserta na nova edição, em preparo do livro do Cap. Umberto Peregrino.

REVISTAS EM REVISTA

De "FUERZAS ARMADAS ECUATORIANAS", N.º de outubro de 1944 — BREVES ENSAIOS SÔBRE "ADESTRAMENTO NA SELVA" — Pelo Ten. LARINZO HINOJÓZA.

E' a selva, começa o articulista, o meio que mais dificuldades oferece ao desempenho do soldado. Com efeito, se examinarmos a sua cobertura, configuração geográfica, constituição geológica, fauna e, acima de tudo, as excelentes condições para praticar a surpresa, concluiremos que, por mais que se diga quanto a essas dificuldades, só teremos um palido reflexo da realidade.

Consideremos a cobertura, segundo a qual podemos classificar a selva em : cerrada, espessa e semi-cerrada. Normalmente a selva espessa se encontra na região amazônica, ao passo que a semi-espessa, é própria dos terrenos adjacentes ao mar. A selva cerrada, além de não haver sido percorrida pelo homem apresenta-se coberta de enormes árvores e mataria tão densa que impede a penetração dos raios solares, e assim o terreno permanece sempre molhado e sob uma espécie de penumbra que limita a visibilidade.

Considerando a configuração geográfica, encontramos terrenos selváticos : semi-ondulados e planos. As dificuldades que oferecem para as operações táticas se acentuam, ainda mais, nas marchas, pois o chão sempre molhado torna-se difícil de dominar nas encostas e, quando plano, apresenta-se pantanoso.

Segundo a contextura geológica os terrenos selváticos são : pedregosos, lodosos, argilosos, arenosos. Nenhum deles é favorável. Os pedregosos ou argilosos, próprios das alturas, estão cobertos por uma escorregadia camada de musgo; os arenosos, nas margens dos rios, são pouco utilizáveis por suas reduzidas extensões e ainda pela variação decorrente do regime das águas;

os terrenos lodosos, em geral formados nas partes planas da selva, são até perigosos, pois não raro formam até tragadores onde o homem desaparece, como se fôra num meio líquido.

No tocante à fauna, os reptéis são os mais perigosos, e existem em abundância na selva.

Este é, a largos traços, o cenerário da selva. O soldado que a desconhece, perde desde o momento em que sabe que vai combater nela, mais ou menos 40 a 50 % do seu valor combativo, e, conforme se adentra na mesma, seu valor vai diminuindo, até anular-se. Tudo por que lhe falta conhecimento do meio.

Como o soldado, individualmente falando, procede, pensa e sente-se ao entrar num caminho que conduza ao interior da selva? Isto é muito complexo. As dificuldades táticas podem resolver-se por meios físicos ou mecânicos, mas não as dificuldades de ordem moral.

Tudo conjura contra o neofito: essa tranquilidade quasi estática que reina na selva e que o homem procura não perturbar para poder distinguir os menores ruídos estranhos; a obscuridade, que tudo rodeia e que impede, muitas vezes, de ver além de 5 metros; quando mais cuidadosamente caminha se produz o ruído de galhos e folhas secas pisados; mais além um reptil a correr faz barulho semelhante ao de gente; um fruto que cãí, um tronco que tomba, dão a impressão de tiros inimigos. A tudo isso se somam pensamentos terroríficos, estimulados pelo ambiente. O soldado imagina que se morrer ficará sem sepultura, abandonado às aves de rapina ou aos carnívoros. Se ferido será encontrado a tempo para ser salvo e haverá como retirá-lo através da selva, por tão longas distâncias sem caminhos nem vieiros?

Não vê seus companheiros nem pressente a presença deles, e esse sentimento de solidão o oprime e aterra. Súbito ouve o estrepito dos morteiros e das metralhadoras sem saber quem as dispara. Na selva o combate não se generaliza imediatamente; às vezes um pelotão encontra um atirador isolado que parece uma força respeitável. Como distinguir, à distância, a origem

do tiro, se a selva deforma o efeito dos ruídos e oculta os gases saídos da boca das armas?

Na selva as unidades devem fracionar-se até sua mais ínfima expressão (companhia, pelotão, esquadra — esta última excepcionalmente), sobretudo se se trata de forças de pequeno efetivo.

Unidades que penetram na selva desaparecem como que tragadas pela enorme boca de um insaciável monstro.

A Artilharia tem terminada a sua tarefa de apoio à Infantaria nos limites da selva, se não conta com rios navegáveis ou vias que permitam transportar seu pesado material.

As transmissões ficam reduzidas à radio-telefonía ou radio-telegrafia, porque não se póde contar com meios que exijam a distensão de fios, e os meios óticos, por sua vez, resultam inoperantes pela falta de visibilidade dentro da selva, enquanto os sinais acusticos não se recomendam em face da obvia necessidade de manter segredo e silêncio.

E os abastecimentos? A este respeito basta considerarmos que, em condições normais, fóra da guerra, já constituem um sério problema no interior da selva. E' de calcular, pois, o que venha a ser isso em campanha, quando se trata de atender milhares de homens que se deslocam e contando com a intervenção perturbadora do inimigo. Contudo, força é reconhecer que o abastecimento pelo ar veio abrir algumas facilidades nesse terreno.

ADESTRAMENTO — A instrução do soldado para a selva deve procurar dar-lhe segurança e coordenação nas ações, deve converter o indivíduo em um combatente capaz de integrar vantajosamente unidades leves e velozes, audazes e flexíveis, que possam desenvolver eficazmente uma espécie de guerrilha, que a modalidade de luta provável na selva.

Pontos em que deve ser instruído o soldado destinado à selva:

- a) Conhecimento e aproveitamento do terreno;

b) orientação (parece-nos que essa instrução deverá merecer especial atenção);

c) desempenho de patrulhas e exploração (também sob cuidados especiais);

d) prática de marchas e estacionamento na selva;

e) ataques e golpes de mão;

f) tiro de armas automáticas e morteiros;

g) trabalhos de fortificação campal na selva;

h) preparação de granadeiros, estafetas, etc.;

i) ligeiros trabalhos de demolições;

j) emprego do machado como ferramenta e como arma branca;

k) exercícios de passagem de rios, remo e natação.

Essa instrução, propõe o articulista, seria ministrada através de campos de treinamento, à maneira de escolas, instaladas na própria selva.

Ficam, pois, aí as observações e sugestões do Tenente Lorenzo Hinojoza, como uma valiosa contribuição sobre matéria que diz volveu direta e seriamente com alguns aspectos da defesa de nosso território.



Moimho Fluminense S.A.

As melhores farinhas de Trigo e de maior rendimento



MARCAS



Telefone 23-1820

END. TEL.

MOIMHOFLUM



RUA URUGUAINA, 118

RIO DE JANEIRO

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA PUBLICADOS NO
"DIÁRIO OFICIAL", DE 20 DE AGOSTO A 20 DE
SETEMBRO DE 1945

A. TÍTULO DE FUNERAL — (Abono).

— Por ocasião do falecimento de oficiais e praças da ativa, da reserva remunerada, reformados ou asilados do Exército, Marinha e Aeronáutica, será abonada a título de funeral, na forma das prescrições vigentes, uma dotação igual a um mês de vencimentos da tabela de vencimentos que estiver em vigor para o pessoal em atividade.

A despesa correrá à conta da dotação própria do orçamento de cada Ministério.

O presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.º 19.533-A de 30-8 — D.O. de 8-9-45).

APARELHOS TELEFÔNICOS — (Instalações).

— I — Tendo em vista a cessação dos motivos que determinaram o estabelecimento de prioridades para instalações de aparelhos telefônicos em residências particulares de oficiais e atendendo às razões apresentadas pela Companhia Telefônica Brasileira, ficam revogadas as medidas anteriores sobre o assunto.

— As unidades e repartições providenciarão para que, a partir desta data, não seja encaminhado nenhum pedido dessa natureza.

— Nos casos de instalações necessárias ao serviço das unidades e repartições, continuarão afetas à Diretoria de Engenharia as providências necessárias, inclusive a fiscalização e o respectivo registro.

— Faça-se a devida comunicação à Companhia Telefônica Brasileira.

(Aviso n.º 2.383 de 4 — D.O. de 6-9-45).

APARELHO CAMPO DE TIRO REDUZIDO — (Adotação).

— De acordo com o parecer do Estado Maior do Exército, formulado em seu Ofício n.º 2 — Reservado/d 3 — Gabinete, de 17 de agosto último, fica adotado no Exército o aparelho "campo de tiro reduzido", tipo americano, destinado à instrução de tiro de artilharia, o qual deverá ser oportunamente fornecido aos corpos, escolas e centros de instrução interessados, pela Diretoria do Material Bélico.

Para tanto, essa Diretoria incluirá nos programas anuais de produção de suas fábricas adequadas a manufatura de um certo número desses aparelhos.

(Aviso n.º 2.427 de 10 — D.O. de 12-9-45).

Biblioteca da Cooperativa Militar Editora
e de Cultura Intelectual «A Defesa Nacional»

LEGISLAÇÃO MILITAR

POR

DANTE TOSCANO DE BRITTO

Capitão do Exército e Bacharel em Direito



Preço: Cr\$ 12,00

CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO ESPECIALIZAÇÃO — (Criação).

O Diário Oficial n.º 192 de 24-8-945, (página n.º 13.906) publica o Decreto-Lei n.º 7.888 de 21, que cria o Centro de Aperfeiçoamento e Especialização do Realengo, dá outras providências.

COMPOSIÇÃO MUSICAL — (Inclusão).

— Autorizo a inclusão no repertório das composições musicais patrióticas da "Marcha da Vitória", de autoria de Lili Moraes e Homero Soares.

(Aviso n.º 2.338 de 31-8 — D.O. de 3-9-945).

DEPÓSITO DE REPRODUÇÃO — (Equiparação).

— O Depósito de Reprodução de São Paulo fica equiparado aos Estabelecimentos de Remonta, sem autonomia administrativa, tendo em vista centralizar a administração desses órgãos, desembaraçando-os de grande parte de seus trabalhos burocráticos. Em consequência, sejam transferidas para a Diretoria de Remonta e Veterinária as dotações de material e pessoal atribuídas ao referido Depósito.

(Aviso n.º 2.410 de 8 — D.O. de 11-9-945).

DIPLOMA DO PRÊMIO CORREIA LIMA — (Aprovação).

— Aprovo o Diploma do "Prêmio Correia Lima", a que se refere o Regulamento para os Centros de Preparação de Oficiais da Reserva em seu art. 96, de acordo com o modelo que este acompanha.

(Aviso n.º 2.370 de 3 — D.O. de 6-9-945).

ENTREPOSTO DE SUBSISTÊNCIA — (Criação).

— Fica autorizada a criação de um Entreposto de Subsistência em Belo Horizonte, para atender as necessidades da respectiva Guarnição. No caso de não ser possível a obtenção de próprio nacional, o referido órgão poderá ser instalado em prédio de aluguel. O Estabelecimento de Subsistência da 4.ª Região Militar providenciará a respeito.

(Aviso n.º 2.480 de 13 — D.O. de 15-9-945).

ESCOLA TÉCNICA DO EXERCITO — (Admissão).

— De acordo com o disposto no art. 59 do Decreto-Lei número 4.130, de 26 de fevereiro de 1942, autorizo, no corrente ano, a inscrição no concurso de admissão à Escola Técnica do Exército de Capitães de todas as armas, até a idade de 35 anos, referida no dia 1 de março de 1946. Fica prorrogado até 15 de outubro próximo o prazo para a entrega dos pedidos de inscrição dos referidos oficiais.

(Aviso n.º 2.439 de 11 — D.O. de 13-9-945).

INSTRUÇÃO PRÉ-MILITAR — (Solução de consulta).

— O Chefe do Estado Maior da 7.ª Região Militar consulta, em radiograma n.º 66, de 21 de julho último, se devem ser organi-

ACABA DE SAIR

Algumas Cousas da Russia

Pelo Cel. J. B. Magalhães
Autor do Fenomeno Militar Russo

INDICE

PRIMEIRA PARTE

- I — Preparação dos quadros.
- II — A política da guerra.
- III — A ciência e a guerra moderna.

SEGUNDA PARTE

- I — O ambiente.
- II — O papel histórico Suvorov.
- III — O exército russo de Suvorov
- IV — O homem e o soldado
- V — Na última fase da vida
- VI — Conclusão.

PREÇO Cr\$ 12,00

Pedidos à Biblioteca de "A Defesa Nacional".

zados Centros de Instrução Pré-Militar nos Aprendizados Agrícolas, de vez que nesses Aprendizados o ensino rural e agrícola básico corresponde ao ensino primário.

Em solução, declaro que junto aos referidos estabelecimentos de ensino devem funcionar os Centros de Instrução Pré-Militar, na forma do disposto no Decreto-Lei n.º 4.642, de 2 de setembro de 1942.

(Aviso n.º 2.295 de 29 — D.O. de 31-8-945).

INSTRUÇÃO REGULANDO O DESTINO DOS OFICIAIS DA F.E.B. — (Aprovação).

O Diário Oficial n.º 201 de 4-9-945, (página n.º 14.468) publica as Instruções aprovadas pelo Ministro da Guerra, regulando o destino dos oficiais da F.E.B., pertencentes aos quadros das armas e dos serviços de Saúde e de Intendência.

JUNTAS DE ALISTAMENTO — (Continuação).

— Excepcionalmente e até ulterior deliberação ficam mantidas as Juntas de Alistamento Militar de Ribeirão Preto e Santos, no Estado de São Paulo, e de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro.

(Aviso n.º 2.264 de 23 — D.O. de 25-8-945).

LEI DE IMPRÉSTIMO e ARRENDAMENTO (Ordem).

— Tendo sido suspensa pelo governo norte-americano a aplicação da "lei de empréstimo e arrendamento", as repartições e estabelecimentos militares não mais deverão formular pedidos de importação com base nessa lei.

As importações para pagamento à vista continuarão a processar-se em conformidade com as Instruções que baixaram com a Portaria n.º 6.120, de 29 de fevereiro de 1944.

(Aviso n.º 2.428 de 10 — D.O. de 12-9-945).

REVISTA "MILITARY REVIEW" — (Autorização).

— A Escola de "Comando e Estado Maior" de Por Leavenworth, Kansas Estados Unidos da América do Norte, edita, como seu órgão oficial a "Military Review", onde, a par de adequada literatura, são ventilados os mais variados assuntos técnico-militares, consoante os ensinamentos que a prática da guerra moderna aconselha.

Este Ministério, reconhecendo de utilidade e de grande interesse para o aprimoramento da cultura militar e geral de nossos quadros, o conhecimento dos assuntos contidos na referida publicação, resolve autorizar e recomendar a circulação da edição em português no Exército, ficando a Biblioteca Militar incumbida de:

a) receber os pedidos de assinatura; fazer a arrecadação e remessa das importâncias correspondentes, entrando, para isso, em contato com a direção da referida revista;

b) fazer sua distribuição pelos subscritores.

(Aviso n.º 2.273 de 24 — D.O. de 28-8-945).

Ensaio Sobre a Informação na Guerra

TRADUÇÃO DOS MAJORES:

José Horacio

e

Enio Garcia



Cr\$ 15,00

LICENCIAMENTO DE PRAÇAS — (Autorisação).

— O Comandante da 1.^a Região Militar propôs que, após a parada de 7 de setembro os comandantes de corpo, diretores de estabelecimentos e chefes de repartição fossem autorizados a licenciar as praças com mais de um ano de serviço, a começar pelos reservistas convocados, por ordem de antiguidade, seguindo-se os conscritos e voluntários, segundo o mesmo critério, desde que os efetivos não odesçam a menos de dois terços.

Em despacho de 7 do corrente, foi concedida a referida autorização.

Torno esse despacho extensivo às demais Regiões Militares, que poderão iniciar o licenciamento a partir de 1.^a de setembro próximo.

(Aviso n.º 2.297 de 29 — D.O. de 31-8-945).

OFICIAIS PARA A ARTILHARIA DE COSTA — (Movimento).

— De 20 de agosto de 1945. — Para execução do disposto no art. 37, da Lei de Movimento de Quadros, declaro:

a) A iniciativa da movimentação de capitães e oficiais superiores para a Artilharia de Costa compete ao respectivo Diretor, mediante proposta ao Ministro da Guerra, por intermédio do Diretor das Armas;

b) A iniciativa da movimentação de capitães e oficiais superiores pertencentes à Artilharia de Costa para a Artilharia de Campanha, Artilharia Anti-Aérea, etc., compete ao Diretor das Armas, mediante proposta ao Ministro da Guerra, por intermédio do Diretor de Artilharia de Costa;

c) A movimentação de subalternos para a Artilharia de Costa ou desta para a Artilharia de Campanha, Anti-Aérea, etc., será sempre feita pela Diretoria das Armas, por proposta do Diretor de Artilharia de Costa, no primeiro caso, e ouvido este, no segundo;

d) As transferências de oficiais de Artilharia, no âmbito da Diretoria de Artilharia de Costa, obedecerão ao seguinte:

a) capitães e oficiais superiores — mediante proposta ao Ministro da Guerra, feita diretamente pelo respectivo Diretor;

b) subalternos — pelo Diretor de Artilharia de Costa, que fará as participações devidas à Diretoria das Armas;

e) Em qualquer movimentação de oficial "apto para o serviço de Estado Maior" o Chefe do Estado Maior do Exército será previamente consultado e na respectiva proposta deverá constar expressamente o parecer daquela Chefia.

f) Por conveniência do serviço, as propostas de que trata o presente aviso não poderão permanecer mais de oito dias na Diretoria encaminhadora.

(Aviso n.º 2.248 de 20-8 — D.O. de 23-9-945).

SERVIÇO C. DE TRANSPORTE DO EXERCITO — (Ordem).

— Torno sem efeito o Aviso n.º 1.411, de 29 de maio de 1944, em virtude do qual o Serviço Central de Transportes do Exército ficara subordinado diretamente ao Gabinete do Ministro da Guerra.

DEEM ESTÁDIO AO EXÉRCITO

POR

Jair Jordão Ramos



Cr\$ 30.00

O aludido Serviço, dora em diante, fica subordinado à Diretoria de Intendência do Exército.
(Aviso n.º 2.260 de 23 — D.O. de 25-8-945).

SERVIÇO POSTAL DA F.E.B. — Extinção).

— Fica extinta, por não mais tornar-se necessária, a censura militar, a cargo do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira.
(Aviso n.º 2.411 de 8. — D.O. de 11-9-945).

USO DE UNIFORMES MILITARES — (Proibição).

— Tendo em vista evitar a reprodução de abusos e irregularidades que tem sido cometidos, nesta Capital e nos Estados, por indivíduos fardados e que se dizem ter pertencido à Força Expedicionária Brasileira, fica terminantemente proibido o uso de uniformes militares ou de peças dos mesmos, pelas praças que tenham pertencido a unidades da referida Força Expedicionária Brasileira e tenham sido licenciados do Serviço do Exército. O uniforme mantido com as praças da F.E.B. ao serem licenciadas, só poderá ser usado pelos seus verdadeiros possuidores, que lutaram pela grandeza do Brasil, quando for expressamente permitido, em festividades militares.

Os Comandantes de Região Militar providenciarão como lhes competir, para cumprimento, do acima disposto, agindo com o máximo rigor contra os infratores.
(Aviso n.º 2.256 de 21 — D. O. de 24-8-945).

BANCO DO BRASIL S. A.

1808—1945

Séde — Rua 1.ª de Março, n.º 66 — Rio de Janeiro (DF)

Taxas de depósitos

Depósitos sem limite	2%	a. a.
Depósitos populares (limite Cr\$ 10.000,00)....	4%	" "
Depósitos limitados (limite Cr\$ 50.000,00)....	3%	" "
Depósitos a prazo fixo :		
Por 6 meses	4%	" "
Por 12 "	5%	" "
Com retirada mensal de juros:		
Por 6 meses	3½%	" "
Por 12 "	4½%	" "
Depósitos de aviso prévio :		
30 dias	3½%	" "
60 "	4½%	" "
90 "	4½%	" "

Letras a prêmio (sêlo proporcional)

Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo.

Colaboram neste número:

Gen. Onofre Muniz Gomes da Silva.

Cel. Renato B. Nunes.

Cel. Paulo Mac Cord.

Maj. Nelson R. Carvalho.

Cap. Médico Dr. Paulo Teodoro Pereira de
Melo.

Cap. Rui Alencar Nogueira.

Cap. Otávio Alves Velho.

1.º Ten. José de Freitas Lima Serpa.



Cr\$ 5,00

Editora e Obras Gráficas A NOITE
Av. Mal. Floriano, 15 e 21 — Rio.